

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de Doutoramento em Linguística, na área de especialidade em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, apresentamos uma investigação que tem como objecto um estudo em Lexicologia e Lexicografia Bilingue de Aprendizagem.

Partindo do conhecimento sobre o domínio do léxico, na expressão escrita, por parte das crianças e dos adolescentes da Província do Huambo, pretendemos propor medidas que possam minimizar as dificuldades e as carências que as reformas educativas brutas em Angola foram incapazes de realizar.

Este estudo pretende criar recursos lexicológicos e lexicográficos de aprendizagem da Língua Portuguesa que contribuam para o desenvolvimento da competência lexical. É um trabalho inovador que nunca se realizou de uma forma sistematizada em nenhuma parte da Província.

O insucesso das crianças e dos adolescentes (e mesmo dos adultos) na expressão escrita e oral, no Município do Huambo, cuja sede é Huambo, a antiga Nova Lisboa, nome herdado aquando da colonização, criaram em nós, uma necessidade de pesquisa, com o objectivo principal de remediar este problema.

É demasiado ambicioso pretender que este problema seja ultrapassado com o presente trabalho; se não forem tomadas algumas medidas de carácter didáctico e pedagógico, amanhã, o que se vai falar em Angola será a Língua Portuguesa com muitas deturpações, devido às interferências das línguas trazidas por locutores de países vizinhos e às interferências que decorrem do facto de Angola ser um país multilingue com várias línguas africanas bantu e não-bantu.

Contudo, esta investigação retoma uma preocupação da UNESCO, segundo a qual a língua de uma comunidade está em perigo, quando 30% das suas crianças não a aprendem (cf. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Abril, 2002:36).

Assim, passamos a apresentar a estrutura desta Tese: no Capítulo I, efectuamos uma *Caracterização Sociolinguística da Província do Huambo*, referimo-nos aos

antecedentes históricos de carácter sociolinguístico, bem como ao estatuto da Língua Portuguesa em Angola.

No Capítulo II, apresentamos alguns aspectos sobre o *Contacto de Línguas: A Língua Umbundu e a Língua Portuguesa*

O Capítulo III tem como objecto os *Fundamentos teóricos e metodológicos em Lexicologia e Lexicografia*. No Capítulo IV, apresentamos a *Linguística de Corpus* e descrevemos os fenómenos de *Neologia* na Língua Portuguesa em Angola.

O Capítulo V aborda a *Lexicografia Bilingue de Aprendizagem*, bem como a sua aplicação em contexto das línguas africanas bantu, em contexto angolano.

O Capítulo VI apresenta um modelo de *Dicionário Bilingue de Aprendizagem* para crianças e adolescentes em contexto escolar.

Por último, apresentamos a Conclusão, seguida da Bibliografia e dos Anexos.

Esta investigação tem como tema central a Lexicografia Bilingue de Aprendizagem e como objectivo último o desenvolvimento da competência lexical do Português, por parte dos alunos entre os oito e os quinze anos, no âmbito do sistema escolar, em Angola, em contextos monolingues e bilingues ou mesmo plurilingues.

0.1. O Problema

A *Língua Portuguesa*, em Angola, tem interferências de várias línguas oriundas de diversos países, que, por causa da guerra, chegaram ao nosso país trazidas por povos vizinhos; Angola é um país plurilingue, onde existem várias línguas africanas bantu e não-bantu; nos últimos anos, verifica-se também uma grande influência da variante do Português do Brasil, em consequência do sucesso das várias telenovelas brasileiras apresentadas pela televisão angolana.

Esta investigação tem por objecto o Português em Angola que segue a variedade do Português europeu, mas que está numa fase de evolução graças aos contextos

culturais e linguísticos em que está inserido.

Mas o objectivo fundamental da investigação é o ensino-aprendizagem do léxico, no sistema escolar angolano, de modo a dar uma contribuição ao desenvolvimento da competência lexical dos alunos (crianças e adolescentes).

0.2. Justificação do Tema

A delimitação do objecto de estudo e a justificação do tema tem como preocupação o desenvolvimento da competência lexical da criança e do adolescente.

Assim, optou-se por um público-alvo, constituído por alunos com idade compreendida entre os 8 e os 15 anos de idade, que estão a frequentar o 4º, 5º, 6º e 7º anos de escolaridade, em duas escolas primárias do Município do Huambo.

Pensando no desenvolvimento da competência lexical dos alunos angolanos, em geral, e da Província do Huambo, em particular, é muito importante reflectirmos sobre os princípios do ensino da Língua Portuguesa como língua segunda.

Sublinhamos que a Língua Portuguesa, reconhecida como a língua oficial, é, simultaneamente, a língua de escolaridade e de comunicação nacional e internacional; é também a língua veicular e a base da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, valores éticos, cívicos e culturais.

A importância do ensino-aprendizagem do léxico e da utilização pedagógica do dicionário, neste processo, podem contribuir para o desenvolvimento das competências da expressão escrita, da leitura e da oralidade em Língua Portuguesa, na Província do Huambo, quiçá em toda a Angola, país africano, onde a Língua Portuguesa se encontra mais vigorosamente implantada.

A efectivação ou o sucesso da implementação do ensino da Língua Portuguesa, em contextos bilingues e/ou plurilingues, passa inevitavelmente pela formação de professores.

Ao longo deste trabalho serão explicitadas as principais estratégias para promover o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa, em contexto bilingue e/ou plurilingue.

0.2. Objectivos Gerais

Partindo das teorias e das metodologias propostas pela Lexicologia e Lexicografia de Aprendizagem, os objectivos gerais que regem o presente estudo são os seguintes:

1. Criar um modelo programático, no âmbito da Lexicologia e da Lexicografia de Aprendizagem, que possa melhorar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa de maneira a que as crianças e os adolescentes possam ter um caminho definido, no que se refere ao desenvolvimento e enriquecimento lexical.
2. Reflectir sobre a formação dos docentes do ensino de base de modo a que eles possam ter uma formação em Lexicologia e Lexicografia Aplicadas e uma linha de orientação nas suas actividades pedagógicas.
3. Dinamizar o ensino-aprendizagem do léxico e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da competência lexical das crianças, com base nas teorias e metodologias das disciplinas anteriormente referidas.
4. Introduzir o dicionário no sistema escolar e no processo de ensino-aprendizagem: a utilização pedagógica do dicionário bilingue e as respectivas definições lexicográficas bilingues, apresentando a descrição da equivalência semântica e morfossintáctica das unidades lexicais de línguas com estruturas muito diferentes, podem ser fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, não apenas da Língua Portuguesa, língua materna e língua segunda, mas também da Língua Umbundu, língua materna

0.3. Objectivos Específicos

Passamos a apresentar os objectivos específicos desta investigação:

1. Elaborar um modelo de dicionário, no âmbito da Lexicografia Bilingue de Aprendizagem, útil no processo de ensino-aprendizagem e que sirva de referência para a orientação dos professores de Português, em consonância com o Português Europeu, mas dando conta das especificidades do Português em Angola.
2. Efectuar uma actualização regular dos docentes de Língua Portuguesa, através de seminários periódicos para um aperfeiçoamento metodológico, muito em especial, nas metodologias do ensino do léxico.

0.4. Hipótese

Nesta investigação, formulamos a hipótese da especificidade e importância da disciplina de Língua Portuguesa na formação da criança e do adolescente; por isso, vamos ter em conta uma reflexão de FONSECA, F. I. *et al.* (1994:25) que passamos a citar:

“A Língua Portuguesa não é uma disciplina como as outras. Nem pela sua natureza, nem pelos efeitos que do seu domínio advêm. Descurar a sua especificidade na formação do indivíduo não é só ser surdo face às expectativas sociais; é ser o pior cego frente à realidade concreta da aprendizagem, em seus pressupostos e alicerces”.

As crianças são a maior preocupação deste estudo, porque o que somos hoje, parte necessariamente da infância e da adolescência. É banal afirmar que as crianças são o

futuro da nação. Se elas beneficiarem de um bom processo de ensino-aprendizagem, muito em especial, na área do léxico, o País terá cidadãos com uma expressão mais rigorosa e criativa em Língua Portuguesa.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA PROVÍNCIA

DO HUAMBO

1.1. Antecedentes históricos de carácter sociolinguístico

A População da Província do Huambo e, em especial do Município-sede, caracterizava-se por se expressar correcta e cuidadosamente na Língua Portuguesa. Todavia, com o evoluir do tempo, em consequência de reformas educativas bruscas e da heterogeneidade das populações, oriundas de diversas províncias e de outras regiões fora da Província, por causa da guerra, esta situação inverteu-se consideravelmente.

Acresce que a interferência da *Língua Umbundu* é um outro elemento que dificulta a qualidade da expressão, em Português, das crianças da Província, resultando, frequentemente, em problemas de interferência.

É importante sublinhar, aqui, o que não constitui menor problema, a insuficiência de domínio da Língua Portuguesa e o desconhecimento dos programas de Língua Portuguesa por parte dos docentes. Há casos em que não têm uma formação devida. Assistimos a professores que não são da especialidade a darem aulas de Português. Alguns formados em Química, por exemplo, com dificuldades no domínio da Língua Portuguesa, porque não tiveram acesso a estudos mais aprofundados, é-lhes atribuído o horário da disciplina de Português por ter sido o único que ficou sem docente.

Todos aqueles que fizeram no mínimo o 5º ano dos liceus até 1975, pelo rigor de ensino que vigorava até então, têm um domínio aceitável da língua. Destes, podemos, sem medo de errar, dizer que são a reminiscência daqueles que além dos liceus, andaram também nas missões religiosas, como a Escola Feminina Católica de Babaera, no Município de Katchiungo, da Província do Huambo ou frequentaram o Magistério Primário do Cuima, no Município da Kahala, também no Huambo, bem como os Seminários Católicos.

No período pós-independência, os estudantes dos liceus entraram no sistema de educação, reformado precipitadamente; estes estudantes, cujas competências em Língua

Portuguesa apresentam problemas, são hoje, professores e transmitem dificuldades e erros linguísticos às crianças inseridas no sistema escolar. Existem gravíssimos problemas de recrutamento de docentes, no domínio não apenas do Português, mas também da matemática e cálculo.

Segundo FONSECA, F.I. (1994:23),

“Não obstante, as próprias condições de recrutamento e avaliação dos docentes, há bons e maus professores de Português; os últimos não podem ensinar, mesmo que queiram, antes de mais, porque não sabem o quê nem como; os primeiros, pelo contrário, sabem o quê e o como ensinar”.

O poeta CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, citado por GOMES, A. (2006:176), afirma que:

“A Língua Portuguesa está a ser tão maltratada e ofendida que poderá não resistir até ao ano dois mil”.

O poeta escreveu esta frase no *Jornal do Brasil*, nos anos oitenta, vinte anos antes do ano dois mil. Afirmava ainda que, num exame de admissão, *doze* alunos escreveram de *doze* maneiras diferentes, todas erradas, a palavra “*diurno*”.

No entanto, RODRIGUES, M. P. (2012:36) admite que apesar de

“o discurso oficial declarar o padrão europeu como referência, quer para as instituições escolares, quer para os meios de comunicação social, muitas das suas regras são ainda desconhecidas de uma parte significativa de falantes de Português em Angola, incluindo os próprios professores”.

Salienta-se no entanto, que na Missão do Dondi, Município de Katchiungo, pertencente à Igreja Protestante, os estudantes, apesar de não possuírem o 5º ano do liceu, apresentavam bons níveis no domínio da expressão oral e escrita em Português. Esses estudantes da Missão protestante do Dondi estudavam, em simultâneo, as duas línguas, o Português e o Umbundu.

Esta experiência tem sido importante e deve ser tida em conta, associada às novas metodologias de ensino da língua materna e da língua segunda, especialmente no contexto angolano. Segundo MORRISON, S. (2004:1),

"Language teaching came into its own as a profession in the last century central; to this process was the emergence of the concept of *methods* of language teaching. The method concept in language teaching- the notion of a systematic set of teaching practices based on a particular theory of language and language learning is a powerful one, and the quest for better methods preoccupied teachers and applied linguists throughout the 20th century".

Nas missões, os alunos aprendiam com muito interesse a Língua Portuguesa. Os estudantes da missão protestante utilizavam também o Português nos contactos governamentais, perante o regime português que dominava na altura. Mais tarde, paradoxalmente, muitos desses estudantes foram seleccionados para a função pública, Conservatórias de Registo Civil e mesmo para outras actividades profissionais, como por exemplo as estações ferroviárias, por causa da boa expressão oral e escrita.

Os métodos usados, nos anos sessenta e início da década de setenta, nas Missões Evangélicas, fruto do empenho de Missionários americanos e canadianos, foram muito importantes no processo de ensino-aprendizagem das línguas africanas, em países que herdaram uma língua segunda como oficial.

No momento actual, Angola quer manter a Língua Portuguesa, como língua oficial, e pretende também que as línguas angolanas de origem africana não desapareçam e sejam ensinadas nas escolas de base. Este facto tem como consequência a necessidade de criar metodologias e materiais didácticos, para a efectivação do ensino-aprendizagem de ambas as Línguas, isto é, o Português e o Umbundu.

A manutenção da Língua Portuguesa é um imperativo de todos os Países que a têm como oficial. Concordamos com MENDES, I. (2009:40) que diz o seguinte:

"Esta preocupação pela preservação da Língua Portuguesa já vem de longe. Em 1989, foi criado o Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP) com objectivo idêntico. Chamamos, contudo a atenção para o facto de a sua implementação ter sido possível, graças ao impulso da CPLP, isto é, muito posterior à sua criação".

Esta autora (cf. 2009:40) afirma a necessidade de preservar a Língua Portuguesa, pelas razões acima evocadas e apresenta ainda outras justificações:

"A União das Cidades Capitais da Língua Portuguesa (UCCLA) é outro exemplo da preocupação de preservação da lusofonia. Foi criada em 28 de Junho de 1985 e integra vinte e uma cidades da Europa, África e Ásia, com o objectivo de apoiar as cidades-capitais de Língua Portuguesa".

A criação de comunidades e/ou organizações desta natureza, com o objectivo de preservar a Língua Portuguesa, é extremamente importante. No entanto, estas organizações deveriam dinamizar acções concretas, promovendo esta língua nos países que a têm como língua oficial ou nacional (cf. MENDES, I., 2009:40).

Por último algumas interrogações: a realidade actual angolana tem implicações nas alterações linguísticas de determinada comunidade? Os programas actuais de Língua Portuguesa da reforma educativa são exequíveis? Que antecedentes de ensino na Província do Huambo são determinantes no processo de ensino-aprendizagem? Que diferenças existem entre os dois sistemas de ensino, o colonial e o da pós-independência?

1.2. História da Província do Huambo

A história da Província do Huambo tem o seu início com uma lenda (cf. LIGNE, A. e CRUZ, C. 1971), segundo a qual o primeiro homem negro a quem Deus terá dado o nome de *Féti* (que significa *Princípio*), até à data de 1971, em que se escreveu essa história, era ainda lenda mística, teria nascido no Huambo, tão pertinho da antiga cidade de *Nova Lisboa* que quase se podia afirmar, seguindo o tempo e a tradição, que a raça negra, predominantemente em Angola e no Continente Africano, conheceu os seus primeiros dias no Huambo, em *Nova Lisboa*.

Todavia afirma-se ter existido, efectivamente, o tal «Féti», primeiro negro de África, nascido e criado nestas paragens por criação de Deus. Existem cavernas cheias de ossadas, maravilhosos lugares que são objecto de estudo por parte dos arqueólogos. Segundo LIGNE, A. e CRUZ, C. (1971), «Féti» criado por Deus, apareceu um dia repentinamente, como que caído do céu e colocado por Ele naquele lugar.

O antigo Distrito do Huambo teve início com a Portaria nº 1.040 do Boletim Oficial, nº 32, de 10 de Agosto de 1912, cujo teor se apresenta seguidamente:

“Tendo o Governo do distrito de Benguela enviado, nos termos do artigo 8º do “Regime provisório para concessão de terrenos do Estado, na Província de Angola”, o processo relativo à criação de uma povoação na região do Huambo, com os documentos exigidos pelo §

1º do artigo 6º do citado regime, concordando com a necessidade de criação da referida povoação, tendo em atenção o estabelecido nos artigos 5º, 6º e 7º do já citado regime, e com o voto do Conselho do Governo:

“Hei por conveniente determinar:

1º Que seja criada uma povoação, que se denominará “Cidade do Huambo”, na região da Circunscrição do mesmo nome, ficando a sede desta na mesma povoação.

2º Que essa povoação terá o seu centro no local das antigas habitações da missão católica do Huambo.

3º Que a povoação ficará pertencendo à 2ª ordem.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução desta competir assim o tenham entendido e cumpram.

Residência do Governo-Geral, em Luanda, 8 de Agosto de 1912.

O Governador-Geral, JOSÉ MENDES RIBEIRO NORTON DE MATOS”.

Contudo a actual Província do Huambo, com a área de 31.955 km², foi criada através de um Diploma Legislativo, em 20 de Outubro de 1954, com vida autónoma e Governador próprio, tendo por capital a cidade da então *Nova Lisboa* e que, por determinação do Alto-Comissário Vicente Ferreira, sancionada pelo Governo Central, desempenhou, no papel, as funções de capital da então Província de Angola.

Muito embora a história narre factos e acontecimentos entre 1770 e 1830, datas em que várias expedições penetraram nos sertões do Huambo, para a efectivação da sua ocupação de âmbito administrativo-militar, com a função de proteger as populações colonizadoras e pacificar o gentio da região que, constantemente, arremetia contra os povoadores; mas isso somente foi conseguido aquando da criação da célebre “Ordenança Aventureira”, em 1797, do Bailundo.

Todavia, só com a criação da Capitania-Mor do Bié e Bailundo se efectivou, de

facto, a ocupação das terras do Huambo, com a nomeação, em 5 de Julho de 1890, do primeiro Comandante-Mor do Bailundo, capitão Teixeira da Silva, do qual fazia parte o antigo Distrito do Huambo. Os indígenas, devido à infiltração das forças de ocupação, foram acalmados ou mesmo intimidados. Porém, em 1902, com a revolta do Bailundo, Bié e Huambo, a região foi duramente castigada, cujos resultados se traduziram numa batalha de chacina e destruição, pondo em fuga, para paragens mais tranquilas, todos os colonos que conseguiram escapar à ânsia terrível do indígena em matar e destruir. As sangrentas lutas que então, se travavam, levaram o governo do Estado colonial a enviar três colunas militares contra os revoltosos, auxiliando o regresso dos colonos.

Volidas dezenas de anos depois daqueles acontecimentos, os colonos consideraram esses povos como os que mais estreitamente colaboravam com eles, sendo conhecidos simplesmente por “bailundos”. Os colonos elogiaram-nos, chegando ao ponto de considerá-los, conforme a citação seguinte:

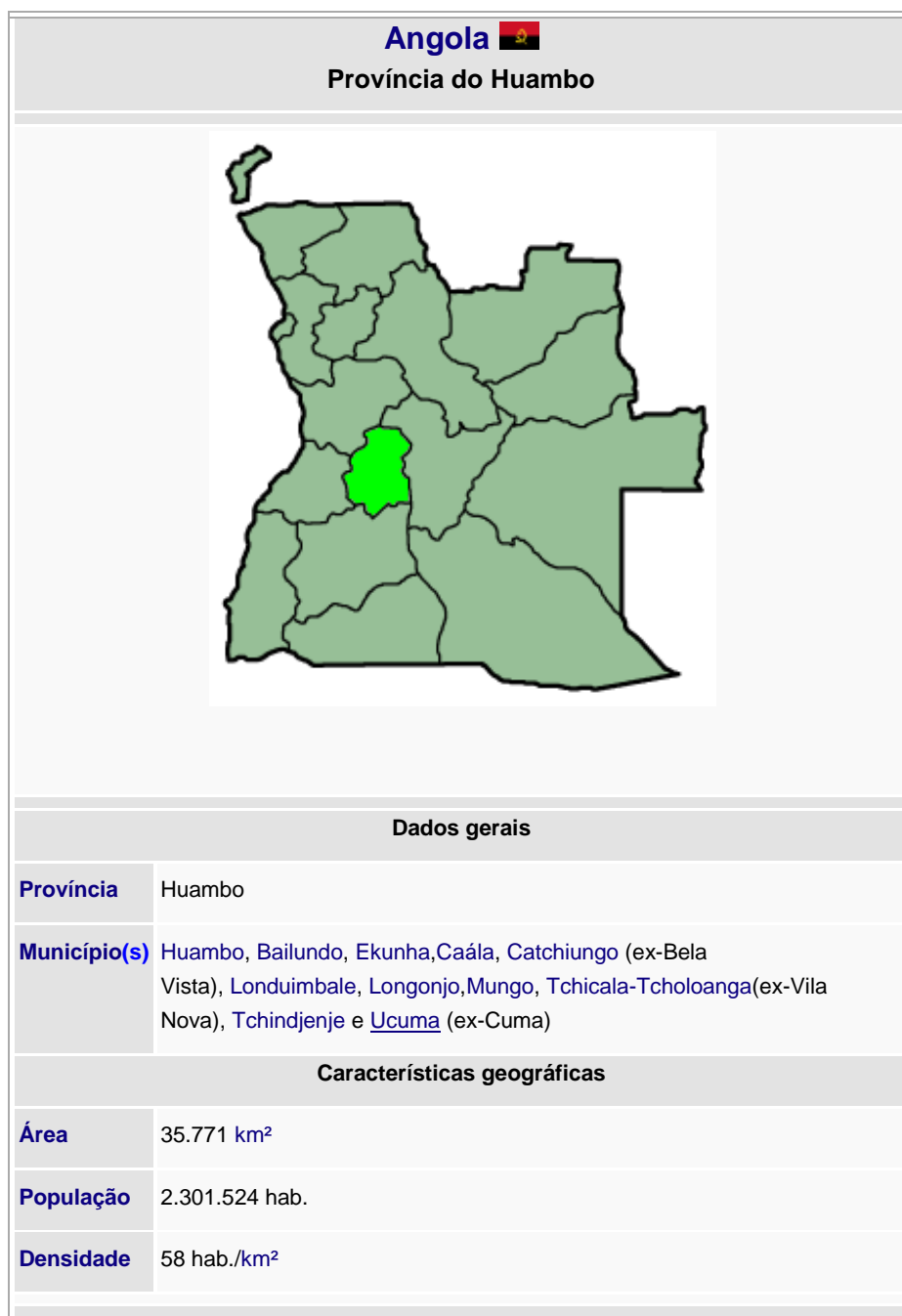
“Em Angola, como em qualquer outro ponto do mundo português onde se fala de guerra de subversão, não pode deixar de haver um rasgo de louvor e de apreço para com os bailundos que, em 1961, souberam, como poucos, honrar a pátria que os viu nascer sob o signo da sua bandeira” LIGNE, A. e CRUZ, C. (1971, s/p.).

O ambiente de paz e liberdade que os colonos passaram a desfrutar originou um notável desenvolvimento comercial e agrícola, contribuindo para um crescente aumento do número dos colonos que por esta região vieram fixar-se, lançando as bases duma obra colonizadora cada vez mais intensa. Tal facto levou o então Governador-Geral, PAIVA COUCEIRO a criar, por Portaria número 340, de 23 de Abril de 1909, o Comando Militar do Huambo dotado de autonomia própria, abrangendo as regiões do Sambo e Cuima, em substituição do antigo Posto desmembrado da jurisdição do Bailundo.

PAIVA COUCEIRO teve a lucidez de prever os grandes potenciais e as riquezas dessa zona planáltica, bem patentes no interesse com que novos colonos demandavam essas paragens; assim, pela Portaria número 558, de 21 de Junho de 1909, criou a Granja

do Huambo, com o fim de preparar o avanço da colonização. Por outro lado, a criação do caminho de ferro de Benguela e da Escola de Ensino Agrícola muito contribuíram para o desenvolvimento desta região.

Mapa da Província do Huambo
(cf. Projecto Angola – Portal de Angola)



Assim, o Huambo separou-se, administrativamente, do Bailundo, em 4 de Maio de 1911, sendo, então, criada a Circunscrição Civil e, nele provido, como seu primeiro administrador, por Portaria número 1.045, de 1 de Agosto de 1911, o capitão Luís Cândido da Silva Patacho.

O Huambo cresceu com energia, capaz de se desenvolver e de progredir num curto espaço de tempo. Consequentemente, o Governador-Geral de Angola, General NORTON DE MATOS, criou a cidade do Huambo, em 8 de Agosto de 1912, através da Portaria já citada, apressando-se a inaugurá-la, em 21 de Setembro do mesmo ano, quando pouco mais havia do que terra deserta com o nome de cidade.

Nessa altura, foi nomeado o primeiro Administrador da cidade do Huambo, Artur Ernesto de Castro Soromenho que, além de Administrador, desempenhou, ainda, as funções de Presidente da Comissão Municipal e, segundo se diz, com tal alcance político-social, que a ele se deve o grande arranque do Huambo, como cidade e como terra, de facto.

LIGNE, A. e CRUZ, C. (1971, s/p.) afirmam que

“Não temos dúvidas, porém, em afirmar que o Huambo e as suas terras se devem, em parte, à passagem da linha do caminho-de-ferro que o empreiteiro MR. PAULING ali fez construir e que, à falta de qualquer outra indicação, preferiu chamar PAULING TOWN, quase uma vila inglesa no coração de Angola”.

Pensou-se em criar uma nova e grande cidade, tal como aconteceu com Brasília, 16 anos depois da fundação e criação da cidade do Huambo; aquela pequena terra do interior passou a chamar-se cidade de *Nova Lisboa*, capital do que chamavam Província de Angola, tendo-lhe sido concedido o primeiro foral, em 10 de Março de 1939 e ampliado, sucessivamente, em 1949 e 1959.

A população do Município do Huambo caracterizava-se por um bom domínio da Língua Portuguesa; foi privilegiada com estabelecimentos escolares, com cursos primários e formação do professorado desses cursos, alguns de formação técnica, graças às escolas e oficinas das Missões católicas e de outros credos.

Pela posição geográfica, esta região constitui, desde antiga data, uma atracção para as obras de evangelização e de ensino; por outro lado, a região possui o maior núcleo populacional de raiz europeia distribuída num só distrito.

Posteriormente, desenvolveu-se um conjunto de Postos Escolares, Escolas Primárias, Escolas de Formação com cursos vários, com artes e ofícios, enfermagem, analistas, auxiliares de veterinária e de agricultura, etc., ministrados por instituições oficiais ou particulares de ensino secundário, liceal ou técnico; em 1962, foram criados os Cursos Superiores de Agricultura, Silvicultura e Agronomia, actualmente Faculdades, funcionando na cidade do Huambo e arredores, ainda em instalações provisórias, mas eficientes, aguardando, para breve, a construção de edifícios adequados às suas instalações definitivas.

Para se fazer uma ideia do complexo das instalações escolares, dos alunos e professores existentes no Huambo, a partir do ano lectivo de 1968-69, nesse ano registou-se a existência de 475 Postos Escolares, sendo 342 das Missões, com 528 salas de aula, onde leccionaram 290 Professores de Posto e 492 monitores, bem como 41 Escolas Primárias, com 100 salas de aula, tendo ali leccionado 152 professores primários e 23 professores de Posto Escolar. Estiveram em exercício, nesse ano, 949 agentes de ensino primário. No mesmo ano escolar de 1968-69, estiveram matriculados nas escolas primárias 7.841 alunos; nos Postos Escolares 14.036 alunos e nos Postos Escolares ou escolas das Missões 21.912 alunos, perfazendo um total de 43.429 alunos, a maior frequência nos Distritos de Angola. No ano escolar anterior, a frequência tinha sido de 36.367 alunos.

Neste nível de ensino, registou-se, no ano lectivo em causa, a existência de 11

colégios particulares, onde leccionavam 48 professores e mais de 91 escolas das Missões não católicas, onde exerceram 194 professores, cuja frequência de alunos foi, respectivamente, de 1.141 e 9.526, elevando para 54.096 o número de alunos.

O Ensino Profissional Elementar (Artes e Ofícios) registou, em 1967-68, um número de 257 alunos, o mais elevado entre os Distritos de Angola. No mesmo ano frequentaram a Escola de Habilitação de Professores, de Posto Escolar do Cuima, 243 alunos e, no mesmo curso, na escola da Bela Vista (hoje, Katchiungo) 111 alunas.

No Ensino Liceal, em 1967-68, funcionaram 9 estabelecimentos (1 oficial e 8 particulares) com 131 professores e 2.792 alunos.

Relativamente ao Ensino Técnico Médio (Instituto Industrial de Nova Lisboa), em 1967-68, frequentaram este Instituto 172 alunos, nos três cursos ali ministrados: 95 em Electrotecnia e Máquinas; 42 em Construção Civil e Minas e 35 em Química Laboratorial e Industrial.

Quanto ao Ensino Técnico Secundário, no ano lectivo de 1967-68, também se registaram números muito apreciáveis, na Escola Comercial e Industrial Sarmiento Rodrigues, em *Nova Lisboa*, assim discriminados: 1.339 alunos e 55 professores.

Por fim, mencionamos o número de alunos das três Faculdades, durante o ano de 1969-70: cursos de Medicina veterinária, 99 estudantes; curso de Agronomia, 71 estudantes e curso de Silvicultura, 2 estudantes (cf. *Revista de Elementos Monográficos sobre o Distrito do Huambo*, de A. LIGNE e C. CRUZ).

Porém, hoje, depois de encarniçadas guerras, que interromperam o curso normal de desenvolvimento dessa região, existem avanços de recuperação, embora com medidas a acautelar e rever relativamente à qualidade de quem ensina.

É difícil apresentar dados estatísticos seguros sobre o número de docentes no sistema educativo actual, na Província do Huambo; mas de forma sucinta apresentamos alguns dados das disposições estruturais do Ministério da Educação, cuja representação

provincial é a Direcção Provincial da Educação do Huambo que coordena as Direcções de Repartições Municipais e estas, por sua vez, fazem a coordenação das Comunas e Aldeias.

Os Programas de Ensino são nacionais o que nos permite opinar sobre a sua exequibilidade relativamente ao desenvolvimento linguístico, em geral, e lexical, em particular, das crianças. A escassez bibliográfica, a irregularidade do fornecimento de energia eléctrica, levam a muitos constrangimentos neste trabalho. Outro ponto constrangedor é o facto de as turmas serem muito heterogéneas.

Não existe uma escola de elite. As comunas e os Municípios da província do Huambo estão apetrechados de escolas com construções de tipo relativamente moderno; o seu equipamento é muito melhor na periferia que no município - sede.

O Huambo cresceu muito, nestes últimos anos, tendo como consequência um grande desenvolvimento rural. Numa escola urbana, estudam crianças de níveis de vida superiores e também crianças das camadas mais baixas.

O único aspecto que torna os alunos diferentes é o facto de uns terem a Língua Umbundu como língua materna e a Língua Portuguesa, como língua segunda, e consequentemente dominarem o Português com dificuldade; outros alunos, numa percentagem inferior, têm o Português como língua materna.

Por isso, os professores necessitam de metodologias e de estratégias de ensino que possam unir essas diferenças.

Nesta óptica, FERRAZ, M.J. (2007:85) comenta:

“Como os alunos não são todos iguais, é da competência do professor atender às diferenças, diferenciando as situações de aprendizagem. Tarefa bem difícil quando na turma há um elevado número de alunos com níveis de desenvolvimento linguístico e intelectual muito distintos, com diferentes ritmos de aquisição das aprendizagens”.

Nestas últimas décadas, a metodologia do ensino da língua tem sido caracterizada por uma variedade de caminhos dentro e fora da sala de aulas.

Ao longo da história do ensino da língua(s), existem várias teorias e metodologias sobre o ensino da língua materna e da língua segunda.

GALISSON, R. (cf. 1999:76-77) traça o percurso cronológico e metodológico das disciplinas vocacionadas para a “educação às línguas”: Linguística Aplicada, Didáctica das Línguas e Didactologia das Línguas-Culturas. O autor reconhece que o alargamento do campo da Didáctica passa não somente pela integração do domínio da cultura, mas estende-se também à problemática disciplinar, à política linguística e cultural, à investigação, à formação de professores e de investigadores.

Assim, é fundamental repensar o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como língua segunda, destinado às crianças e adolescentes que têm a Língua Umbundu como língua materna. Por outro lado, a actualização da formação dos professores é uma tarefa urgente.

Mas como tornar o ensino-aprendizagem do léxico uma realidade? O II Capítulo apresentará os fundamentos teóricos e metodológicos a partir das disciplinas da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, pois a questão lexical, segundo PEREIRA, Z.C.L (cf. 2003:153) é muito importante e tem suscitado investigações nas mais diversas áreas.

1.3. Estatuto da Língua Portuguesa em Angola

A Língua Portuguesa é a língua materna para uma percentagem significativa de angolanos e um instrumento de comunicação que contribui para a unidade nacional e permite a ligação e abertura ao mundo.

Existem várias controvérsias, se é ou não necessária a implementação das Línguas Nacionais Angolanas de Origem Africana no sistema escolar. O nosso ponto de vista, nesta matéria, apresenta as seguintes possibilidades: as Línguas Nacionais são a matéria-prima da preservação cultural e constituem um factor essencial quer no processo de alfabetização, quer no processo de ensino-aprendizagem da língua segunda, isto é, o Português.

Nesta óptica, existem teorias, segundo as quais as línguas de origem podem ser um factor importante na aprendizagem de outras línguas portadoras de outras culturas (cf. ANÇÃ, M.H. 2002:14).

Segundo CHICUNA, A. (2009:25),

"O Português é língua materna para uma minoria da população e língua segunda para a maioria da população. O Português é a única língua oficial e, por conseguinte, é utilizada em toda a Administração Pública. É língua de escolaridade porque é a língua usada no sistema educacional, como meio de ensino, em todos os níveis, e como matéria, com carácter obrigatório, até ao Ensino Médio e Pré-universitário, equivalentes ao Ensino Secundário Português. Mesmo os que não têm o Português como língua materna aprendem, durante o primeiro contacto com a escola, a ler e a escrever em Língua Portuguesa".

O mesmo autor (2009:25) afirma ainda que a Língua Portuguesa, em Angola, tem as funções seguintes:

"O Português é também língua veicular, sendo o meio de comunicação mais utilizado nas zonas urbanas, nos media (Rádio e TV); permite o contacto com os não falantes de nenhuma língua nativa. Também é um meio de aquisição de conhecimentos científicos e tecnológicos e, finalmente, meio de comunicação internacional, porquanto permite o contacto com o exterior".

Gostaríamos também, eventualmente, que este trabalho chamasse a atenção para a necessidade urgente da fixação da grafia das Línguas Angolanas de Origem Africana (línguas bantu e línguas não-bantu) e para uma aproximação da ortografia da Língua Portuguesa na CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

No entanto, pensamos que a uniformização total da ortografia, no espaço da Lusofonia, é quase impossível, uma vez que, por razões fonológicas e morfofonológicas, o Brasil apresenta diferenças gráficas relativamente ao Português Europeu, em consequência das variações fonomorfológicas e lexicais.

Em Angola, a Língua Portuguesa, língua oficial e veicular, existe ao lado das Línguas Angolanas de Origem Africana (bantu e não-bantu) que são línguas maternas para uma grande percentagem da população.

Angola procura o desenvolvimento do ensino das suas línguas africanas, ao mesmo tempo que tem como imperativo manter a Língua Portuguesa. No entanto, segundo Zeferino MARTINS, ex-Secretário Executivo Adjunto da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa,

"a sustentabilidade do desenvolvimento e a renascença africana devem ter como pressuposto o reconhecimento das culturas locais, incluindo línguas, enquanto depositárias da incomensurável reserva de sabedoria tradicional" (in Zau, F. 2002:7).

Assim, Angola não deve fugir à regra de promover o ensino das suas línguas nacionais. Neste sentido, a Lei 13/2001, Lei de Bases do Sistema de Educação de Angola, instituiu as principais línguas nacionais, no ensino, como forma de valorizar a cultura do aluno e, em simultâneo, promover a utilização adequada da Língua Portuguesa, língua oficial, instrumento de comunicação e de estudo.

Na defesa destes princípios, ANÇÃ, M. H. (2002:14) é peremptória, afirmando que

"É inegável que o conhecimento do funcionamento da língua materna do aluno ou do grupo linguístico a que pertence (Bantu, por exemplo) é um apoio importante. Este conhecimento não implica que o professor fale fluentemente essa e outras línguas, mas que saiba reconhecer as zonas conflituosas (sintáticas, léxico-culturais, etc), a fim de encaminhar o aluno a ultrapassar as suas dificuldades específicas, quer de ordem interlinguística, como interferências, decalques, quer de de outra ordem".

A mesma autora (2002:14) acrescenta que

"Atrás de uma língua está uma cultura, ou várias culturas. A sensibilidade a esses dados passa pela descodificação dos universos experienciais e semiológicos do outro e são traços sempre presentes na transmissão/recepção e na apropriação de uma língua segunda".

Estas perspectivas apontam para o ensino do Português não apenas numa vertente de língua materna, mas sobretudo numa perspectiva de língua segunda; mas, como esta autora, interrogamo-nos sobre o que é preciso ter em conta para ensinar a Língua Portuguesa a uma turma com alunos que têm o Português como língua segunda (cf. *helenadte.ua.pt, Dossier Noesis nº51, Universidade de Aveiro*).

Apesar das línguas nacionais africanas não terem desenvolvido conceitos científicos e técnicos, elas são importantes na transmissão de certos conhecimentos tanto culturais como sociais.

Em 1982, investigadores Malianos, conforme cita MENDES, I. (2009:25), afirmavam que

“A primeira função dessas línguas nacionais é, naturalmente, ser a língua do grupo étnico que lhe corresponde. Idioma vernacular de comunicação, ela é veículo dos valores culturais próprios a esse grupo, e, portanto, o seu uso tem valor de identidade”.

Existem similaridades entre vários países africanos com situações linguísticas idênticas ao caso de Angola.

No entanto, as línguas nacionais angolanas têm tido um papel importante no actual contexto sociolinguístico. Nas alíneas seguintes, apresentamos algumas opiniões da população sobre o ensino do Português e das línguas nacionais (cf. ZAU, F. 2002: 237).

1.3.1. Português e línguas nacionais no meio urbano e suburbano

No meio urbano e suburbano, 40% da população aceita a introdução do ensino das línguas africanas angolanas, paralelamente ao da Língua Portuguesa, sobretudo para as crianças que não tiveram esta última, como língua primeira ou materna. No entanto, 27% da população considera que o ensino das línguas africanas não deve ser introduzido e a carga horária da Língua Portuguesa deve ser aumentada, para uma melhor aprendizagem, na pré-escola e no ensino de base do 1º nível.

Mas 11% pensa que se deveria introduzir o ensino das línguas africanas em todas as escolas do ensino de base do 1º nível. No entanto, 9% da população deseja que se introduza o ensino das línguas africanas apenas em algumas escolas do ensino de base; mas 9% acha que se deveria deixar tudo como está, ou seja, não introduzir as línguas africanas no ensino. Por outro lado, 4% da população considera outras razões que justificam a utilização das línguas africanas, como a consolidação da identidade cultural e a transmissão do saber tradicional.

1.3.2. Português e línguas nacionais no meio rural

No meio rural, 44% da população pensa que o ensino das línguas africanas deve ser introduzido, paralelamente ao da Língua Portuguesa, sobretudo para as crianças que não tiveram esta última como língua primeira ou materna. Mas 31% considera que o ensino das línguas africanas deve ser introduzido em todas as escolas de ensino de base do 1º nível; 11% julga que o ensino das línguas africanas deve ser introduzido apenas em algumas escolas do ensino de base.

No entanto, 11% afirma que não se deve introduzir o ensino de línguas africanas, mas sim aumentar a carga horária da Língua Portuguesa, para uma melhor aprendizagem na pré-escola e no ensino de base do 1º nível. Por outro lado, 3% da população considera que deveriam ser utilizadas as línguas africanas nas escolas do ensino de base do 1º nível, dando, no entanto, justificações de ordem cultural.

1.3.3. Função da(s) cultura(s)

A cultura tem um papel importantíssimo na aprendizagem de qualquer língua, tanto materna como segunda. Segundo GALISSON, R. (1999: 22),

“Si l’on exclut la culture générale qui fait également partie de l’objectif culturel de l’école, pour trouver leur assiette, jalonner leur place au soleil... ou à l’ombre, les cultures particulières ont eu à se positionner par rapport à des référentiels successifs, au cours de leur évolution”.

Partilhando do mesmo ponto de vista, RODRIGUES, M.P. (2012:25), afirma que

“Neste espaço pluricontinental da Língua Portuguesa foram abolidas fronteiras linguísticas e podemos circular livremente pelas raízes e

pelas histórias das Nações e Estados diferenciados, conseguindo ter acesso ao maior tesouro de intimidade da alma de cada povo: a sua cultura”.

O espaço intercultural da Língua Portuguesa promove o contacto e o diálogo com o novo, com o desconhecido, com o outro. A mesma autora (2012:25), cita LOURENÇO, R. (1996) segundo o qual

“Não é pelo facto de se chamar aos Africanos de Lusófonos que vão sentir-se como tal (...) contudo considero que esse sentimento que se tem de uma certa familiaridade de quem se conhece há longa data nos permite amarmo-nos e brigarmos com paixão”.

As investigações de ZAU, F. (cf. 2002:238) apresentam razões pertinentes para a necessidade de adoptar metodologias que possam promover metodologias bilingues de ensino-aprendizagem.

Assim, julgamos ser urgente a criação de mecanismos que possam implementar as línguas nacionais angolanas que estão associadas às suas culturas específicas. Esta iniciativa contribuiria para um ensino-aprendizagem mais eficaz do Português como língua segunda e ajudaria a homogeneizar o ensino do Português para todas as crianças que têm esta língua como materna.

A Língua Portuguesa encontra-se bem posicionada, no contexto geolinguístico internacional, sendo um dos raros idiomas que detém o estatuto de língua materna em estados ou territórios de quatro continentes (cf. COUTO, J., 2002:4).

Nesta óptica, julgamos que a Lexicografia Bilingue de Aprendizagem pode dar uma contribuição importante ao ensino-aprendizagem quer da Língua Portuguesa quer das

línguas nacionais angolanas, quer numa perspectiva de língua materna, quer de língua segunda.

1.4. Caracterização das Línguas Africanas

A diversidade cultural das várias etnias, em Angola, é objecto de vários estudos. Essa diversidade pressupõe um conhecimento da História de África. O termo *Bantu*, significa *Seres Humanos* ou simplesmente, *Pessoas*, cujo singular é *Muntu*. As Línguas Africanas faladas, em Angola, são em grande parte da origem Bantu e possuem um parentesco, pelas semelhanças fonológicas e morfológicas que apresentam.

A estrutura linguística Bantu apresenta divisões; MUDIAMBU, Q. (2013:23) sustenta que

"as Línguas do Continente Africano podem ser subdivididas em dois ou três grandes grupos. As que fazem parte da África do Norte, a África Branca, mereceram sempre uma atenção particular em detrimento das outras. As Línguas do Leste e do Sul do Continente foram estudadas por linguístas de pouca experiência científica ou por outros curiosos".

Actualmente, muitos estudiosos investigam sobre este interessantíssimo campo das ciências humanas.

GREENBERG, J., linguista americano, interessou-se por este estudo e com base numa análise criteriosa, classificou as línguas africanas numa nova ordem, questionando a teoria que afirmava que as línguas da África subequatorial, designadas de *línguas bantu*, eram aparentadas com as *línguas camito-semíticas*. Dizia ainda, que é um tema que precisa duma investigação profunda para esclarecer as dúvidas sobre as verdadeiras origens das línguas africanas ao sul do Sahara.

Sobre a mesma problemática, CHICUNA, A. (2009:11) apresenta algumas reflexões sobre as Línguas Bantu:

"o povo Bantu designa o conjunto de populações da África subequatorial que falam línguas da mesma família, embora pertencendo a tipos étnicos muito diversos, designando o ser humano por *muntu*, no singular, e *bantu*, no plural. Dos Bantu não fazem parte os Bochimanes e os Hotentotes que também são povos da África subequatorial. Em Kiyombe, o lexema *mutu* significa pessoa, sendo o seu plural *bantu*, significando pessoas, gente. As línguas Bantu pertencem à subfamília Níger-Congo da família Congo Cordofoniana, uma das quatro famílias das línguas africanas. De acordo com esta classificação, torna-se evidente que Bantu não designa família nem indica a origem de quaisquer línguas, mas identifica um grupo de línguas. Assim, podemos afirmar que o Kiyombe e todas as línguas nativas de Cabinda pertencem ao grupo bantu".

1.5. Classificação das Línguas Africanas Bantu e sua localização

Nesta alínea, destacaremos as posições de alguns investigadores sobre a classificação e repartição das línguas bantu; em primeiro lugar, analisamos a organização feita por CHICUNA, A. (2009:12):

"O espaço linguístico em que são faladas as línguas bantu abarca os seguintes territórios: Camarões (uma parte), Gabão, Guiné Equatorial, República Centro Africana, São Tomé e Príncipe, República Democrática do Congo, Angola e o seu enclave de Cabinda, República do Congo, Ruanda, Burundi, Uganda, Quénia,

Tanzânia, Angola, Zâmbia, Malawi, Moçambique, Zimbabwe, Namíbia (na parte norte), Botswana, Swazilândia, Lesotho e África do Sul. Muitos linguistas já se debruçaram sobre a classificação das línguas Bantu, apresentando o seu estudo científico".

GREENBERG (apud J. KI-ZERBO, 2002: 307-323), ao classificar as línguas africanas, integra as línguas Bantu na família Congo-Kordofaniana, alargando o Níger-Congo, Bantu, Makhuwa e Xirima. Esta lista, conforme o autor explica, constitui um conjunto relativo a uma família.

NGUNGA, A. (2004: 19-53) apresenta também, na sua obra *Introdução à Linguística Bantu*, a classificação das línguas bantu; afirma que Bantu não é uma família, nem indica origem de línguas, como é frequente dizer-se de um modo errado. E acrescenta que todas as línguas moçambicanas africanas são do grupo bantu, mas não são uma família.

1.6. Grupos linguísticos classificados como línguas bantu

As línguas bantu foram classificadas por GUTHRIE, M. (cf. 1948:50) em grupos de acordo com zonas geográficas. GUTHRIE também reconstruiu o *proto-bantu* como o *proto-idioma* deste grupo de idiomas.

A actual abrangência do grupo linguístico deve-se à expansão bantu, que provavelmente ocorreu há, aproximadamente, 2000 anos.

A palavra *bantu* foi, primeiramente, usada por BLEEK, W.H.I. (1827:75) com o significado de povo, como se pode observar em muitas destas línguas, onde existe o radical *ntu* referindo-se a *ser humano*; *ba-* é um prefixo que indica o plural para *seres humanos* em muitas destas línguas.

BLEEK, W.H.I. (1827:75) e mais tarde MEINHOF, C. (1906) fizeram estudos comparativos das gramáticas das línguas bantu.

No mapa da página seguinte, cada Zona linguística representa vários grupos de línguas, estabelecidos conforme critérios de proximidade/distanciamento linguístico e geográfico, refletindo um certo grau de proximidade genealógica.

COLE, D. T. (1961: 37-38-a)) define as Zonas do seguinte modo:

“as Zonas são agregados de línguas que têm uma certa similaridade de fenómenos linguísticos. As Zonas são subdivididas em Grupos, cujas línguas têm traços fonéticos e gramaticais comuns e são tão similares que chegam a ser em grande medida mutuamente inteligíveis”.

Mapa de localização dos subgrupos linguísticos nigero-congoleses.

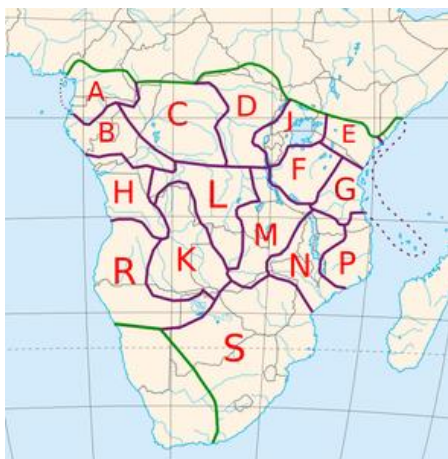


Relativamente a esta problemática, CHICUNA, A. (2009:14) apresenta ainda outras informações:

"Em África, dado o factor multi-étnico das actuais sociedades, regista-se o plurilinguismo em todos os países ou regiões resultantes do processo de colonização europeia. Por conseguinte, o nome de uma língua corresponde à designação de uma dada etnia, ou seja, em África, há uma relação de correspondência de designações entre a etnia e a língua. Tendo em consideração a pluralidade étnica existente nos países Africanos, classificar as línguas Bantu, na expressão de OBENGA (1985:21), significa classificar as diferentes etnias bantu, pois estas são designadas pelo mesmo termo que servem para chamar os seus falares. Assim, o nome das etnias, em África, é idêntico ao das línguas que as mesmas falam".

Na década de 40, GUTHRIE, M. (1948: 50) agrupou as línguas bantu em quinze "Zonas" geográficas, representadas por letras maiúsculas, nomeadamente: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S.

Mapa de distribuição das 15 zonas bantu



Existe alguma controvérsia sobre a identidade de algumas línguas bantu, que alguns linguistas consideram dialectos de uma língua. Em Moçambique, por exemplo, a língua principal do sul do país é a língua Tsonga, embora os seus dialetos, xiChangana, xiRonga e xiTswa sejam muitas vezes considerados línguas.

A característica gramatical mais importante das línguas bantu é o uso de prefixos. Cada substantivo pertence a uma classe e cada língua pode ter aproximadamente dez classes. A classe é indicada por um prefixo no substantivo, como também em adjetivos e verbos que concordam com aquele. O plural é indicado por uma mudança de prefixo.

O verbo tem vários prefixos. Por exemplo, em Suaíli "*Mtoto mdogo amekisoma*" significa "*A criança pequena leu isto*" (um livro). *Mtoto*, "criança", governa o prefixo do adjetivo *m -*, e o sujeito do verbo com o prefixo *a -*. A seguir vem o tempo do verbo (perfeito) *-me -* e um marcador de objeto *-ki -*, concordando com *kitabu* (implícito), *livro*. O plural desta frase é: *Watoto wadogo wamekisoma*; se usarmos o plural para livros (*vitabu*), a frase torna-se: *Watoto wadogo wamevisoma*.

A língua bantu com o número maior de falantes é o Suaíli; analisando a história deste idioma, alguns linguistas acreditam que as línguas bantu formam um contínuo desde línguas tonais até línguas sem nenhum tom.

Outras línguas bantu importantes incluem o Lingala, o Luganda, o Kikongo, o Kimbundu, o Umbundo, o Kioko, e o Cinianja, na África Central e Oriental, e o Xichona, o Ndebele do Norte, o Setswana, o Sesotho, o Zulu, o Xhosa, o Ambó, o Sepedi, e o Suázi na África Meridional.

Segundo LUSAKALALU, P. (2005:14),

"O glossónimo Umbundu apresenta morfologicamente o prefixo nominal *u-* e a raiz *-mbundu*. Esta raiz com zero prefixo nominal não corresponde a nenhum topónimo. Acopla-se ao prefixo *ci-* ou (*tchi-*), dependendo da ortografia usada. A forma plural deste prefixo é *vi-*. Estas formas fazem-se acompanhar dum chamado pré-prefixo *o-*, também chamado simplesmente *vogal inicial* ou *aumento*, por certos linguístas. Assim obtêm-se os etnónimos *ocimbundu* no singular e *ovimbundu* no plural".

O termo *Ovimbundu* deriva da evolução semântica do termo *munthu* (*munthu*) que, em diversas expressões linguísticas africanas, assume o significado de pessoa.

O termo *munthu* constitui a raiz da origem linguística comum aos Povos *bantu* (*Banthu* ou *Vanthu*). Trata-se de povos que têm semelhanças linguísticas com bastantes traços comuns, fazendo remontar a origem dos mesmos, não só a uma raiz linguística comum, mas também a uma origem étnica, eventualmente, mais próxima, em relação aos demais povos africanos.

MALUMBU, M., (cf. 2009:30) sugere que a integração dos *Ovimbundu* no grupo *bantu* tem origem no substantivo umbundu «*munu*» (pessoa), cujo plural é «*manu*», isto é, pessoas. Mas o termo «*Ovimbundu*» pode ter a sua origem na partícula adjectivante *mbu* que designa preto, negro ou escuro.

Por outro lado, o termo «*Ovimbundu*» semanticamente pode também estar relacionado com o substantivo «*o mbundu*» que significa nevoeiro. Neste sentido, o termo *Ovimbundu* pode ser traduzido como: "os que surgem do invisível", "os que surgem de modo inesperado"; "os que surgem de modo espontâneo", "os que surgem do nevoeiro".

JOHNSTON (1919), citado por NGUNGA, A. (2004:19-53), publicou dois volumes de um estudo comparativo das línguas bantu e semi-bantu, aparentemente com base em

trabalhos de BLEEK, W.H.I. (1827) de MEINHOF, C. (1906) e, provavelmente, de outros investigadores. Neste estudo, segundo NGUNGA, A. (2004:19-53), o autor estabelece alguns critérios para a identificação de línguas com vista à sua integração no grupo bantu, sendo mais notável o facto de os nomes destas línguas terem, como regra geral, "prefixos nominais".

Por outro lado, NGUNGA, A. (2004:19-53), cita WERNER (1915), que publicou um estudo sobre aspectos gramaticais das línguas bantu no qual sublinha o sistema de organização dos nomes em grupos de acordo com os seus prefixos como um dos traços fundamentais. Cita também MEEUSSEN (1967) que publicou um estudo, contendo reconstruções gramaticais das línguas bantu e um dicionário de palavras reconstruídas do *proto-bantu*, onde são apresentadas sugestões de reconstrução de algumas formas fonético-fonológicas, nos morfemas da hipotética língua ancestral, com base na observância da lei da regularidade de mudanças fonéticas nas actuais línguas bantu.

Na segunda metade do século XIX, o método histórico-comparativo, que tinha sido utilizado para a descoberta das relações entre o Sânscrito e as línguas clássicas europeias, viria a ser aplicado ao estudo das línguas africanas.

GREENBERG (cf. 1955:1) realizou um estudo propondo uma classificação das línguas africanas com base no reconhecimento de senso comum de que certas semelhanças entre línguas só podem ser explicadas com base nas hipóteses de relação genética. Este autor defende que um estudo comparativo de um grupo de línguas deve ser feito com base nas características intrínsecas inerentes a essas línguas, tais como a observância do princípio de regularidade de mudanças fonéticas, que são determinadas por condições puramente fonológicas.

Conclui que este princípio foi uma das formas mais eficazes usadas pelos neogramáticos, no estabelecimento de relações genéticas entre as línguas europeias.

LUSAKALALU, P. (cf. 2005:14) a propósito do Umbundu, que se fala no Planalto Central de Angola, diz que existe uma diversidade de glossónimos em Kikongo; mas o Umbundu não permite nenhum outro glossónimo. É peremptório em dizer que se se apresentar à semelhança do que se fez em Kikongo uma relação entre topónimos, etnónimos e glossónimos, em Umbundu, a situação é diferente.

Nesta óptica, os *bakoongo* da área de Zoombo, por exemplo, são os *bazoombo*; na categoria 2, os *ovimbundu* do *Wambu*, os *ovimbundu* do *Sambu*, os *ovimbundu* do *Mbalundu*, os *ovimbundu* do *Viye*, os *ovimbundu* de *Kakonda* ou os *ovimbundu* do *Ndombe*. Estes, segundo o autor, são subgrupos dos *ovimbundu* e os respectivos topónimos servem de raízes para os etnónimos que se formam acoplando às raízes, o prefixo *u-* no singular.

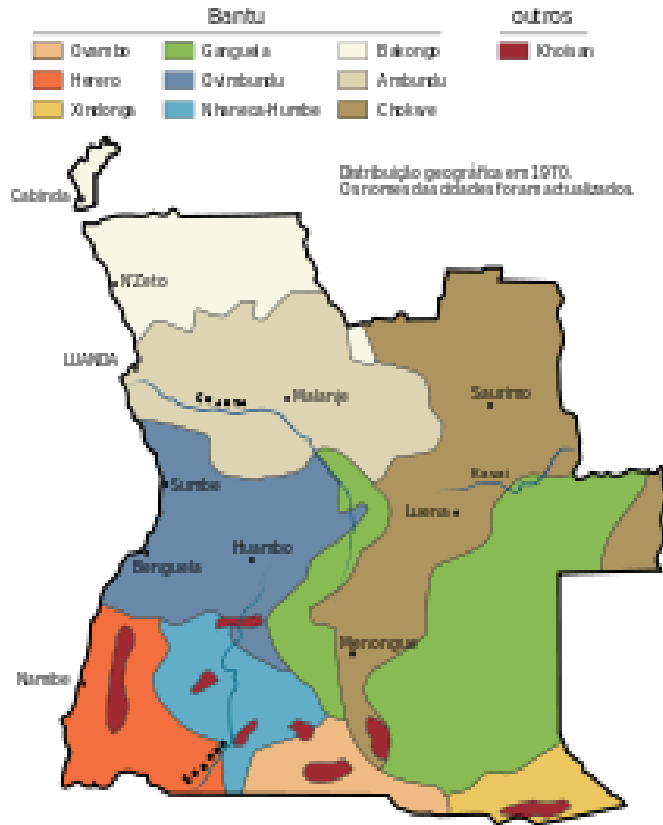
Assim, obtêm-se os etnónimos *uwambu*, *usambu*, *uviye*, *ukakonda* ou *undombe*. As formas do plural são, *vawambu*, *vasambu*, *vambalundu*, *vaviye*, *vakakonda* ou *vandombe*.

As línguas originalmente faladas em Angola são as dos povos africanos residentes na região.

A implantação geográfica destes povos, hoje designados como etnias, apesar de vicissitudes várias, a sua distribuição espacial continua, no essencial, inalterada.

Ver figura da página seguinte:

Grupos étnicos de Angola



Convém sublinhar que a esmagadora maioria dos angolanos – perto de 90% – é de origem bantu.

O principal grupo étnico bantu é o dos Ovimbundu que se concentra no centro-sul do país, ou seja, no Planalto Central e em algumas áreas adjacentes, especialmente na faixa litoral a Oeste do Planalto Central. Os Ovimbundu constituem hoje um pouco mais da terça parte da população, e a sua língua, o **Umbundu**, é por conseguinte a segunda língua mais falada em Angola (a seguir ao Português) com quatro milhões ou mais de falantes.

Por causa da Guerra Civil Angolana, muitos Ovimbundu fugiram das zonas rurais para as grandes cidades, não apenas para Benguela e Lobito, mas também para Luanda e

até para cidades geograficamente periféricas como Lubango, transportando assim a sua língua para estas regiões.

Em termos de importância numérica, o segundo grupo é constituído pelos Ambundu que representam cerca da quarta parte da população. A sua **língua, o Kimbundu**, é falada por cerca de três milhões de falantes, maioritariamente na zona centro-norte, no eixo Luanda-Malanje e no Kwanza-Sul. O Kimbundu é uma língua com grande relevância, por ser a língua tradicional da capital, hoje, provavelmente com mais de 5 milhões de habitantes. O Kimbundu legou muitas palavras à Língua Portuguesa e importou desta, também, muitos vocábulos.

No norte, nas províncias do Uíge, do Zaire e parte do Kwanza-Norte, concentra-se a maior parte dos Bakongo que representam hoje pouco mais de 10% da população. A sua **língua Kikongo** era a do antigo Reino do Kongo e tem diversas variantes e dialectos, tal como também existem no Umbundu e no Kimbundu.

Em consequência da guerra pela independência, muitos Bakongo refugiaram-se na actual República Democrática do Congo, onde boa parte aprendeu também o francês e o lingala, língua de comunicação na parte ocidental daquele país. A maioria dos refugiados Bakongo, e/ou seus filhos e netos, regressou para Angola a seguir à independência, reinstalando-se em geral no seu *habitat* de origem, mas formando também núcleos populacionais importantes nas cidades situados fora desta área, principalmente em Luanda. Deste modo, também o **Kikongo**, está hoje de algum modo presente em boa parte de Angola, com mais de um milhão de falantes.

O **Cokwe** está presente no leste de Angola, desde a Lunda Norte ao Moxico e mesmo ao Bié. Enquanto mais a norte constituem, juntamente com os Lunda, a população exclusiva; a sua presença mais a sul é cada vez mais dispersa e mistura-se com a dos

pequenos povos da região, habitualmente designados pelo termo Ganguela. A **língua Cokwe** tem vindo a sobrepor-se ao Lunda, mas aparentemente não às línguas de outros povos.

Os povos designados como **Ganguela** (Lwena, Luvala, Mbunda, Lwimbi, Kangala, Ambwila, Lutshaz, Kamachi) cada um fala a sua língua, embora estas sejam de certo modo aparentadas. A **Língua Nganguela** tem actualmente o estatuto de língua nacional e a sua população reside a leste e a sul de Menongue.

Um outro conjunto de povos é, desde os tempos coloniais, classificado como **Nyaneka-Khumbi**, mas tão pouco constituem uma etnia importante, nem pela sua identidade social, nem por uma língua comum.

Diferente é o caso dos **Ovambo** que são um grande grupo étnico existente principalmente na Namíbia, mas com uma parte significativa também na província do Cunene, no sul de Angola. A sua **língua é o Oshivambo**, a língua africana mais importante da Namíbia. Em Angola, esta língua é geralmente falada na forma dos dialectos próprios dos diferentes subgrupos. O subgrupo de maior destaque é o dos **Kwanyama**; mas há ainda os Kwamatu, os Kafima, os Evale e os Ndombondola.

No sudoeste de Angola existem pequenos povos aparentados aos **Herero**, principalmente os **Vakuval ("Mucubais")**, os **Himba** e os **Dimba**.

A situação étnica e linguística actual, no extremo sudeste de Angola, na província do Kuando Kubango, é mal conhecida e constitui, neste momento, o objecto de um estudo em curso.

Finalmente existem no sul de Angola grupos residuais de **Khoisan**, descendentes de **povos não bantus** que falam as suas línguas específicas.

Por último, cerca de 3% da população actual é maioritariamente de origem portuguesa ou mestiça, população que se concentra nas cidades e tem o **Português** por língua materna.

De referir, ainda, a existência de um número considerável de falantes das **línguas francesa e lingala**, explicada pelas migrações e fuga de muitos Bakongos angolanos para a República Democrática do Congo, no início da guerra pela independência, e o seu regresso após a independência.

CAPÍTULO II

CONTACTO DE LÍNGUAS : A LÍNGUA UMBUNDU E A LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. Origem da Língua Umbundu

Partindo da mais recente obra gramatical da Língua Umbundu do Padre M. MALUMBU (cf. 2007:29), existem vários símbolos de escrita primitiva umbundu que foram e continuam a ser encontrados em repertórios arqueológicos de cavernas rupestres, sendo as mais conhecidas as de Kaniñgili, na confluência entre o Bailundo e o Mungo e que remontam a milhares de anos a.C.. Esses símbolos continuam a ser encontrados, ainda hoje, em vasos de argila e cabaças, exprimindo em artes plásticas os elementos fundamentais da Cultura dos Ovimbundu e da sua língua.

Segundo MALUMBU (cf. 2007:29), estes símbolos idênticos têm sido encontrados em rochas e muros das cavernas da região do Planalto Central e em regiões, onde os Ovimbundu viveram num passado recente.

O mesmo autor afirma que esses símbolos não foram sistematicamente desenvolvidos pelos *Proto-ovimbundu*, nem pelos estudiosos modernos da Língua Umbundu, de modo a constituírem uma tradição, através da qual se pudesse fundamentar uma escrita que passasse facilmente de geração em geração.

Por outro lado, a escrita umbundu dos nossos tempos serve-se dos símbolos das línguas latinas, ao mesmo tempo que para a leitura e a oralidade recorre à fonética das línguas bantu, das quais o Umbundu faz parte e com as quais tem grande afinidade.

Para simplificar a escrita e a leitura do Umbundu, os escritores e estudiosos modernos desta língua têm-se servido de símbolos fonéticos e gráficos utilizados por outras línguas. Isto resulta, por um lado, da falta de autonomia gráfica da Língua Umbundu, mas, por outro lado, constitui uma oportunidade para tornar fácil a leitura e a escrita umbundu, sobretudo para a maior parte dos que se aproximam pela primeira vez desta língua e que já possuem um mínimo de conhecimentos das estruturas ortográficas das *línguas bantu* e das *línguas latinas*.

A esse propósito existem vantagens que consistem na vizinhança do sistema de *escrita umbundu* com o sistema de *escrita das línguas latinas*, das quais a escrita umbundu moderna absorveu a maior parte dos caracteres para a sua representação gráfica e sonora, tornando mais fácil a aprendizagem, sobretudo para os leitores que conhecem os símbolos gráficos das *línguas latinas* e das *línguas bantu*.

2.2. Língua Umbundu

Gostaríamos que a Língua Umbundu fosse introduzida no sistema de ensino e nos programas curriculares de Instituições de Ensino Superior e nos cursos de formação de Professores como acontece em Moçambique. Segundo NGUNGA, A. (cf. 2004:19-53), em 1978, foram introduzidos os estudos de Linguística Bantu nos cursos de Formação de Professores de Português da Universidade Eduardo Mondlane; desde essa altura a disciplina de Linguística Bantu esteve sempre presente em todos os currículos dos professores de Português tanto na Universidade Eduardo Mondlane, bem como na Universidade Pedagógica.

A Língua Umbundu é uma língua aglutinante que apresenta características que lhe são próprias, relativamente às línguas bantu:

- As Línguas Bantu, em geral, e o Umbundu, em particular, apresentam um **sistema de classes**, caracterizado por vários **prefixos nominais**, que indicam o singular e o plural. Cada classe tem um número.
- A utilização de **tons** no interior de um mesmo significante permite opor duas unidades na maioria das Línguas Bantu. O tom imprime uma variação às unidades lexicais, resultando daí um sentido diferente, mas num mesmo contexto fonético: *lumbu* (dia), *lumbu* (família).

- O **sistema vocálico** é **simétrico**: comporta uma vogal central [a], duas vogais anteriores [i], [ɛ] e duas vogais posteriores [u], [ɔ];
- O **sistema consonântico** comporta **pré-nasais**, ou seja consoantes orais precedidas de consoantes nasais, formando grupos indivisíveis;
- Inexistência de **determinantes**.
- As **unidades lexicais** começam por vogal ou consoante, mas terminam sempre em vogais; nunca terminam em consoante.

A **aglutinação** é um processo de formação de unidades lexicais por composição, fundindo duas ou mais palavras numa só. A forma aglutinante contém todos os complementos e os elementos fundamentais da oração.

No entanto, o Umbundu caracteriza-se pela presença de muitas **vogais nasais**. Como podemos observar nos seguintes exemplo: *omolã* “criança”, *omõma* “giboia”, *okulěla* “engordar”, *uvĩ* “feio” etc. (cf. MARTINS, L. 2015).

2.3. Sistema fonológico da Língua Umbundu

2.3.1. Fonemas e grafemas

O Instituto de Línguas Nacionais elaborou e publicou o alfabeto da Língua Umbundu, no Diário da República, Série nº 41: Concelho de Ministros: Resolução nº 3/87 de 23 de Maio:

“o alfabeto proposto pelo Instituto de Línguas Nacionais, resultante das investigações efectuadas sobre o sistema fonológico da respectiva língua, assentando essencialmente sobre a equivalência de um símbolo gráfico para cada fonema, corresponde mais fielmente à realidade fonológica da mesma”.

Assim, segundo a proposta do Instituto de Línguas Nacionais (Secretaria de Estado da Cultura), o alfabeto da Língua Umbundu é composto pelos seguintes grafemas:

a, mb, nd, c, e, f, h, ng, i, k, l, m, n, o, p, s, t, u, v, w, y¹.

Os grafemas: **qu, r, x, e z** não são usados. Mas existem outras particularidades:

- o grafema **/c/** corresponde ao fonema **[tʃ]**
- o dígrafo **/qu/** é substituído pelo grafema **/k/**
- o grafema **[s]** substitui os grafemas **/ss/ç/** da língua Portuguesa
- o dígrafo **/nh/** é substituído por **/ny/**.

O fonema **[r]** não existe em Umbundu; é sempre substituído pelo fonema **[l]**.

Na Língua Umbundu, não existem fonemas consonânticos oclusivos sonoros, apenas fonemas surdos. Os fonemas sonoros são substituídos pelos pré-nasais **/ mb /**, **/ nd /** e **/ ng /**. Excepto as fricativas **[f]**, **[v]** no modo de articulação, apresentam a oposição surdo-sonora.

As consoantes labiais nasalizadas são precedidas por **m** e **n**, e a consoante palatal **/j/** é antecedida de **/nd/**, resultando num dígrafo **/ndj/**. Exemplos: **Ombolo** (pão), **Ondombe** (bagre), **Ongolo** (joelho), **Ondjila** (caminho) ².

Na Língua Umbundu, algumas unidades lexicais começam com uma **vogal** que é “chamada de **aumento**, que precede sempre o prefixo nominal em todas as classes

¹ cf. Secretaria do Estado da Cultura – Instituto de Línguas Nacionais, Boletim nº 1, Alfabetos das Línguas Kikongo, Kimbundu, Umbundu, Cokwe, Mbunda, Oxikwanyama. Luanda - 1987.

² cf. P. José Francisco Valente, C. S. Sp., *Gramática Umbundu (A língua do Centro de Angola)*. Lisboa – 1964, p. 23.

excepto na classe cinco (5), onde a vogal (e) desempenha, simultaneamente, a função de aumento e de prefixo³. Exemplos: **Olwi** (rio), **ombembwa** (paz), **owato** (canoa), **etemo** (enxada).

Fonemas : Vogais da Língua Umbundu

Grau de Abertura	Ponto de Articulação					
	Anterior		Centrais		Posterior	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
1º	i	ĩ			u	ũ
2º	e	ẽ			o	õ
3º			a	ã		

No quadro apresentamos os fonemas-vogais em Umbundu, onde encontramos vogais anteriores do primeiro grau, de abertura fechada / i / ; / ĩ /, vogais do segundo grau semifechadas / e / ; / ẽ /, vogais centrais / a / ; / ã / que são quarto grau, abertas, vogais posteriores do primeiro grau / u / ; / ũ / de abertura fechada e vogais do segundo grau, semifechadas / o / ; / õ / .

Em Umbundu, para além das vogais orais (a, e, i, o, u), existem também as vogais nasais (ã, ẽ, ĩ, õ, ũ). Esta língua é única pela **nasalização total das vogais** e os seus locutores tendem a reproduzir essas características no Português, como por exemplo: hêla "amanhã" a vogal nasal influencia de igual modo a vogal posterior.

³ cf. João FERNANDES e Zavoni NTONDO (2002) *Povos e Línguas de Angola*. Edição Nzila, 1ª edição, p.89.

As vogais na Língua Umbundu não são totalmente abertas como em Espanhol, nem muito fechadas como em Português. O grafema /o/ nunca corresponde ao fonema [u], independentemente da posição em que se encontra.

Quanto à ditongação, a grafia fonética faz transformar o /e/ final em [i] ou [y], o /o/ em [w], originando ditongo com a vogal seguinte.

Fonemas: Consoantes em Língua Umbundu

	Ponto de articulação			
Modo de articulação ↓	Labiais	Dentais	Palatal →	Velar
Oclusiva	/ p /	/ t /	/ c /	/ k /
Fricativa	/ f / / v /	/ s /		/ h /
Nasal	/ m /	/ n /	/ ny /	/ ñg /
Lateral		/ l /		
Semi-vogal	/ w /		/ y /	
Pré-nasal	/ mb /	/ nd /	/ ndj /	/ ng /

Os fonemas consonânticos de acordo com o **ponto de articulação** classificam-se do seguinte modo: 6 fonemas labiais, 5 dentais, 4 palatais e 4 velares.

Segundo o **modo de articulação**, temos os fonemas seguintes: 4 oclusivas, 4 fricativas, 4 nasais, 1 lateral, 2 semi-vogais, e 4 pré-nasais.

Segundo GUENNEC, G. e VALENTE, J. F. (2010:17), em Umbundu, o **acento tónico** recai na penúltima sílaba. Em consequência desta regra de acentuação, há monossílabos que obrigam à mudança do acento tónico para a palavra antecedente, como é o caso dos locativos **ko**, **mo**, **po** e a conjunção **vo**:

exemplos: *Ndénda vo, ndendávo= Vou também;*

Omúnu vo, omunúvo= É homem também.

2.3.2. Sistema fonológico e ortografia

Desde a(s) Antiguidade (s), em várias civilizações, os vários povos tentaram representar na escrita os sons que eram produzidos em diferentes línguas.

NGUNGA, A. (2004:57) é peremptório em dizer que

“a questão da escrita como tentativa de representação da oralidade através de símbolos gráficos é um assunto muito antigo entre os estudiosos das línguas e mesmo entre os filósofos”.

Na ortografia do Umbundu, observamos uma particularidade, isto é, existe o til que tem que estar sobre a consoante nasal e, mais frequentemente, sobre o fonema [n]:

- o til na primeira sílaba influencia a sílaba seguinte, como por exemplo, "Ñála" que quer dizer Senhor;

- mas a palavra "Oñaña", que quer dizer "bebé", tem duas vezes o til, pelo facto de existir uma repetição do mesmo fonema; mas em Português o til só se coloca sobre as vogais [a] e [o].

2.4. Prefixos da Língua Umbundu: suas funções

Relativamente às classes, NTONDO, Z. (2014:115) afirma que

“As classes têm afinidades evidentes com os diferentes tipos de conceitos. Contudo, as classes 1 e 2 são as únicas mais estáveis, pois englobam substantivos que apenas indicam seres humanos, embora alguns substantivos com significado se encontrem em outras classes”.

Para GUENNEC, G. e VALENTE, J.F. (2010:23),

“cada classe tem o seu significado específico, exprime um conceito e sintetiza uma ideia, ideia esta que pode ser genérica (no modo como o ser é encarado) no singular, e esmiuçada no plural, ou vice-versa”.

Nº de Classe	Prefixo nominal
1	omu-, u-
1 _a	∅-
2	oma-, a-, ova-
2 _a	va-
3	u-
4	ovi-
5	e-, i-
6	a-, ova-
7	oci-
8	ovi-
9	∅-
10	olo-

11	olu-
12	oka-
13	otu-
14	u-
15	oku-
Classes locativas	Prefixos locativos
16	ko-, ki-
17	ko-, po-
18	vo-

Os prefixos nominais da **classe 1** têm duas variantes: **omu-** e **u-** (**omo-** perante a vogal [o]). Os prefixos da **classe 2** apresentam também duas variantes **oma-** e **a-**

Os prefixos da **classe 1** designam os **nominais do singular** e os da **classe 2** designam os **nominais do plural**: estes prefixos estão ligados ao conceito de **seres humanos** (cf. EPUKA, J.B., 2011, p. 14).

Singular		Plural	
Classe 1 omu- / u-		Classe 2 oma- / a-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Omunu	Pessoa	Omanu	Pessoas
Omolã	Criança	Omalã	Crianças
Ukãyi	Mulher	Akãyi	Mulheres
Ufeko	Moça	Afeko	Moças
Ulongisi	Professor	Alongisi	Professores

Os **nominais das classes 1 e 2** que designam o **grau parentesco** têm **prefixo zero** na classe **1_a** no singular (cf. NTONDO, Z. 2006:32).

Singular		Plural	
Classe 1 _a) ø-		Classe 2 _a) va-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
ømandji	Irmão	Vamandji	Irmãos
øpalume	Primo	Vapalume	Primos
øndatembo	Sogro	Vandatembo	Sogros
ønekulu	Neto	Vanekulu	Netos
øPahãyi	Tia	Vapahãyi	Tias
øNdombwa	Noiva	Vandombwa	Noivas
ØSandombwa	Noivo	Vasandombwa	Noivos

As **classes 3 e 4** compreendem os nomes de objectos, na sua generalidade, partes do corpo humano, nomes de árvores (cf. NASCIMENTO, J.F., 1894:13).

Singular		Plural	
Classe 3 ;u-		Classe 4; ovi-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Utwe	Cabeça	Ovitwe	cabeças
Uti	Árvore	Oviti	Árvores
Usongo	Flecha	Ovisongo	Flechas
Ukanda	Carta	Ovikanda	Cartas
Ula“	Cama	Ovola	Camas

As **classes 5 e 6** contêm prefixos que reúnem conceitos que agrupam algumas partes do corpo humano, certos objectos, nomes de parentesco; frutas, pequenos animais selvagens; répteis, líquidos e tubérculos.

Singular		Plural	
Classe 5; e – / i –		Classe 6; a – / ova –	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Imo	Barriga	Ovamo	Barrigas
Ewe	Pedra	Ovawe	Pedras
Ehondyo	Banana	Ahondyo	Bananas
Etosi	Gota	Atosi	Gotas

As **classes 7 e 8** reúnem-se os conceitos de alguns nomes dos seres humanos, partes do corpo humano, insectos, animais domésticos, selvagens e aquáticos; alguns tubérculos e objectos diversos.

Singular		Plural	
Classe 7: Oci –		Classe 8: Ovi –	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ocingumba	Ladrão	Ovingumba	Ladrões
Ocimbyambyulu	Borboleta	Ovimbyambyulu	Borboletas
Ocimbungu	Lobo	Ovimbungu	Lobos
Ocitupi	Bode	Ovitupi	Bodes

As **classes 9 e 10** reúnem conceitos de animais domésticos e selvagens, grandes e pequenos, insectos, répteis e algumas aves, partes do corpo humano e alguns nomes dos seres humanos, bem como alguns objectos e líquidos.

Singular		Plural	
Classe 9; Oø-		Classe 10; olo-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ongwe	Onça	Olongwe	Onças
Ondjila	Pássaro	Olondjila	Pássaros
Ongolo	Joelho	Olongolo	Joelhos
Omango	Cadeira	Olomango	Cadeira

As **classes 10 e 11** indicam conceitos de algumas partes do corpo humano, alguns objectos, insectos, frutas e líquidos.

Singular		Plural	
Classe 11: olu –		Classe 10: olo – e 6: a -	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Olumati	Costela	Olomati	Costelas
Oluhengo	Ameixa	Olohengo	Ameixas
Oluhamwe	Mosquito	Olohamwe	Mosquitos

As **classes 12 e 13** são relativas aos diminutivos que encontramos em todos conceitos dos nominais, “também indica nomes próprios ou comuns [...]”(EPUKA, J.B., 2011:18).

Singular		Plural	
Classe 12: oka-		Classe 13: otu -	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Okamolã	Criancinha	Otumalã	Criancinhas
Okalenge	Gatinho	Otulenge	Gatinhos
Okawe	Pedrinha	Otuwe	Pedrinhas

Nas **classes 14 e 6**, os prefixos designam conceitos que formam o seu plural, partindo do singular da classe 14 com a classe 6 no plural.

Singular		Plural	
Classe 14; u –		Classe -6; ova – /a –	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Ulima	Ano	Alima	Anos
Uveyi	Doença	Ovoveyi	Doenças
Uvala	Casamento	Ovovala	Casamentos

As classes 15 e 4 ou 6 dizem respeito aos verbo-nominais e reúnem os conceitos que indicam as partes do corpo, o infinitivo dos verbos, os nomes deverbais (cf. FERNANDES, J e NTONDO, Z., 2002:78).

Singular		Plural	
Classe 15; oku-		Classes 4 ovi-, 6 ova-/ 8 ovi-	
<i>L.U</i>	<i>L.P</i>	<i>L.U</i>	<i>L.P</i>
Okulila	Chorar	-----	-----
Okwenda	Andar	-----	-----
Okulya	Comer	-----	-----

Okulya	Comida	Ovilya	Comidas
Okutwi	Orelha	Ovatwi	Orelhas
Okwokwo	Braço	Ovoko	Braços
Okulu	Pé	Ovolu	Pés

Os prefixos da **classe 16 “ko- / ki-”**, da **classe 17 “ko-/po-”** e os da **classe 18 “vo-”**, são **prefixos locativos**:

- A **classe 16 indica superfície**; ex: Elonga likasi **komesa** “o prato está na mesa” ou Elonga likasi **kilu** lyomesa “o prato está em cima da mesa”.
- A **classe 17 indica a direcção**; ex: Ndenda **kondjo** “Vou a casa”, ou Ndikasi **ponele** yondjo “estou ao lado de casa”,
- A **classe 18 indica interioridade** ex: Ndañgilã **vondjo** “entrei em casa”.

2.5. Particularidades morfossintáticas

Apresentamos, aqui, apenas algumas particularidades de carácter morfossintático do Umbundu em comparação com o Português.

Português

a) Conjunções

e

porque

porém, mas, todavia, entretanto

Umbundu

a) Olondaka vioku tokekisa

kuenda

momo, mekonda

polé⁴, puãi

⁴ Não é norma em Umbundu assinalar graficamente as palavras com os acentos agudos e graves. Tem acento agudo simplesmente para os leitores Portugueses poderem pronunciar correctamente a conjunção em Umbundu. Usa-se o til, conforme a conjunção seguinte assinalada.

que

ya, via⁵

quando

eci

logo

oco puãĩ

ou

nda

b) Advérbios

aqui

kulo

hoje

etali

amanhã

henla

não

hacoko, lakamue, sió

c) Pronomes

eu

ame

tu

ove

ele, ela

eye

nós

etu

vós

ene

eles, elas

ovo [ɔvɔ]

me, (a mim)

ndi

te, (a ti)

ku

lhe, (a ele, a ela)

wo [uɔ], kokwahe, vo [vɔ]

nos, (a nós)

tu

vos, (a vós)

vo [vɔ]

lhes, (a eles, a elas)

va

isto

eci [etʃi]

este, esta

u

estes, estas

ava

A norma é a Bíblia Sagrada em Umbundu.

⁵ A conjunção em Umbundu concorda com o sujeito quanto ao número. Por isso, a tradução é *ya* e *via*. Mas pode corresponder às contracções *de*, *da*, *do*, *dos*, *das*.

aquele, aquela	o [ɔ]
aqueles, aquelas	ovo [ɔvɔ], ovio [ɔvio] ⁶
aquilo	oco [ɔtɔ] ⁷
meu, minha	cange [tʃange], yange
teu, tua	cove [tʃove], yove
seu, sua	cahe [tʃahe]
nosso, nossa	cetu [tʃetu], yetu ⁸
nossos, nossas	vetu, vietu ⁹
vosso, vossa	cene [tʃene], yene
seus, suas	cavo [tʃavɔ], viavo

Estes pronomes correspondem a estruturas muito diferentes na Língua Umbundu:

lavo-me	ndi li sukula
lavas-te	o li sukula
lava-se	o li sukula ¹⁰
lavamo-nos	tu li sukula
lavais-vos	vu li sukula
lavam-se	va li sukula

Nas populações não escolarizadas, o erro mais frequente é a falta de concordância, fazendo constantemente a supressão da consoante final que indica a marca do plural dos nomes. Infelizmente, isso ocorre mesmo no seio de pessoas escolarizados como os professores de Língua Portuguesa que, na língua oral, dizem *os amigo, os professor, as criança*, etc.

⁶ para as coisas e não para as pessoas.

⁷ Normalmente o fonema [ʃ], é precedido por [t].

⁸ Varia, conforme o objecto de posse. Lembramos que tanto os pronomes pessoais de complemento, possessivos, como demonstrativos, têm uma posição posposta.

⁹ Também variam conforme os objectos de posse.

¹⁰ A principal diferença entre a segunda pessoa do singular e a terceira pessoa consiste na entoação.

2.6. Umbundu e Português: contacto, variação e interferência

Segundo CUNHA, C. e CINTRA, L. (2003: 5), no vasto espaço da lusofonia, existem variedades :

"Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário".

As diferenças que podemos encontrar na Língua Portuguesa emergem naturalmente de circunstâncias tanto culturais como regionais. Segundo estes autores (cf. 2003:5), a relação entre Língua e sociedade consubstancia-se na variação e conservação linguística e afirmam que em princípio, uma língua apresenta, pelo menos três tipos de variantes internas que podem ser mais ou menos profundas:

- 1º Diferenças no espaço geográfico ou variantes diatópicas (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais);
- 2º diferenças entre as camadas socioculturais, ou variantes diastráticas (nível culto, língua padrão, nível popular, etc).
- 3º diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou variantes diafásicas (língua falada, língua escrita, língua literária).

Ainda segundo os mesmos autores (CUNHA, C. e CINTRA, L., 2003:6),

"Condicionalizada de forma consciente dentro de cada grupo social é parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, etc. E essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais."

No Português angolano existem fenómenos de variação que reflectem as culturas e as realidades diferenciadas de um país com dezoito regiões. Mas acontecem também múltiplos fenómenos de interferências resultantes do contacto das duas línguas; apresentaremos apenas algumas dessas interferências mais significativas.

2.6.1. Interferências fonológicas do Umbundu no Português

Na *população não escolarizada* podemos encontrar as interferências fonológicas seguintes (cf. VITI, N.V. , 2012:28):

-vogais átonas pouco reduzidas;

- Inserção de uma consoante nasal antes da oclusiva bilabial vozeada [b] e da oclusiva dental vozeada [d]: bola __[m'bɔla] bolo __[m'bɔlu] dele __[n'dele];

-alternância entre o [r] e o [l] que funcionam como alofones do mesmo fonema: rato__[lɔtu]; rádio__[lãdju]; erraram __[elãlãw] ;

- quando o [d] ocorre em posição inicial da frase, há uma inserção da consoante nasal : dele __[n'dele];

- quando o [d] ocorre na segunda sílaba, não há uma inserção, mas sim uma nasalização da vogal: rádio__[lãdju];

-introdução de uma vogal epentética entre duas consoantes:

flor__[fu'lor] ; ritmo__[ritimu];

-substituição da oclusiva dental não vozeada [t] pela oclusiva dental vozeada [d],

assim como da oclusiva bilabial não vozeada [p], pela oclusiva bilabial vozeada [b] em palavras como: entender__ [ẽdẽder] ; compreender__ [kõbriẽder].

Na *população escolarizada* existem algumas diferenças nas interferências, relativamente à não escolarizada que passamos a apresentar:

-realização das consoantes oclusiva bilabial vozeada [b] e oclusiva dental vozeada [d] como no Português Europeu: bola__ [bɔla] ; bolo__ [bɔlu] ; balde__ [baɖde] ; banco __ [bãku]:

- não substituição da vibrante [r] pela lateral alveolar [l]:
rádio __ [ràdju] ; rato __ [ràtu] ; erraram__ [erarãw] ;

-manutenção da dental não vozeada [t] e da bilabial não vozeada [p] em palavras como: *entender*__ [ẽtẽdér] ; *compreender*__ [kõpriẽdér] ;

-supressão da consoante final do infinitivo dos verbos:
*vamos comer*__ *vamos comê*

Os falantes de Umbundu têm dificuldade na produção do fonema [z] e, por isso, trocam-no por [s] :

casa __ [káza]__ [káså]

Além da características apresentadas, outros aspectos a considerar são as nasalizações das consoantes [b] e [g], porque em Umbundu são sempre nasais Ex. [b]:

bomba __ [bõba]__ [mbõba] ; [g]: gozo__ [ngosu]".

2.6.2. Algumas interferências morfossintáticas do Umbundu no Português

Português europeu	Português (nível popular) Interferências morfossintáticas	Umbundu
Lavo-me todos os dias	Eu mba se lavo todos os dias	Ame mba ndi li sukula olokeke viosi
Já nos cumprimentámos?	Já se comprimentamos?	Twa li lama ale?
Irei amanhã à escola	Amanhã eu vou ir na escola	Henla ndiya ndenda ko sikola
Não consigo ver-te	Não consigo te ver	Ca ndi tililã o ku ku mola
Sabemos que o sol nasce a Leste.	Soubemos que o sol nasce no Leste	Tu ci okuti ekumbi li tundilila ku utundilo.
Tu já comeste?	Você já comeste?	Ove wa Iya ale?
Já fomos informados sobre isso.	Fomos já informado sobre isso	Va tu sapuila ale ci tukula eci
O tio Rodrigues vem hoje	O pai Rodrigues vai vir hoje	Papai Londiliki iya etali.
O carro ficou a noite toda na rua, porque a garagem estava ocupada.	O carro dormiu em fora, porque a garanja estava ocupada.	Ekalu lia lale posamua, mekonda ongalanja va yi kupala.

Quadro comparativo 1: (coluna 1) Português europeu, (coluna 2) interferências morfossintáticas do Umbundu no Português (nível popular).

A par destas interferências existem grupos de jovens que criam sociolectos e gírias, tanto na *Língua Portuguesa*, como na *Língua Umbundu*, próprios da sua classe etária nas suas participações em danças do *Kuduro*, no *Futebol*, na *discoteca* e nas *interacções comunicativas* entre jovens.

Português europeu	Português (sociolecto de jovens)	Umbundu (sociolecto de jovens)
Continue a trabalhar meu Irmão.	Oh, Brother, bumba só no sentido.	A manjange mba talavaya.
Sai daqui já, jovem!	Baza daqui putu!	Omãlehe kuende!
Aprecio as qualidades de João	Eu curto bué este Kota.	João ndu sole ca Iwa
Vá e explique-lhe tudo.	Baza amanhã, passa na bocada do dredi e dá dica que isso é bife grande.	Kuende noke u lomboluila.

Quadro comparativo 2: (coluna 1) Português europeu; (colunas 2 e 3) sociolectos de jovens em Português e Umbundu.

2.6.3. Interferências lexicossemânticas e empréstimos interlinguísticos

Existem, frequentemente, interferências lexicossemânticas. Apenas a título de exemplo citamos a frase seguinte: *a Senhora Julieta nasceu uma menina* em vez de *a Senhora Julieta deu à luz uma menina*

Paralelamente, segundo GUENNEC, G. e VALENTE, F. (1972: 84-678) "A Língua Umbundu incorporou no seu léxico as seguintes unidades lexicais de raiz portuguesa":

Umbundu		Português
elasola	<	lençol
ofofo	<	fósforo
ombutãwu	<	botão

omesa	<	mesa
ombolo	<	pão
onjapãwu	<	sabão
sapalo	<	sábado

2.6.4. Contacto de línguas em contexto de ensino-aprendizagem

No contexto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, existem numerosas situações de contacto linguístico, visíveis, por exemplo, em interferências fonológicas e sintáticas, em empréstimos lexicais e semânticos; frequentemente, existem desvios ou inadequações ortográficas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, lexicais e semânticas relativamente à norma padrão europeia da Língua Portuguesa.

A criatividade metodológica do professor, em contextos bilingues ou plurilingues, implica ter algum domínio tanto da língua de escolaridade, como da língua materna africana do aluno. Nesta perspectiva, citamos AZEVEDO, F.J.F. (2010:11):

"Importa, pois, que o professor, detentor de algum tipo de conhecimento do funcionamento da Língua Materna do aluno ou do grupo linguístico a que pertence, saiba reconhecer essas zonas de conflito, a fim de poder encaminhar o aluno no sentido de ultrapassar as suas dificuldades específicas".

O mesmo autor recomenda que, em contexto escolar, a língua deve ser aprendida e exercitada em situações de uso e de comunicação. Deste facto, decorre a necessidade de um ensino da língua orientada no sentido de promover a aquisição, por parte dos alunos, de uma competência pragmático-comunicativa que os dote não só do poder de conhecer, de compreender e de produzir todos os elementos linguísticos da língua, mas também de conhecer, de compreender e de produzir enunciados, contextualmente,

apropriados às inúmeras situações de comunicação em que eles se movimentam e interagem.

A língua, quando concretizada num contexto de uso, comporta uma intrínseca dimensão accional: ela serve, com efeito, para fazer coisas. “Falar é agir”, segundo a expressão, sobejamente conhecida de AUSTIN, J. (1962), citada por AZEVEDO, F. J. F. (cf. 2010:10) que assegura que, a posse e a capacidade de exercício da língua, em actos de fala concretos, pode revelar-se eventualmente condicionadora do sucesso escolar e social do aluno.

Efectivamente, enquanto sistema modelizante primário, possibilita aos falantes construir uma visão particular do mundo, com manifestações ao nível individual e social; a língua assegura um conhecimento amplo do mundo em que cada sujeito se integra e onde interage com outros sujeitos.

GALISSON, R. e COSTE, D. (1983: 443) definem

“a língua materna como a língua que é aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no país de origem do sujeito falante”.

Por língua materna entende-se ainda a língua que o sujeito falante foi, naturalmente, adquirindo ao longo da vida e sobre a qual possui intuições linguísticas quanto à forma e uso (cf. CRYSTAL, D., 1985).

Sendo um ponto de referência fundamental na construção do conhecimento e do exercício das actividades culturais, a língua está na base da aquisição de todos os conhecimentos escolares de cada cidadão e da preservação crítica da memória cultural.

Assim, nesta perspectiva, a aprendizagem da língua desempenha um importante papel na formação integral do indivíduo.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS EM LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

3.1. Breve história da Lexicologia e da Lexicografia

Quando é que a Lexicologia teve a sua origem? Segundo HALLIDAY, M. *et al.* (2004:11), o início da Lexicologia está associada à criação da escrita:

"muitas culturas orais têm desenvolvido teorias altamente elaboradas sobre a função do discurso e da retórica; mas é apenas depois do envolvimento da escrita que a atenção surge com um enfoque na gramática e no vocabulário. Isto aconteceu como um caminho para manter vivos textos antigos, cujos significados estavam a começar a desaparecer porque a língua estava a mudar".

3.1.1. Lexicografia na Antiguidade

Na Índia, nos séculos III e II antes de Cristo, surgiram glossários com a função de explicar as palavras difíceis de *Vedas*, livro sagrado hindu, que nessa época contava já com mil anos de existência.

HALLIDAY, M. *et al.* (cf. 2004:11) afirmam que esses glossários, gradualmente, transformaram-se em embriões dos actuais dicionários.

No séc. VII a.C., Amera Sinha preparou um *dicionário de sânscrito*, designado de *Amera Kosha*. Dez séculos mais tarde foi traduzido para inglês por Colebrooke, publicado em Serampur, em 1808; esta tradução foi utilizada por ROGET, P.M. (1852), como uma fonte de ideias para a concepção do seu *Thesaurus of English Words and Phrases*.

Os Dicionários de *Sânscrito* e de *Prakrit* de Hamacandra, de *Abhidhama Kintamani* e de *Desinamamala* datam do séc.XII. Nessa época, segundo HALLIDAY, M. *et al.* (cf.

2004:16), a gramática e a fonologia indianas tinham atingido um alto grau de reflexão; paralelamente, a confecção do dicionário tomava o seu lugar como parte de descrição da língua(s).

Na China, o mais antigo trabalho lexicológico é um thesaurus, o *Er Ya* “*Tesouro de Palavras Delicadas*”, compilado sob essa forma no séc.III antes de Cristo; é uma lista de cerca de 3.500 palavras extraídas de textos antigos, organizadas em 19 secções.

Deve-se aos Indianos, Gregos e Árabes as reflexões sobre a gramática, uma vez que os Chineses pouca atenção deram à gramática; porém, na China, o estudo sobre o léxico desenvolveu-se em três direcções:

- (1) gravando as palavras do dialecto, como em *Fang Yan*, por YANG XIONG, no séc. I a.C.
- (2) investigando a origem dos caracteres escritos em *Shuo Wen Jie Zi*, por XU SHEN, no séc. I a.C.
- (3) descrevendo os sons das palavras, classificando-os conforme o ritmo, notavelmente em QIE YUN (em 600 a.D) e TANG YUN (em 750 a.D.).

Segundo HALLIDAY, M. e YALLOP, C. (cf. 2007:12), no tempo das dinastias de MING e de QING, os dicionários de larga escala e enciclopédias foram sendo compilados: nomeadamente a *Enciclopédia Yongle* (1403-9) em 10.000 volumes, mas muitos desapareceram ao longo dos tempos; e o *Dicionário Kangxi* (1716) contendo cerca de 50.000 caracteres, apresenta a pronúncia e a definição.

Tanto as tradições árabes, como hebraicas são ricas em cultura gramatical e o mais antigo gramático árabe, AL-KHALIL IBN AHMED (falecido em 791 a.C.), é conhecido como tendo iniciado o trabalho sobre um dicionário arábico, usando um princípio fonológico para ordenar as palavras.

Mas os lexicógrafos mais importantes no mundo islâmico foram os Persas. O primeiro dicionário de *Farsi-dari*, a língua literária persa, escrito por ABU-HAFS SOGHDI nos séculos IX e X está perdido neste momento; mas o *dicionário Lughat-e Fars (dicionário FARSI)*, elaborado por ASADI TUSI, existe ainda.

Académicos persas também produziram dicionários bilingues, Pérsico-Árabe (*Muqaddimat al-adab* “Expositor Literário”, por um académico do séc. XI a partir de Khwarezm, ABUL-QASIM MOHAMMAD AL-ZAMAKHSHARI) e, a partir do séc. XV, o Pérsico-Turco.

Os Egípcios efectuaram um Thesaurus em tópicos, onde as palavras foram organizadas em listas; foi elaborado a partir dos primórdios desta civilização até 1750 a.C., mas infelizmente desapareceu.

Na Grécia, como na Índia, os mais antigos estudos das palavras foram os glossários dos textos antigos – os Textos Homéricos, no caso da Grécia.

APOLLONIUS, um gramático alexandrino do século I a.C. compilou o Léxico Homérico, mas tanto este como os dicionários posteriores de HESYCHIUS estão desaparecidos.

O maior trabalho do período Bizantino foi o *Suda*, um dicionário etimológico e descritivo do séc. X, de cerca de 30.000 entradas, a partir de unidades lexicais de textos literários da Grécia helenística e bizantina e do Latim.

3.1.2. Pré-lexicografia: a glossografia da Idade Média

O termo **glosa** tem o seu étimo no Grego antigo: *γλωσσα* que significa 'língua' (órgão); glosa é um conceito que designa uma palavra ou uma pequena nota escrita nas margens ou nos espaços entrelinhas de um manuscrito ou de um *códice* medieval.

O termo **glossário** é etimologicamente uma recolha de glosas. O termo **glossário** apareceu no **século XVI**; foi um empréstimo ao latim (*glossarium*), mas tem a sua origem no grego antigo (γλῶσσα).

O desenvolvimento de glossários, no contexto da Europa Medieval, ficou associado aos primeiros registos das novas línguas formadas ao longo da Idade Média.

Estes glossários medievais apoiaram a expansão da educação, em geral, e muito em especial, o ensino superior e universitário da Idade Média, quase sempre realizado em grandes mosteiros.

A partir dos séculos XI e XII, os glossários bilingues começaram a ser produzidos para uso escolar, inicialmente para a aprendizagem do Latim (Latim-Francês, Latim-Italiano, Latim-Espenhol, Latim-Português, Latim-Alemão, Latim-Inglês, etc.), mas muito cedo expandiram-se também para as línguas emergentes da Europa.

Durante este **período pré-lexicográfico** relativo à **glossografia**, o termo **dicionário** aparece pela primeira vez em **1220**, no *Dictionarius cum comento* de Jean Garlande (cf. MATORÉ, G., 1968).

3.1.2.1. Em França, na Idade Média, existiram vários tipos de glosas nos manuscritos. No séc. IX, Walafriid Srabon, monge beneditino, resumiu na sua *Glosa ordinaria* as lições sobre a Bíblia de Raban Maur ; trata-se de uma glosa enquadadora. O teólogo Anselmo de Laon do século XI utilizou a glosa interlinear.

Existem duas glosas célebres : A *Magna glossatura in Psalmos* de Pierre Lombard, glosa elaborada sobre os salmos (em 1160) e a glosa realizada sobre as *Postilles* do franciscano Nicolas de Lyre, no século XIV.

3.1.2.2. Em Espanha, no mosteiro de *San Millán de la Cogolla* (Santo Emiliano de la Cogolla), em 977, foram escritas as primeiras palavras em navarro-aragonês (para alguns investigadores, em castelhano) por um monge que recopiava um tratado de direito canónico em latim.

San Millán de la Cogolla é um dos Mosteiros mais antigo da Europa que se transformou num centro de cultura muito importante, como é possível observar ainda hoje através da magnífica colecção de códices. O *Códice 60* é um dos mais importantes porque contém as *Glosas Emilianenses* que apresenta as primeiras palavras em navarro-aragonês, confundido durante décadas com o castelhano primitivo, porque San Millan é conhecido como a "Cuna de la Lengua"[Berço da Língua].

3.1.2.3. Em Inglaterra, existiu também a produção de glossários realizados a partir de manuscritos de textos em latim; inicialmente, foram registadas apenas palavras em latim, mas ao longo do séc. VII foram aparecendo palavras e glosas, em inglês, de que é exemplo, o manuscrito *Épinal* preservado num mosteiro em França (cf. HALLIDAY, M. *et al.*, 2004:14). Mais tarde estes glossários foram reorganizados num único “glossário”; posteriormente foram coleccionados num “vocabulário” único, onde foram integrados termos científicos da agricultura, da medicina, entre outros domínios.

Nos séculos VIII e IX, os compiladores iniciaram a organização das palavras por ordem alfabética.

No séc. XIII, o termo “dicionário” entrou no uso da língua; as colecções das palavras tornavam-se consideravelmente maiores e as listas de Inglês-Latim começaram a ser compiladas. O *Promptorium Parvulorum sive Clericorum* [Repositório para Crianças e Clérigos], elaborado por GEOFFREY, o Gramático de Norfolk, datado de 1440, continha cerca de 12.000 entradas. Foi durante esse século que a imprensa foi introduzida na Europa; o *Promptorium* foi impresso, em 1449, e a partir desta data a variedade de dicionários publicados cresceu rapidamente.

3.1.2.4. Em Portugal, na Idade Média surgiram também as **primeiras glosas** e os **primeiros glossários**, em Língua Portuguesa elaborados no Mosteiro de Alcobaça. Houve um movimento idêntico ao da Europa Medieval, em que foi necessário acompanhar e fixar as línguas que se foram formando ao longo da Idade Média.

Os Glossários em Latim ou Bilingues tinham que responder às necessidades dos estudantes das universidades recém-criadas, estudantes que já não sabiam latim suficientemente para estudar os textos ainda em língua latina.

Assim, no século XII, em 1170, surge o *Vocabulário latino-português* elaborado por MARTINHO DE ARRAOILOS.

E no século XIII, aparece a *Nomenclatura farmacológica «loquitur per alphabetum de simplicibus speciebus»*.

Nesse mesmo século, surgem os *Glossários de textos bíblicos e de textos jurídicos*, em 1296, e o *Thesaurus pauperum* (texto de medicina) de PEDRO HISPANO, médico e, mais tarde, professor universitário em Paris, antes de ser eleito Papa João XXI.

No séc. XIV, surge o *Dicionário de verbos do séc. XIV*, também no Mosteiro de Alcobaça.

Na mesma época, surgiram as primeiras **concordâncias** das unidades lexicais em estruturas de frases. Este conceito, hoje, muito utilizado na Linguística computacional e no tratamento semiautomático da língua(s), surgiu na Idade Média para designar os primeiros estudos lexicais e sintáticos a partir de um conjunto de frases (pequenos contextos) que contextualizavam uma unidade lexical.

3.1.2.4.1. Constituição do léxico português

A história de como a individualidade da Língua Portuguesa começou a desenhar-se no domínio do **Léxico** pode remeter-nos para uma data próxima do século VI. A partir dessa época longínqua, a língua falada no noroeste da Península Ibérica foi-se distanciando das variedades do latim vulgar que lhe eram vizinhas e adquiriu as características fonéticas que nos permitem identificá-la como o estágio primitivo da Língua Portuguesa.

Sobre a constituição do léxico galego-português, PIEL, J.M. (1976: 389-390) afirma que

"Foi sobre os alicerces deste fundo primitivo (o património lexical primitivo galego-português de origem latina), lançados nos séculos obscuros (V-VIII), que se construiu, com a ajuda de sedimentos novos, trazidos por gerações sucessivas (germanismos, arabismos, latinismos, galicismos, italianismos, castelhanismos, etc.), o magno edifício do **Léxico** comum português e galego".

É bem sabido que os mais antigos textos redigidos em português situam-se no século XII. Podemos hoje afirmar que no final desse século a Língua Portuguesa já era usada em situações de escrita informal e o primeiro documento conhecido em Língua Portuguesa é uma pequena *Notícia de Fiadores*, datada de 1175, recentemente descoberta, onde são discriminadas dívidas do nobre PAIO SOARES ROMEU.

Segundo MARTINS, A.M. (cf. 1999:19), este documento é anterior aos que até há pouco tempo eram considerados os dois primeiros textos escritos em português: a *Notícia de Torto*, datada do início do século XIII, e o *Testamento* de D.Afonso II, de 1214.

Trata-se, em todos estes casos, de documentos notariais que têm a função de estabelecer e guardar a memória de um certo acto jurídico (como o *Testamento de Afonso II*) ou testemunhar factos que possam vir a ser tratados juridicamente (como a *Notícia de Fiadores* ou a *Notícia de Torto*)¹¹.

¹¹ Sobre as características destes documentos e sobre os diversos textos contemporâneos, ver Ana Maria MARTINS, *op. cit.*

3.1.3. Lexicografia: do Renascimento Humanista ao século XXI

No século XVI, foi criada a imprensa, processo gráfico aperfeiçoado por Johannes Gutenberg que teve a sua origem na *prensa móvel*. Esta invenção desenvolvida por Gutenberg, ourives de profissão, diferencia-se dos métodos já usados pelos chineses em dois aspectos: a invenção do tipo de máquina impressora e o uso de tipos alfabéticos e não ideográficos.

Da sua cidade de origem, Mogúncia na Alemanha, as prensas gráficas espalharam-se por grande parte do continente europeu.

Por volta de 1500, havia uma máquina de impressão gráfica em mais de 250 lugares da Europa. Em poucas décadas toda a Europa Ocidental já havia produzido mais de vinte milhões de volumes (cf. MATORÉ, G., 1968).

Assim, a imprensa criada, no século XVI, facilita a multiplicação rápida das obras resultantes do Renascimento Humanista e, em particular, de todas as obras utilizadas no alargamento da escolarização a várias camadas da sociedade.

Paralelamente, é realizada a impressão rápida de dicionários, quase sempre bilingues, bem como dicionários em dois formatos: extensos e escolares (mais reduzidos), utilizados também no movimento humanista da escolarização.

Estes primeiros dicionários gerais e científicos têm também como objectivo e função a fixação do corpus lexical e da grafia das novas línguas emergentes.

3.1.3.1. Em Itália, em 1502, foi publicado o *Dictionarium latinum* por Ambrósio de Calépio; este dicionário era monolingue, em latim; foi reeditado em 1509, mas com um carácter multilingue, apresentando para além do latim, o grego, o hebreu e o italiano; foi reeditado, mais tarde, com onze línguas.

Estas versões do Dicionário tiveram muita importância em toda a Lexicografia europeia. E, por metonímia, este designado por “Calepino”, termo que entrou em várias línguas e também em Português com o significado de pequeno caderno ou livro de notas.

Em 1612, surge o *Vocabolario dell’Accademia della Crusca*, dicionário monolíngue, redigido por uma academia linguística.

Nos séculos XX e XXI, surgem vários tipos de dicionários (em suporte de papel ou digital): dicionários históricos, dicionários de uso, dicionários escolares: *Vocabolario Zingarelli*, com 140.000 entradas, publicado por Zanichelli; *Grande Dizionario italiano dell’uso* de Tulio de Mauro, com 130.000 entradas; *Vocabolario della lingua italiana Treccani*.

3.1.3.2. Em França: ROBERT ESTIENNE, em 1531, inspirando-se no “Calepino” publica *Latinae linguae thesaurus*; em 1539, publica o *Dictionnaire françois-Latin* que representa o primeiro inventário do vocabulário francês.

Em 1606, NICOT publica o *Thresor de la Langue Françoysse tant ancienne que moderne*, obra em que já não se faz referência ao latim. Esta obra apresenta o protótipo do artigo de dicionário lexicográfico.

Só em 1680, surge o primeiro dicionário monolíngue da língua francesa, publicado por RICHELET.

Em 1694, é publicado o *Dictionnaire de l’Académie française* com características normativas e didáticas.

No séc. XIX as grandes casas editoras, em França, apresentam extensas séries de trabalhos lexicográficos: em 1863-7, LITTRÉ publica o *Dictionnaire de la Langue française*, em quatro volumes, com um suplemento; em 1865-76, LAROUSSE, P. publica o *Grand*

Dictionnaire Universel du XIXe Siècle, um dicionário enciclopédico em 15 volumes.

Nos séculos XX e XXI são publicados um número muito grande de dicionários em suporte de papel ou digital: *Dictionnaire de l'Académie Française*; *Trésor de la langue française: dictionnaire du XIX et XXe siècles* (100.000 entradas) por Paul IMBS e Bernard QUEMADA; *Grand Larousse de la Langue Française* por Louis GUILBERT, René LAGANE et Georges NIOMEY; dicionário enciclopédico *Grand Dictionnaire Encyclopédique Larousse*; *Dictionnaire Petit Larousse Illustré*; *Dictionnaire Petit Robert*; *Le Dictionnaire du Français Contemporain*; *Le Lexis*; *Le Dictionnaire de mots nouveaux des sciences et des techniques*; *Le Grand Robert*; *Dictionnaire Culturel de la Langue Française (Robert)*.

3.1.3.3. Em Espanha: NEBRIJA publica os primeiros dicionários *Latim-Espanhol* (1492) e *Espanhol-Latim* (1495).

Mais tarde, em 1611, COVARRUBIAS publica o primeiro dicionário europeu inteiramente consagrado a uma língua viva: o *Tesoro de la lengua castellana o espanola*.

Entre 1726-39, surge o *Dicionário da Academia Espanhola*.

O *Diccionario de la lengua española* ou *Diccionario de la Real Academia Española* foi editado e elaborado pela RAE – Real Academia Espanhola. Muitas vezes a RAE denomina-o de «Diccionario usual».

3.1.3.4. Em Inglaterra, segundo HALLIDAY (2004:14) “os dicionários ingleses não se desenvolveram isolados de outras tradições. Eles foram influenciados por algum lugar da Europa e mesmo por tradições mais distantes”.

Assim, O *Dicionário de Latim-Inglês* de SIR THOMAS ELYOT apareceu em 1538 e o *Abecedarium Anglico-Latinum* de R. HOWLET, em 1552.

Os dicionários bilingues das línguas modernas começaram com o dicionário de Inglês-Francês de PALSgrave de 1530, que foi seguido pelos dicionários de Inglês-Espanhol e Inglês-Italiano.

A organização das palavras por ordem alfabética tornou-se então prática estabelecida; e os lexicógrafos começaram a introduzir citações a partir de trabalhos literários para ilustrar o uso na língua estrangeira.

Em 1604, foi publicado o primeiro dicionário monolíngue para a língua inglesa por Robert Cawdrey.

Em 1616, surgiu o livro *English Expositor* de JOHN BULLOKAR, e em 1623 foi publicado *The English Dictionarie* de HENRY COCKERAM que continha duas partes: uma de palavras difíceis e outra de palavras frequentes, com exemplos para cada grupo para elucidar o uso dessas palavras.

O primeiro dicionário que incluiu para além das palavras as suas definições foi o *New English Dictionary* de JOHN KERSEY de 1702; mais tarde, em 1720, NATHAN BAILEY publica o seu *Universal Etymological English Dictionary*, onde acrescenta uma nova dimensão à **Lexicografia** pela inclusão da **história (etimologia) de cada palavra**. Este trabalho foi o precursor do *Dictionary of the English Language* de SAMUEL JOHNSON publicado em 1755.

Este dicionário foi um marco de referência não apenas pela qualidade da descrição lexicográfica, mas também pelo papel do lexicógrafo como uma autoridade na pronúncia correcta e na definição das palavras.

Em 1840-55, em língua inglesa surge Meyer's *Great Encyclopaedic Lexicon* em 46 volumes, mais 6 volumes suplementares. Cada um destes grandes trabalhos foi seguido por um grande número de publicações de vários tipos.

A função normativa de um dicionário foi o traço distintivo dos dois maiores lexicógrafos americanos da primeira metade do séc. XIX: NOAH WEBSTER e JOSEPH WORCESTER.

WEBSTER em particular, no *American Dictionary of the English Language* publicado em 1828, procurou descrever o Inglês Americano como uma língua distinta, marcada pelas suas próprias convenções ortográficas; as modificações no soletramento que introduziu no seu dicionário foram aceites como o padrão americano.

No séc. XIX, segundo HALLIDAY (2004:15), a Lexicografia na Inglaterra apresentou um modelo inovador: o *Thesaurus* de ROGET, P. M., médico e membro da Sociedade Real; organizou as palavras e as frases idiomáticas da língua inglesa numa taxonomia semântica que lhe ocupou cerca de 40 anos. Foi influenciado pelos seus predecessores da Sociedade Real, na construção de uma língua artificial para a taxonomia científica e pela tradição indiana de **lexicografia**, que este conheceu através da tradução de COLEBROOKE da AMERA SINHA, o dicionário Sânscrito do séc. VII.

O *New English Dictionary on Historical Principles* editado por JAMES MURRAY e publicado em 12 volumes, no período de 1884 a 1928, pela Impressora da Universidade de Oxford (donde a designação de *Oxford English Dictionary* ou *OED*). Esse Dicionário incorporou as citações textuais extensivas, uma prática estabelecida no *New Dictionary of the English Language* de CHARLES RICHARDSON, de 1837, seguindo o princípio estabelecido por JACOB e WILHELM GRIMM no seu dicionário histórico de larga escala do Germânico (iniciado em 1852 e publicado até 1960). O *OED* contém 400.000 entradas e cerca de dois milhões de citações. Quatro volumes suplementares surgiram entre 1933 e 1986 e uma edição revista do dicionário completo foi publicado em 1989 como o *The Oxford English Dictionary*, segunda edição, em 20 volumes.

Em geral as práticas desenvolvidas na lexicografia do séc. XIX continuaram, mas houve uma grande expansão em três principais áreas: dicionários técnicos, tanto

monolíngues, como bilingues; dicionários de aprendizagem de inglês como língua estrangeira ou segunda língua; dicionários de variedade de inglês, outras do que aqueles da Inglaterra e América-principalmente o Escocês, Australiano, o Canadano, o Neo Zelandês e Sul-Africano.

3.1.3.5. Em Portugal, no séc. XVI, depois do período pré-lexicográfico relativo à produção de Glossários Bilingues, surgem os primeiros trabalhos lexicográficos que se integram na genealogia dos seus congêneres europeus do Renascimento Humanista.

Assim, em 1562, JERÓNIMO CARDOSO publica o primeiro dicionário *Dictionary ex lusitanico latinum sermone*; nesta obra são introduzidas terminologias científicas: direito, comércio e geografia, um grande número de neologismos de Medicina Geral, Anatomia, Farmacologia, Botânica fabricação de medicamentos. O mesmo autor publica *Dictionary Juventuti Studiosae*, um dicionário com um carácter escolar, em que uma parte é dedicada à medicina.

Do séc. XVIII ao séc. XXI, a Lexicografia portuguesa evoluiu muitíssimo: existe um número significativo de obras realizadas no âmbito da Lexicografia missionária. Mas os primeiros dicionários em Língua Portuguesa, dignos de renome são: o *Vocabulário Português-Latino* de RAFAEL BLUTEAU (1712-1728), obra bilingue em 8 volumes; o *Dicionário da Língua Portuguesa* de ANTÓNIO DE MORAIS SILVA (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813).

Em 1793, é publicado o *Dicionário da Real Academia das Ciências*.

Em 2001, Academia das Ciências de Lisboa publica o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*.

E em 2002, é publicado o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto António Houaiss Portugal.

A par destas publicações é também importante referir as edições regulares do *Dicionário da Língua Portuguesa* (em suporte de papel e disponível on-line) da Porto Editora.

Paralelamente, o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* que existe apenas em formato digital, disponível on-line.

Sublinhamos a importância destes dois últimos Dicionários que estão em constante renovação quer da sua nomenclatura, introduzindo neologismos, quer actualizando as descrições nas micro-estruturas.

3.1.4. Lexicografia no contexto angolano

Ao longo de muitos séculos a descrição do Léxico foi efectivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia; contudo, essa tarefa foi executada como uma praxis pouco científica. A análise da significação das unidades lexicais foi, durante muitos séculos, o objecto principal da Lexicografia.

O conhecimento da História da Lexicografia é para nós muito importante. As várias experiências em vários pontos do mundo, levam-nos a reflectir sobre opções metodológicas lexicográficas e dicionarísticas, em contexto angolano, num futuro próximo.

É muito recente, pelo menos entre nós, em Angola, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos. No entanto estão alguns trabalhos lexicográficos em preparação.

A Lexicografia no contexto africano e, em especial em Angola, surge no séc. XX. Os primeiros dicionários assim como os mais recentes são bilingues :

- 1941- o Padre B.M. BONNEFOUX publicou o *Dicionário Olunyaneka-Português*.

- 1951- o Padre Artur ALVES publicou o “*Dicionário Etimológico Bundo-Português*”.

- 1961- o Padre António da Silva MAIA publicou o *Dicionário Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Norte de Angola)*, através da Cooperação Portuguesa; este dicionário foi reeditado em 1994.

- 1964 -o mesmo autor editou o *Dicionário Rudimentar Português-Kimbundu (língua nativa falada mais ou menos de Luanda a Malanje)*, 1ª ed. da Editorial Missões-Cacujães.

- 1966, o mesmo autor publicou também o *Dicionário Português-Nhaneca* (Instituto de Investigação Científica de Angola, Lisboa).

- 1994, o Padre Artur ALVES publicou o “*Dicionário Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Norte de Angola)*”, 2ª edição, Cooperação Portuguesa.

- 1972 – os Padres Grégoire le Guennec e José Francisco Valente (1972), publicam o “*Dicionário Português-Umbundu*”, Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda.

- 1989 – BARBOSA, Adriano publicou o *Dicionário Cokwe-Português*, Insitituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

- 2000 - DANIEL, Henriques Etaungo “*Dicionário Umbundu-Português*”, NAHO, Europress.

- 2010 - DANIEL, Henriques Etaungo “*Dicionário Português-Umbundu*”, Luanda Mayamba editora.

- 2010 – COBE, Francisco Narciso “Novo dicionário Português- Kikongo”, Luanda, Mayamba editora.

Esperemos que num futuro próximo surjam também dicionários de aprendizagem monolíngues e bilingues, gerais e de especialidade.

3.2. Lexicografia e Metalexicografia

Hoje, os lexicógrafos reconhecem a existência de duas formas de actividades lexicográficas associadas ou não, segundo as épocas ou os especialistas (cf. QUEMADA; B., 1990:869):

1) A *Lexicografia prática* ou aplicada que engloba o conjunto dos saberes e das práticas para elaborar os dicionários de língua; este ramo da Lexicografia caracteriza-se pelos tipos de produtos em vista, pelos métodos utilizados numa determinada realização lexicográfica.

Este ramo da *Lexicografia* reagrupa as lexicografias geral e especializada que podem ser monolíngue ou plurilíngues, didáctica ou cultural, descritiva ou histórica, etc.

2) A *Lexicografia teórica*, crítica ou comparada ou *Metalexicografia* é a ciência dos dicionários da língua, aqueles que descrevem a forma, a significação e o emprego das palavras e expressões.

A *Lexicografia teórica* ou *Metalexicografia* tem por objecto o estudo das obras lexicográficas: tipologia, história, métodos, estrutura e qualidade dos conteúdos.

É uma disciplina recente, conceptualmente definida e com autonomia, enquanto a *Lexicografia prática* existe desde os primórdios do séc. XVI.

Assim, a *Lexicografia* tem duas vertentes: uma prática e outra teórica.

O termo de Lexicografia é mais antigo que o termo Lexicologia, denominação concorrente desde há dois séculos.

Os dois termos foram criados nos meados do XVIII pelos gramáticos da *Encyclopédie*, BEAUZÉE e DU MARSAIS, com uma especialização semântica motivada: *Lexicografia* designa uma *parte da ortografia*; *Lexicologia* designa o conhecimento das palavras consideradas fora da elocução). Estes dois termos ficaram confundidos até ao fim do século XIX, mesmo nos dicionários de LITTRÉ e de LAROUSSE.

Em 1961, ainda, o *Lexique de la Terminologie Linguistique* de MAROUZEAU reconhece apenas o termo de Lexicografia ao qual atribui os dois significados: Lexicografia e Lexicologia).

A ausência da discriminação estável entre a ciência das palavras (*Lexicologia*) e a arte de elaborar os dicionários (*Lexicografia*), durante muito tempo, deve-se ao facto da não existência de uma distinção efectiva entre as duas disciplinas.

O dicionário representava o conjunto dos saberes sobre as unidades lexicais. Por uma razão simétrica, a renovação de estudos consagrados ao léxico, depois de 1950, trará uma nova especialização dos dois termos. Sobre a dupla influência de análises quantitativas ou sociológicas do vocabulário e da aplicação das teorias estruturalistas ou distribucionalistas, a Lexicologia afirma a sua independência em relativamente ao dicionário.

3.2.1. Lexicografia prática

Esta forma de *Lexicografia* beneficia de uma tradição excepcionalmente rica, e ao mesmo tempo segue no essencial o progresso e desenvolvimento das ciências da linguagem. O estudo da *Lexicografia prática* permite medir até que ponto durante quatro séculos, ela contribuiu para formar a imagem da língua e da cultura nacionais.

Os lexicógrafos efectuaram o inventário e a descrição dos estados sucessivos

do léxico, mostrando a sua evolução e o funcionamento.

Assim, o texto didático dos dicionários participou na propagação das ideologias e da sociocultura dominantes em cada uma das épocas descritas.

3.2.2. Lexicografia teórica e crítica

A última ambiguidade está ligada ao uso generalizado da Lexicografia para designar também o estudo de todos os problemas históricos, teóricos e linguísticos, colocados pelo dicionário. Entre esses, mencionamos a análise tipológica, pois que a descrição e a avaliação da actividade lexicográfica implica uma análise prévia dos critérios de identificação.

Segundo QUEMADA, B. (cf.1990:870), a tipologia aplicada ao conjunto da produção impressa, desde a Renascença até 1865, baseia-se ao mesmo tempo em critérios externos ou socioculturais e internos ou linguísticos. Essa tipologia compreende três parâmetros principais:

1) *A natureza da língua fonte (entradas), da língua alvo (corpo do artigo) e das relações estabelecidas entre elas: dicionários monolíngues ou unilíngues, bilingues ou plurilíngues, multilíngues, homoglóssicos, heteroglóssicos e falso-bilingues;*

2) *A natureza e a proporção das informações fornecidas: elas podem ser do tipo linguístico ou enciclopédico e, por vezes misturadas com relações variáveis: dicionários da língua ou palavras, dicionários enciclopédicos ou de coisas, dicionários linguístico-enciclopédicos;*

3) *A densidade e a qualidade do material dicionarístico, ou seja, o número e a escolha das entradas que compõem a nomenclatura, por um lado, a quantidade e a natureza das informações dadas por cada entrada, por outro lado (dicionários extensivos ou gerais, restritivos ou especializados, intensivos ou resumidos).*

3.3. Lexicologia: a disciplina

Segundo QUEMADA, B. (1990:870), a Lexicologia tornou-se no estudo científico da componente lexical da língua:

“Devenue étude scientifique de la composante lexicale de la langue au niveau de ses unités et de ses structures, la lexicologie fait partie integrante de la linguistique du français. Les corolaires en sont qu’un lexicographe se doit d’être aussi un lexicologue et qu’il ne peut y avoir de bonne lexicographie sans bonne linguistique”.

Em Estrasburgo, em 1957, decorreu um Congresso sobre o método em Lexicologia, e segundo CHICUNA, A. (2009:35):

"A partir dos anos 50, os estudos lexicológicos começam a ganhar estatuto de maioridade, marcados por obras como a de G. MATORÉ, (*La méthode en Lexicologie*), pelo Congresso de 1957, ocorrido em Estrasburgo (*Lexicologie et lexicographie françaises et romanes*, 1960) e o começo da publicação dos *Cahiers de lexicologie*, dirigidos por Bernard QUEMADA".

A Lexicologia é uma disciplina recente, mas com uma longa tradição. Muitas são as reflexões sobre a “palavra” e sobre as “palavras”, relexões que remontam à Antiguidade Grega e aos gramáticos indianos (a.C.). A “palavra” é um dos temas fundamentais quer da filosofia da linguagem, quer da filosofia do sentido.

A Lexicologia é a ciência que tem por objecto de estudo o léxico que se constitui como disciplina durante o período da Língua Estrutural, a partir de 1920.

Segundo OLIVEIRA, A.M. e ISQUERDO, A. (1998, s.p.),

“a Lexicologia é uma ciência antiga e tem como objectos básicos de estudo e a análise da palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”.

De acordo com estas autoras, os problemas teóricos sobre o léxico têm merecido pouca atenção dos linguistas.

A definição e a identificação da unidade lexical constituem problemas teóricos complexos com graves consequências noutros domínios, muito em especialmente na prática da Lexicografia.

Segundo BIDERMAN, T. (1978:139), cada unidade lexical da língua

“faz parte de uma vastíssima estrutura que pode ser considerada segundo duas coordenadas - o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. No entanto, da conjugação dessas coordenadas resulta a complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o Léxico, evidenciando como a unidade lexical uma vez inserida numa cadeia paradigmática articula-se em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infinito de significações linguísticas. Embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia distingue-se da Semântica, pelo facto de se ocupar do léxico e da unidade lexical na sua dimensão significativa”.

A mesma autora define a Lexicografia como a ciência dos dicionários e como uma actividade muito antiga que tem origem na Antiguidade Chinesa, Indiana e dos povos do

Médio Oriente (Suméria, Fenícia, Egípto), na Antiguidade Árabe.

A autora afirma que a Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. E acrescenta que embora a produção Lexicográfica tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passaram de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor na leitura e interpretação de textos da Antiguidade clássica e da Bíblia.

Portanto, a Lexicografia só começou, de facto, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilingues (latim e uma língua moderna).

GAUDIN, F. (2000:15) afirma que a Lexicologia e a Lexicografia são duas disciplinas irmãs que se desenvolvem num processo de complementaridade:

“disciplines soeurs, donc difficiles à distinguer. La première désigne l'étude du lexique d'une langue tandis que la seconde renvoie à la confection de dictionnaires et, plus largement, d'ouvrages présentant un modèle de ce qu'est ce lexique”.

Assim, CHICUNA, A. (2009:36) define a Lexicologia do seguinte modo:

"A *Lexicologia* (do grego *lexicon*, palavra, e *logos*, tratado) é um dos domínios da Linguística que, pela sua especificidade e extensão, constitui uma disciplina autónoma. As regras que dizem respeito às unidades lexicais estudam-se na Lexicologia, que se constituiu, enquanto ciência, depois da Linguística Estrutural”.

Mas CHICUNA, A. (2009:35) esclarece ainda que

"A *Lexicologia e Lexicografia* são dois ramos distintos que têm como objecto de estudo o léxico. A Lexicologia distingue-se da Lexicografia, disciplina que se ocupa da elaboração de dicionários. Os contributos da Lexicologia são, não obstante, de grande interesse para a Lexicografia, e esta pode ser entendida como um ramo da Lexicologia Aplicada".

Assim, podemos afirmar que Lexicologia e Lexicografia são duas disciplinas autónomas, mas complementares, com quadros conceptuais e terminologias próprias.

BIDERMAN, T. *et al.* (1998)¹² definem as Ciências do Léxico, partindo do pressuposto que o Léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Acrescenta dizendo que ao dar nomes aos seres e objectos, o homem classifica-os simultaneamente.

Em suma, o Léxico relaciona-se com a cognição, com a conceptualização da realidade e com o processo de nomeação.

Na segunda metade do século XX, muito em especial a partir de 1968, aconteceram mudanças significativas na teoria e prática da *Lexicologia*, trazendo consigo as novas tecnologias informáticas disponíveis para o processamento de dados e para a pesquisa semiautomática dos *corpora* textuais com a ajuda de softwares hipertextos.

¹² Maria Tereza Camargo BIDERMAN (1998) *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Editora UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

Paralelamente, as metodologias lexicográficas beneficiaram também dos *corpora* textuais, das técnicas da informatização e da computarização. Os lexicógrafos começaram a trabalhar sobre um volume muito maior de dados; o computador possui uma velocidade de processamento e uma grande capacidade de armazenamento. Por exemplo, o conteúdo total da edição de 1989 do *OED – Oxford English Dictionary* está agora disponível num disco compacto (CD) para qualquer indivíduo que tenha um computador:

"Este [CD] tornou-se uma base de dados com a informação lexical de meio milhão de entradas, com uma pesquisa integral sobre qualquer item escolhido e normalmente em menos de um minuto" HALLIDAY (2004:16).

Na década de 1990, os lexicógrafos começaram a utilizar recursos massivos tais como o *British National Corpus*, o *Corpus Internacional de Inglês* e o *Bank of English*. na *Universidade de Birmingham* na Inglaterra; em França, foi organizado o *Corpus Frantext* que permitiu a elaboração do Trésor de Langue Française

Assim, grandes quantidades de texto começaram a ser acessíveis na forma de *máquinas leitoras*.

O efeito desses recursos na feitura do dicionário é já uma realidade: o dicionário pode agora ser enraizado num uso autêntico da escrita e linguagem oral.

3.4. A unidade lexical

GUESPIN, L. (2000:15) afirma que existe uma oposição entre os conceitos de *léxico* e *vocabulário*. O *léxico* diz respeito ao sistema das unidades da *língua* e o *vocabulário* ao conjunto das unidades do *discurso*.

Os conceitos de *léxico* e de *vocabulário* articulam-se aos conceitos de *língua* e *discurso*; a *língua* designa o sistema potencial da expressão e da comunicação e o *discurso* designa as realizações concretas desse sistema.

A *língua* é virtual, é um objecto construído, enquanto o *discurso* constitui-se nos usos particulares dos seus interlocutores.

A *unidade lexical* é uma unidade de significação que não se confunde com uma *forma*, termo que engloba a palavra gráfica entre dois espaços em branco.

A unidade lexical tem vários estatutos consoante a perspectiva em que é analisada. No plano do sistema (plano teórico), a componente lexical é designada de *léxico*; neste plano, a unidade lexical é designada de *lexema*.

No plano do *discurso* (plano da actualização), a componente vocabular é designada de *vocabulário* e a unidade lexical é designada de *vocabulo*.

No Dicionário, a unidade lexical é designada de *unidade lexicográfica* ou "*entrada*", cuja significação é analisada na definição lexicográfica, segundo determinado modelo teórico e metodológico.

Nas terminologias das línguas de especialidade, a unidade lexical é designada de *termo* que está associado a um conceito e possui características semânticas muito específicas; o *termo* é muitas vezes monossémico de modo a evitar a ambiguidade na comunicação de especialidade.

CAPÍTULO IV

CORPORA, NEOLOGIA E DICIONÁRIO

4.1. Língua e Linguística de *Corpus*

A *Linguística do Corpus* é um novo ramo da Linguística que emergiu em 1960, em reacção às publicações de CHOMSKY, Noam: as *Estruturas Sintácticas* e os *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, publicados respectivamente em 1957 e 1965.

A investigação linguística apoiada em *corpora* contrariava o princípio chomskiano da intuição do sujeito falante sobre os dados linguísticos. A *Linguística de Corpus* defendia o estudo da língua baseado em exemplos efectivos do uso de uma língua.

Segundo McENERY, T. (1996:2), a *Linguística de Corpus* é definida do seguinte modo:

"a *Linguística do Corpus* não é um ramo da *Linguística* no mesmo sentido como a *sintaxe*, a *semântica*, a *sociolinguística*. Todas estas disciplinas concentram-se na descrição de alguns aspectos do uso da Língua. A *Linguística de Corpus*, em contraste, é uma Metodologia muito mais do que um aspecto da Língua, requerendo observação ou descrição. Uma abordagem baseada no *Corpus* pode ser tida em conta para muitos aspectos da análise linguística. A *sintaxe*, a *semântica* e a *pragmática* são apenas três áreas que usaram uma abordagem baseada em *Corpus*".

A *Linguística de Corpus* é uma metodologia que pode ser usada em quase qualquer área da Linguística, mas na realidade não delimita uma área da *Linguística* em si mesma.

A *Linguística de Corpus* todavia permite-nos diferenciar entre uma área da *Linguística* ou uma série de áreas da *Linguística*: consequentemente, temos o estudo do léxico baseado em corpus, a *sintaxe* baseada em *corpus*, oposta à *sintaxe* não baseada em corpus, a *semântica* baseada em corpus e a *semântica* não baseada em corpus, etc.

Assim, a *Linguística do Corpus* não é uma área de investigação linguística em si mesma, mas permite-nos discriminar abordagens metodológicas específicas.

4.2. *Corpus* textual: definição

O termo *corpus* tem duas polissemias: 1) nos anos trinta, é entendido como um conjunto de dados organizados em função de uma análise linguística; 2) mas, a partir dos anos sessenta, *corpus* adquiriu um novo significado e, por isso, designa um conjunto textos reunidos em formato digital, organizados segundo critérios rigorosos e muitas vezes enriquecidos com indicações ou etiquetas específicas.

Os *corpora* devem ser representativos, homogêneos e pertinentes em função da investigação.

CHICUNA, A. (2009:145) define o *corpus textual* ou *escrito* como uma amostra de língua escrita. Para além dos *corpora* escritos, existem também os *corpora* orais, que são uma amostra de língua oral (transcrições gráficas de gravações, gravações e transcrições gráficas e/ou fonéticas, utilizadas em fonética e tecnologias da fala).

Segundo MENDES, I. (2009:51),

“o *corpus* é um conjunto finito de enunciados escritos orais ou mistos, produzidos por indivíduos pertencentes a diferentes camadas sociais”.

GALISSON, R. e COSTE, D. (1983:169) definem um *corpus* como um conjunto de dados reunidos para uma investigação linguística e acrescentam:

"O *corpus* pode ser considerado exaustivo ou selectivo. O *corpus* é exaustivo [...] quando compreende todos os enunciados característicos e selectivos [...] quando compreende apenas uma parte desses enunciados”.

A interpretação do conceito exaustivo deve ser feita com algumas reservas, pois sabemos que, em virtude da língua natural ser infinita, um *corpus* nunca é capaz de descrever uma língua na sua totalidade, por mais exaustivo que seja.

MENDES, I. (2009:51) cita FREY e LATIN (1996), segundo os quais,

“o *corpus* é como o veículo de informações que podem ser explícitas e implícitas, informações estas que podem ser de natureza linguística, sociolinguística, pragmática, diacrónica e cultural”.

4.2.1. *Corpora* textuais: tipos

Segundo MENDES, I. (2009:59), apesar da facilidade que as tecnologias informáticas proporcionam, o papel do investigador continua a ser relevante na organização e no tratamento do *corpus*, na medida em que este deve saber exactamente sobre que tipo de *corpus* vai trabalhar:

“Por conseguinte, o lexicólogo ou lexicógrafo, antes da constituição de um *corpus*, deve, primeiro, pensar no objectivo a atingir e, em seguida, colocar uma série de questões relacionadas com esse mesmo objectivo. Por exemplo, no caso de obras literárias, pode questionar-se sobre a análise de um ou de vários autores. Mas também pode interrogar-se acerca do género de textos que pretende estudar: obra literária? textos da imprensa? ou outro género de textos? Pode, ainda, questionar-se sobre o registo: textos orais, escritos ou ambos? As respostas a estas perguntas, associadas ao objectivo a atingir determinarão o tipo e a dimensão do *corpus*. Assim, os *corpora* podem diferir em extensão, no formato, na organização, na representabilidade”.

Assim, existem vários tipos de *corpora* (cf. LINO, T , 2007:20):

- a) escritos e orais;
- b) monolíngues, bilíngues, plurilíngues;
- c) paralelos, tematicamente paralelos;
- d) comparáveis, por exemplo o Português de Portugal comparado com o Português em Angola, o Português em Moçambique, o Português em Cabo Verde, o Português na Guiné.

Os *corpora* de línguas de especialidade em que se enquadram as línguas científicas e as línguas técnicas podem apresentar as subcategorias seguintes:

- *Corpora* altamente especializados, constituídos por textos redigidos por especialistas para especialistas.
- *Corpora* altamente especializados didáticos, constituídos por textos redigidos por especialistas para alunos universitários.
- *Corpora* semiespecializados, constituídos por textos redigidos por especialistas com um carácter de vulgarização da ciência.
- *Corpora* banalizados, constituídos por textos que representam um subsistema paralelo relativo a uma língua científica
- *Corpora* vulgarizados, constituídos por textos redigidos com um carácter de vulgarização da ciência ou da técnica.
- *Corpora* de línguas de especialidade: por exemplo da língua jurídica (vários tipos de textos).

4.2.2. Critérios de organização de *corpora*

A organização dos *corpora* obedece a critérios rigorosos de vários tipos:

- semânticos, lexicais, pragmáticos, informáticos.
- domínios de experiência (ex. família, alimentação, religião, pesca,...);
- domínios terminológicos (medicina, turismo, ...)
- tipos de textos, tipos de discursos e géneros;
- locutor/sujeito de enunciação;
- situação de comunicação escrita ou oral
- situação de comunicação especializada escrita ou oral

4.2.3. Funções dos *corpora*

Os *corpora* têm várias funções: descrever o léxico; contribuir para a elaboração ou actualização de dicionários.

Assim, os *corpora* têm os seguintes objectivos específicos:

1- Observação e análise de fenómenos linguísticos:

- unidades lexicais: polissemias, sinónimos, homónimos;
- relação entre unidades lexicais (hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia);
- estabilização de um novo sema (nova significação: polissemia);
- estabilização de um novo conceito e de uma nova significação (no âmbito da terminologia);
- estabilização de um sinónimo;
- estabilização de uma definição de uma unidade lexical ou de um termo.

2- Extração de dados para elaboração de novos dicionários ou para a actualização de dicionários já existentes:

- extracção de unidades lexicais, unidades funcionais, formantes morfossemânticos.
- extracção de concordâncias e de contextos.
- extracção de neologismos de vários tipos.

4.3. *Corpora*: estudos em Lexicografia e Lexicologia

SAMUEL JOHNSON, por exemplo, ilustrou o seu dicionário com exemplos da literatura; e no séc. XIX o OED - *Oxford English Dictionary* fez uso de citações para ilustrar o uso da unidade lexical.

A prática da colecta de citações ainda continua, mas os *corpora* mudaram o rumo dos lexicógrafos.

Podemos observar como os *corpora* fizeram uma revolução enorme no estudo do léxico, nas investigações em Lexicologia e Lexicografia, assim como na criação de produtos/recursos lexicais e dicionarísticos.

McENERY (1996:90) sustenta que

"Os *corpora* e outras colecções de textos da *máquina leitora*, significam agora, que o lexicógrafo pode sentar-se num terminal de computadores e mobilizar os exemplos do uso de uma palavra ou frase a partir de muitos milhões de palavras do texto em poucos segundos. Isto não quer dizer que apenas os dicionários podem ser produzidos e revistos muito mais rapidamente do que antes, mas também que as definições podem felizmente serem mais completas e precisas, no momento em que uma grande amostra de exemplos naturais possa ser examinada".

Para ilustrar os benefícios dos dados do *corpus* na lexicografia, o mesmo autor cita e discute duas entradas relativas aos verbos *quake* e *quiver*, nos dicionários: o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o *Collins COBUILD Dictionary* e *Oxford English Dictionary* (McENERY (1996:91):

"Tanto o dicionário *Longman*, como o *COBUILD* qualificam-nos [verbos] como sendo unicamente intransitivos; nunca apresentam complemento directo; do mesmo modo o dicionário de Oxford considera *quake* como unicamente intransitivo, mas considera *quiver* como sendo também transitivo, porque pode algumas vezes apresentar um complemento. No entanto, observando as ocorrências desses verbos num corpus de cerca 50.000.000 de palavras, ATKINS foi capaz de descobrir exemplos tanto de *quiver*, como de *quake* em construções transitivas (como por exemplo, *it quaked her bowels; kuivering its wings*)".

Assim, este exemplo mostra claramente como um *corpus* suficientemente grande e representativo pode complementar ou refutar as intuições do lexicógrafo e fornecer informação que pode no futuro resultar em descrições de entradas de dicionário mais precisas e mais actualizadas.

Por outro lado, os *corpora monitores* têm tido uma grande importância nos trabalhos lexicográficos como por exemplo do grupo de investigação COBUILD. Estes *corpora* ajudam os lexicógrafos na triagem de um conjunto de novos dados, observando as novas ocorrências ou as novas unidades lexicais ou a mudança de significado de unidades lexicais.

Os *corpora* têm tido um papel importante no estudo de uma língua em si mesma e no desenvolvimento das ferramentas computacionais para o processamento da língua

natural.

Uma das funções mais significativas dos *corpora* no estudo da língua está associada à importância dos dados empíricos. Os dados empíricos levam o linguista a fazer investigações objectivas, baseadas na língua e não apenas afirmações subjectivas, baseadas na sua própria percepção cognitiva interiorizada individual da língua.

A utilização de dados empíricos significa que é possível estudar variedades das línguas, tais como dialectos, ou períodos anteriores duma língua.

Mas a investigação linguística empírica pode ser levada a cabo sem o uso do *corpus*. Embora muitos investigadores se referiram aos seus dados como um *corpus*, frequentemente esses dados não se enquadram na definição de um *corpus* no sentido de que se tem dado ao termo de *corpus*.

A *Linguística de corpus* pressupõe uma abordagem empírica, mas a linguística empírica não pressupõe o uso de um *corpus* (cf. McENERY, T., 1996:87).

4.4. *Corpora*: Linguística Comparativa

A *Linguística Comparativa* também mostra a importância de uma investigação baseada em *corpus*.

Hoje, os *corpora* permitem comparar: a) línguas; b) normas da mesma língua (por exemplo, Português de Portugal e o Português do Brasil); c) variantes de uma mesma língua (o Português de Angola com o Português Europeu); d) períodos de uma língua: Português Medieval e Português contemporâneo; ou Umbundo do início do séc. XX e Umbundu do séc. XXI.

4.5. *Corpora*: Semântica Lexical, Neologia e Terminologia

No âmbito da Semântica Lexical e da Lexicologia, o *corpus* é importante para a observação de ocorrências de unidades lexicais, de modo a determinar as suas polissemias estáveis e as polissemias de discurso ou polissemias neológicas. Permite também observar o aparecimento de um neologismo, datar esse neologismo e verificar o momento da sua dicionarização.

Através dos diferentes tipos de *corpora* é possível observar e analisar os vários neologismos, os novos tipos e os novos processos de formação.

Na investigação em Línguas de Especialidade e da Terminologia, em especial, segundo LINO, T. *et al.* (2010:188):

“a Linguística de corpus veio problematizar a relação significado/sentido numa perspectiva de semântica textual. Esta nova abordagem textual designada de Terminologia textual, assim como a descrição dos fenómenos de variação em contexto constituem uma transgressão aos princípios clássicos da terminologia WUSTERIANA que privilegiava a tríade termo/conceito/referente, preconizando a monossema do termo científico e técnico”.

Por outro lado, a investigação em Terminologia, tendo como base os *corpora* de especialidade pode observar um número significativo de fenómenos (como a neóníma ou terminologia neológica); assim, LINO *et. al.* (2010: 189) afirmam que

"Paralelamente a estas particularidades linguísticas, temos um interesse especial pelo estudo da variação fonomorfossintáctica e da variação semântica, isto é, a polissemia, a sinonímia, a

reformulação terminológica e a fraseologia, fenómenos que participam muitas vezes na neóníma e que são por vezes, portadores de elementos de lexicultura".

Estas investigações partem de *Corpora textuais* de especialidade informatizados, constituídos por textos recentes altamente especializados, isto é, obras e revistas científicas, teses de doutoramento e de mestrado.

Com efeito, hoje, estes *corpora* são muitas vezes completados por *corpora lexicográficos de especialidade* caracterizados por novas *macro* e *micro-estruturas* de dicionários terminológicos recentemente elaborados.

Paralelamente, são também frequentemente usados *corpora* orais de especialidade; segundo LINO, M. T. et. al (2010:189),

"Como os *corpora textuais* de especialidade envelhecem rapidamente, em consequência da evolução do conceito científico, utilizamos *corpora* orais de especialidade recolhidos junto de especialistas, em situação de comunicação especializada, pois a organização dos *corpora* depende do objectivo da investigação, assim, por vezes, optamos por construir *corpora monolíngues, bilíngues* ou *plurilíngues*".

Em consequência destas novas perspectivas e das novas propostas da *Socioterminologia* e da *Terminologia Cultural*, segundo a mesma autora, a investigação em Terminologia incide, hoje, sobre a neologia terminológica, a metáfora terminológica, os vários tipos de variação terminológica aos quais se associam aspectos de lexicultura, presentes em muitos neónimos e termos científicos. Todos estes fenómenos linguísticos têm uma grande incidência na descrição terminológica, na lexicografia de especialidade, na tradução e no ensino-aprendizagem das línguas de especialidade.

Paralelamente a estas particularidades linguísticas, existe também um interesse

especial pelo estudo da variação fonomorfofossintáctica e da variação semântica, isto é, a polissemia, a sinonímia, a reformulação terminológica e a fraseologia, fenómenos que participam muitas vezes na neónímia e que são, por vezes, portadores de elementos de lexicultura (cf. LINO,T., 2010:189).

4.6. *Corpora*: Discurso e Pragmática

A importância dos *corpora* na investigação do discurso revê-se em dois objectivos principais: 1) o *corpus* fornece uma amostra representativa do discurso, estendendo-se por uma selecção extensa de variáveis (tais como, a idade do falante, o sexo, bem como a classe social); 2) o *corpus* pode apresentar uma variedade de géneros ou tipos de textos ou tipos de actividade (tais como, conversação, leitura de jornal, leitura de poesia, a liturgia, os procedimentos legais, etc.).

Esta amplitude do *corpus* tem dois benefícios: primeiro, apresenta o *corpus* como um todo, o que significa que as generalizações acerca da língua oral podem ser feitas; segundo, as secções constituintes do *corpus* ou subcorpus podem representar muitas variáveis, géneros e tipos de actividade, importantes no estudo da variação do discurso dentro de uma língua.

Os *corpora* servem para reflectir a língua como é realmente usada na vida real.

No âmbito do criticismo de CHOMSKY, algumas frases podem ser excluídas por serem raras. Porém hoje o caso pode ser diferente, porque no seu tempo, CHOMSKY não imaginava sequer a artificialidade dos computadores de hoje, que podem colectar enormes textos para a análise de *interacções verbais* que acontecem no dia-a-dia em que as relações, linguística e extralinguística permitem caminhar para quadros de referência ou sociocomunicativos ou enunciativo-pragmáticos.

Nessa condição, nenhum discurso escapa à regra. Entretanto, fazemos uma distinção entre *texto* e *discurso*. O *texto* é o objecto formal abstracto enquanto o *discurso* é uma prática social concreta. De lembrar que o *texto* pode ser oral ou escrito.

Assim sendo, podemos escolher o tipo de texto discursivo a pesquisar. É pelos enunciados, ocorrências constatáveis ou ocorrências constatadas, que nos situamos no universo do observável: o dos *fenómenos* e o dos *dados* (MARQUES, M.E.R. 2001:160)¹³:

“Sobre a elaboração do desenho de um trabalho de investigação em linguística que envolva textos, como objecto ou como instrumento de análise, submetemo-nos no reconhecimento assumido da complementaridade entre os *planos discursivo* e *textual* que o interior de um texto empírico pode conter, sabendo que todo o discurso é construção de conhecimento, porque se o homem aprende a falar numa sociedade, é por estar inserido num meio social e cultural onde vive um processo de enculturação, de socialização e será esse homem o actor social, com condições no espaço interlocutório em que possa ser o sujeito comunicante, o sujeito enunciator e sujeito de enunciado, ou aquele que esteja enraizado em instâncias de produção discursiva, tanto como *emissor* e como *receptor*. As perspectivas nesta base de pesquisa assentam-se predominantemente na intenção do analista, que inclui a fixação do texto, que pode ser poema do tipo medieval, um estudo de estatística, que permite clarificar autoria e a construção de uma gramática textual. Essas perspectivas levam-nos a análises, que ora enfatizam uma estrutura organizacional, ora questões de significação”.

¹³ Maria Emília Ricardo MARQUES (2001, P. 160) *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Universidade Aberta, Lisboa.

No modelo variacionista, as superfícies textuais variam em função da diversidade das situações sociocomunicativas e em função de parâmetros socioculturais ou do grau de cooperação e de negociação das significações, atingido no circuito social da comunicação (cf. MARQUES, M.E.R., 2001:159).

AUSTIN, J.L. (1962), citado por MARQUES, M.E.R. (cf. 2001:167), estudou os tipos de segmentos verbais em que a palavra coincide com a acção que designa, formando assim um todo não separável, onde se amalgamam acções ditas, que o verbal realiza.

Sgundo COUTINHO, M. A. (cf.2001:141-151, apud Adam 1992), a capacidade de desenvolver cada uma das organizações textuais depende da disponibilidade de um modelo prévio a que corresponderá a sequência prototípica em causa, ou modelo colhido na experiência de textos, como reconstrução teórica a partir de sequências empiricamente observadas, na perspectiva sociointeraccionista de BRONCKART (1996).

Concordamos com o ponto de vista da autora, quando afirma que é necessário uma atenção renovada, à entrada para a Universidade, sobre as práticas linguísticas, não para colmatar lacunas imputáveis no percurso escolar anterior, mas no sentido de desenvolver as competências *discursiva* e *textual* como condição de acesso ao saber, de optimização do desempenho académico que se chama de *empowerment*.

Alguns lexicógrafos parecem pensar que, porque o que encontramos nos nossos *corpora* não é senão uma arbitrariedade e uma colecção accidental de ocorrências, essa evidência tem que ser averiguada, pois que é perigoso acomodarmo-nos apenas à evidência do discurso. Nesta óptica, citamos RODRIGUES, A.D. (2011-2012:10)¹⁴ que faz a afirmação seguinte:

¹⁴ Adriano Duarte RODRIGUES (2011-2012, p.10) *Interação Verbal*, Aparentamentos para os doutorandos.

"A circulação das palavras obedece à mesma lógica de reconhecimento do duplo estatuto dos parceiros, da transitividade dos lugares e da competência interaccional".

ANSCOMBRE, J.Cl. *et al.* (2005:8)¹⁵ afirma que a designação "Análise do Discurso" abrange um elevado número de perspectivas diferentes, filiadas em disciplinas de origens diversas. Acrescenta que o mesmo acontece com o termo *discurso*, usado em áreas distintas da comunicação. E considera ainda que, o postulado inicial que é importante salientar é o primado da linguística na "Análise do Discurso".

Contudo, a sua primeira definição é, a de "estudo linguístico das condições de produção de um enunciado". Deste modo, a língua deve ser considerada na sua vertente de fenómeno linguístico devidamente utilizado por um falante nativo de uma língua, mas também como fenómeno individual e social historicamente situado.

Para ANSCOMBRE, a Análise do Discurso pode estar directamente ligada à Pragmática.

A pesquisa baseada em *corpus* na análise pragmática e no discurso tem até hoje sido relativamente pequena. Isto provavelmente é devido ao problema que MYERS (1991) observou, nomeadamente que,

"a análise da pragmática e do discurso repousa no contexto (enquanto os *corpora* demarcam-se bastante do contexto dos pronunciamentos): eles tendem em tudo a tomar mais pequenas amostras dos textos mais do que textos inteiros e essas amostras são, contudo, removidas dos seus contextos social e

¹⁵ Jean-Claude ANSCOMBRE et.al. (2005:8) *Análise do Discurso*, CLUNL e Hugin Editores, Lda.

textual, embora algumas vezes a informação social relevante seja codificada com o *corpus*".

Seja como for, não é sempre impossível inferir contextos (situacionais, por exemplo) a partir dos textos do *corpus*. Grande parte do trabalho, nesta área, tem sido levado a cabo usando o *Corpus London-Lund*. A maior contribuição de tal pesquisa até hoje, tem sido na compreensão de como a conversação funciona, especialmente com respeito às rubricas lexicais e frases com funções conversacionais. Para exemplo, STENSTRÖM (1984) mostrou como

"a correlação das rubricas de discurso tais como, *bem, do tipo e sabes*, com pausas nos discursos podem depender de como o falante espera a resposta a partir do interlocutor".

Noutro estudo, STENSTRÖM observou no "carry-on signals" tais como, *certo, certo sim, e tudo certo*". Posteriormente, classificou o uso desses sinais de acordo com uma tipologia das suas variadas funções; por exemplo, observou que,

"*certo* (que foi o sinal mais comum) foi usado em todas funções mas especialmente como uma resposta e avaliar uma resposta prévia e terminar o intercâmbio. *Tudo bem* por outro lado, foi tipicamente usado para marcar barreiras entre dois passos no discurso, enquanto, *tudo bem*, serviu como respostas a apologias".

Uma vez que 57 por cento das rubricas lexicais estudadas foram retiradas de conversas telefônicas que fizeram apenas doze por cento do sub-corpus a ser estudado, Stenström foi também capaz de inferir que o uso desses *carry-on signals* na conversação estava muito fortemente ligado ao canal usado, como por exemplo o Inglês do telefone.

Os estudos baseados no *corpus* tais como os de STENSTRÖM, podem fornecer tipologias quantitativas dos fenómenos conversacionais através de grandes amostras dos discursos naturais espontâneos; isto não era viável antes dos *corpora* informatizados ficarem disponíveis.

A exequibilidade dos novos *corpora* conversacionais tais como a parte oral do *BNC-British National Corpus* pode fornecer um maior incentivo para desenvolver mais estudos, desde que haja simultaneamente mais dados conversacionais e um maior grupo social e geográfico alvo das pessoas gravadas como é o caso com o *Corpus London-Lund*.

4.7. Corpora e Gramática

A Gramática é a ferramenta mais importante para o conhecimento do funcionamento da língua. Em termos do quotidiano, diz-se mesmo que só é culto quem conhece a gramática da sua língua e os estudos gramaticais têm há muito tempo sido com os estudos lexicais os tipos mais frequentes de pesquisa a partir de *corpora*.

Então o que torna os *corpora* importantes para a pesquisa sintáctica? É em primeiro lugar, o seu potencial para a quantificação representativa da gramática de uma grande variedade linguística; segundo, o seu papel como dados empíricos, também quantificáveis e representativos, para testar hipóteses derivadas da teoria gramatical.

Segundo McENERY (1996:93), até ao último quartel do séc.XX, o estudo empírico da gramática tinha-se acomodado primariamente sob análise qualitativa. Tal tarefa foi capaz de fornecer descrições detalhadas da gramática, mas foi muito insuficiente em transpôr juízos subjectivos da frequência ou raridade:

“Porém, o desenvolvimento dos *corpora* e dos instrumentos de análise a partir deles mostram que as representações quantitativas da gramática podem agora, facilmente, serem efectuadas. Esses estudos podem finalmente fornecer uma

imagem representativa do uso mais típico e em que grau a variação ocorre tanto dentro, como nas variedades de uma língua".

4.8. *Corpora* e Sociolinguística

A análise de uma língua parte de diversos pressupostos e um deles é a sociolinguística. Esta partilha com a linguística histórica, dialectologia e a estilística significa que é um campo empírico de investigação que, até aqui, tem sido restringido a uma colecção de dados específicos de investigação, mais do que trabalho sobre *corpora* muito. Estes dados muitas vezes não são direccionados para o estudo quantitativo e, por isso, também não são frequentemente devidamente organizados com critérios rigorosos.

Assim, embora os *corpora* tenham sido pouco usados em Sociolinguística, há um crescente interesse na exploração desta área.

Segundo REIS, V. (2006:11),

“o objecto principal da linguística é a língua, as disposições de sua estrutura, o seu funcionamento e desenvolvimento. Por outro lado, nota-se actualmente o desenvolvimento de muitas disciplinas linguísticas que surgem, geralmente, como resultado da interacção da linguística com outras ciências. São os casos da Psicolinguística, Geografia Linguística, Linguística do Texto, Linguística Matemática, etc. Naturalmente, a Sociolinguística também ocupa o seu lugar nesta cadeia”.

Assim, existe pouco trabalho em *Sociolinguística* sobre os *corpora*; provavelmente irá aumentar em quantidade, num futuro próximo.

4.9 *Corpora* no Ensino da(s) Língua(s)

No momento em que a *Didáctica das Línguas Estrangeiras* descobre novas soluções, cede muito facilmente à ruptura com o passado (sobretudo o mais recente).

Assim, GALISSON, R. (cf. 1979:1) afirma que tanto a Biologia como a Psicologia não fundamentaram uma verdadeira teoria da aprendizagem. O autor acrescenta que as revoluções metodológicas são muito mais fáceis de conceber, do que fazê-las entrar em uso.

Os *Corpora* muito mais do que fontes de dados empíricos têm um papel importante no ensino *da língua* que utiliza exemplos reais do uso da língua.

Por outro lado, os dados dos *Corpora* têm sido utilizados também para observar criticamente os materiais existentes no ensino da língua.

As metodologias adoptadas pela equipa do COBUILD analisam as construções relevantes ou vocabulários tanto dos textos de amostra, como no *Corpora Padrão de Inglês* que é o *Corpus* (LOB), bem como o *Corpus London-Lund* e depois comparam as suas análises.

Os exemplos de *corpus* são importantes na aprendizagem da Língua materna conforme afirmam os alunos, nos primeiros passos, no processo de aprendizagem relativamente a frases e vocabulário que vão encontrar na leitura de textos genuínos na língua ou no uso da língua nas situações comunicativas reais.

Assim, hoje, os ***corpora* textuais** são extremamente importantes no **ensino-aprendizagem da língua materna, da língua segunda ou da língua estrangeira**.

Os *corpora* podem servir para aprender **vocabulário**, desenvolvendo a competência lexical do aluno. Uma vez que estão em suporte digital, armazenados no computador, servem também para motivar a **leitura** em língua materna, segunda ou estrangeira, num **sistema de autoaprendizagem ou em sistema colaborativo**.

Os **corpora textuais de línguas de especialidade** são também importantes no ensino-aprendizagem de **uma língua para fins específicos e respectiva terminologia** (numa perspectiva de língua materna, segunda ou estrangeira), como por exemplo a Biologia, o Comércio, a Economia, a Física e a Química.

Sublinhamos a enorme dificuldade que muitas vezes os adolescentes revelam na aquisição da terminologia científica, em contexto português ou em contexto angolano.

Concluindo, os **corpora textuais** podem ser de uma grande importância no **ensino da língua materna** (em Português ou em Umbundu) ou no **ensino bilingue** (Umbundu-Português).

Os corpora podem ter ainda outra função pedagógica no **ensino da Tradução**. Nesta óptica, McENERY (1996:105) considera que

"a crescente exequibilidade dos *Corpora paralelos multilingues* torna possível uma larga aplicação pedagógica dos *Corpora*, nomeadamente como base para o ensino de tradução [...]um *corpus* multilingue tem a vantagem de fornecer exemplos de estilo e idiomas em mais do que uma língua e de ser capaz de gerar exercícios nos quais os estudantes podem comparar suas próprias traduções com uma tradução profissional existente ou original".

4.10. Neologia e Neonímia

O Dicionário sempre interessou os lexicólogos; o dicionário é, em geral, um testemunho das atitudes de uma determinada comunidade sociocultural relativamente à sua própria língua (cf. LINO, T., 1989:42). Mas é também um testemunho da evolução

cultural, da evolução das ciências e das técnicas.

A Língua Portuguesa, segundo LINO, T. (2010:189), não cessa de evoluir, nos vários espaços lusófonos, onde coabita com outros tipos de línguas:

“Os critérios de identificação dos fenómenos de neologia, tradicionalmente aceites, são insuficientes para dar conta desta nova realidade; os *corpora textuais* e *lexicográficos*, os bancos de *terminologia internacionais* e os documentos produzidos por instituições nacionais de normalização continuam a ser parâmetros importantes, mas não conseguem contribuir de uma forma clara e inequívoca na delimitação de um *neologismo* em consequência da dinâmica da Língua nos vários países, com outras culturas específicas”.

Mas o Dicionário é também o eco das transformações pedagógicas e das mudanças das teorias linguísticas. Por outro lado, ele regista estados da língua e permite definir as alterações da língua (cf. LINO, T., 1989:42).

Assim, o Dicionário, por si só, é uma fonte de estudos de carácter linguístico, sobre a evolução da língua ou sobre as modificações de atitude da comunidade no que diz respeito à sua língua.

Para além destas particularidades, o Dicionário constitui um ponto de referência importante relativamente à identificação e selecção de neologismos e de neónimos (neologismos terminológicos).

O lexicólogo, o lexicógrafo estão constantemente confrontados não apenas com a História da Língua, com os processos neológicos, mas também com a História, em geral, e com a História das ciências, em particular. Não há história das ciências, sem lexicologia das ciências. As noções, os conceitos, as denominações de uma nova ciência ou técnica constituem um núcleo de unidades terminológicas neológicas, isto é, a sua própria

terminologia. Não há ciência sem terminologia.

Hoje, os recursos modernos de investigação da língua contam com o apoio de meios informáticos, permitindo o processamento automático e semiautomático da língua natural, o trabalho obre *corpora*, a construção de bases de dados lexicais de neologismos, neologismos terminológicos e bases de dados de terminologia, combinando, por vezes bases textuais e informações de gramática.

Sempre interessou aos lexicólogos o registo dos **neologismos** que são as novas unidades lexicais ou os novos sentidos de unidades lexicais já existentes.

Os primeiros dicionários dependeram, aparentemente, dos registos escritos, que gradualmente foram emendados conforme se recuou no tempo; mas, hoje, com o apoio dos *corpora textuais*, os lexicógrafos podem mais facilmente actualizar os seus dicionários com novas datações ou com usos contemporâneos.

ALVES, I. (1998:23)¹⁶ define o conceito de **Neologia lexical** como o fenómeno que se refere a todos os processos novos que atingem uma língua, no nível lexical. E define o **Neologismo** como

"uma *unidade lexical* de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceite na língua".

Para GUILBERT, L. (1975:31) a **neologia** consiste na

"possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical".

Este autor, na sua obra de referência "Créativité Lexicale" (1975) estuda também

¹⁶ Ieda Maria ALVES (1998:23) *Neologia e Tecnoletos*, Universidade de São Paulo, As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Editora UFMS.

os fenómenos de Neologia ou inovações lexicais recebidas de outros idiomas, os empréstimos interlinguísticos.

SABLAYROLLES, J-F. (2010:83), autor de referência sobre a neologia, apresenta outra perspectiva de análise neológica, isto é, centra a sua observação na neologia semântica e descreve este tipo de neologia do seguinte modo:

“un signifié nouveau associé à un signifiant déjà attesté en langue est traditionnellement et automatiquement considéré comme relevant de la néologie sémantique et constituant un cas de polysémie”.

Depois da definição dos conceitos de neologia e de neologismo por outros autores, REY, A. (1976:17) apresenta a sua proposta de definição de neologismo que, segundo o autor, é pragmática, metodológica e, possivelmente, do conhecimento geral, porém, assegura que não é um *pseudo - concept* e fundamenta ao afirmar que o neologismo é

“une unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiant ou la relation signifiant-signifié caractérisée par un fonctionnement effectif dans un modèle de communication déterminé, n’était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue “.

A propósito do conceito de **neologismo**, citamos MARQUES, M.E.R. (2001: 120):

"Vimos que a Lexicologia estuda palavras, designação tão discutida como as de sentido, de significado ou de significação. Daí que as tenhamos designado como formas lexicais e aproximado já a partir da noção de **sistema lexical**...distribuições e combinatórias

diferenciadas de uma mesma forma que permitem pressupor abertos n campos de variáveis, o que faz tender para os infinitos enunciados que um indivíduo pode produzir. As relações lexicais tornam-se assim complexas, não estáveis, até porque também fortemente ligadas ao evoluir de sociedades e de culturas e ao balizar de universos de referência".

A propósito da instabilidade, muitas vezes criada na língua pelos **neologismos** de língua corrente ou de língua de especialidade, a autora conclui dizendo que

“a instabilidade é ainda intensificada, no mundo contemporâneo, pelo constante irromper, no sistema, de formas novas que são os **neologismos**, dentro ou não, de terminologias, de gírias profissionais ou de nomenclaturas específicas”.

Segundo ALVES I. (1998:19), a história das línguas mostra que a incorporação de unidades lexicais neológicas sempre acompanhou o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas.

Como consequência, os estudos sobre a neologia, particularmente no século XX, reflectem a importância atribuída ao fenómeno neológico no nível lexical.

Por outro lado, BARBOSA, M. A. (1998: 31)¹⁷ defende que cada universo de discurso, enquanto tipo de discurso, caracteriza-se por uma norma discursiva, ou seja, por constantes coerções frásticas e transfrásticas. Segundo esta autora, existem aspectos relativos aos processos de estruturação vocabular e aos processos preferenciais de criação neológica em diferentes universos de discurso, especialmente no discurso literário, no discurso publicitário, no discurso científico.

¹⁷ Maria Aparecida Barbosa (1998:31) *Da neologia à Neologia na Literatura*, Universidade de São Paulo, As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Editora UFMS.

Assim, LINO, T. (cf. 1989:42) acrescenta ainda que a Língua Portuguesa contemporânea é caracterizada por fenómenos de neologia muito frequentes, nas diferentes componentes do léxico: léxico *da língua corrente*, léxicos *de línguas de especialidade*. Estes últimos caracterizam-se não só pelos conjuntos de neónimos (novos termos) que remetem para diferentes domínios relativos a áreas do conhecimento, mas também por determinadas especificidades morfossemânticas e morfossintáticas.

4.11. De onde vêm os Neologismos ?

Como um dos ramos da Lexicologia, a neologia comporta quatro tipos de fenómenos: fonológico, morfossintático, sintático e lexical, sendo que o mais frequente é a neologia lexical, visto que as estruturas sintáticas e morfológicas são menos vulneráveis em relação à estrutura lexical.

A neologia lexical tem vários tipos e sub-tipos: neologia de forma que compreende os processos de composição, derivação, truncação, abreviaturas, siglas e acrónimos; e a neologia semântica designa um novo significado a um significante já existente na língua.

Mas os neologismos formais ainda se subdividem em dois grupos:

“neologismos formais internos (criações lexicais dentro da própria língua) e neologismos formais externos (criados através de importação de outra língua)”, CHICUNA, A. (2015: 54-55).

Ainda de acordo com CHICUNA, A. (2015:116-122), o léxico da variante angolana (em formação) apresenta:

“várias unidades neológicas, tanto formais como semânticas, como por exemplos: angolanização, girabola, candongueiro, kinguila, TAAG, TPA, BPC”.

BARBOSA, M. A. (1998:31), ao abordar a questão dos mecanismos intralinguísticos de novas palavras, segue GUILBERT (1975, p. 14-101) segundo o qual existem quatro tipos de processos geradores da Neologia lexical: Neologia *fonológica*, *semântica*, *sintagmática* e *alogenética*.

Contudo, a autora acrescenta que existe neologia e neologismos nas variações *diacrónicas*, *diatópicas*, *diatráticas* e *diafásicas*. E considera que, em diferentes áreas, domínios e subdomínios técnico-científicos, como também em outros tipos de universo de discurso, observa-se a criação de unidades lexicais e de termos, segundo os quatro processos citados. Conclui dizendo que, tais áreas e universos, de natureza e funções bastante diversas, definem o processo mais eficaz, dependente de suas peculiaridades discursivas e extralinguísticas.

Concluindo LINO, T. (cf. 1989:44) afirma que enquanto responsável pela criação do Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo (actual Projecto NEOPORTERM do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – Grupo de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia), a neologia científica e técnica merece-lhe uma particular atenção; por isso, têm vindo a recolher neologismos em diversos tipos de materiais (escritos e orais):

a) revistas e artigos escritos por e para cientistas ou técnicos; revistas para leitores suficientemente informados; artigos de jornais, como semanários e diários com diferentes graus de divulgação que se destinam a várias camadas de público;

b) programas de televisão de divulgação científica ou técnica.

Essa recolha e organização de neologismos em base de dados informatizada tem vários objectivos:

1. permitir uma reflexão sobre as especialidades de neologia próprias a cada léxico e a cada domínio científico ou técnico;
2. fazer a datação de unidades terminológicas, trabalho que será um dia útil à história das ciências e das técnicas;
3. observar as regularidades linguísticas e propor ou recomendar a escolha deste ou daquele termo, favorecendo uma determinada *harmonização* ou uma *normalização* mais adequada, atendendo às características da Língua Portuguesa e às exigências da lusofonia;
4. contribuir para uma actualização de glossários e de dicionários (gerais) de língua ou de dicionários especializados, unilíngues, bilingues ou plurilíngues, que poderão vir a ser realizados, quer em Portugal, ou noutros países;
5. participar em redes internacionais de neologismos: REALITER, por exemplo;
6. contribuir para a preparação de materiais úteis ao ensino-aprendizagem do Português, língua materna, língua segunda ou língua estrangeira, enquanto língua das ciências e técnicas, (no âmbito dos projectos ERASMUS e LÍNGUA, entre outros).

4.12. Neologismos e Neónimos: critérios de identificação e de registo

4.12.1. Base de dados de Neologismos

Partindo de um **corpus textual** constituído por textos on-line (*Huambo on-line*) e por textos, jornais e folhetos existentes na cidade do Huambo, começámos a seleccionar neologismos que registámos numa **Base de dados de Neologismos**, elaborada com o software Access, com os seguintes campos:

Neologismo; categoria gramatical,
domínio, sub-domínio
abreviatura, sigla ou acrónimo
contexto, fonte e data do contexto
contexto definatório, fonte e data do contexto
tipo de texto, género ; título, subtítulo
locutor; sujeito da enunciação
notas

Apresentamos o modelo na página seguinte: uma ficha com um neologismo recente, mas em fase de se estender a todo o país. Por isso, deverá integrar a macroestrutura de um Dicionário Bilingue de Aprendizagem (Português-Umbundu), em Angola.

BASE DE DADOS DE NEOLOGISMOS DE LÍNGUA CORRENTE

FICHA DE NEOLOGISMO

NEOLOGISMO : Base de Dados (Access 2007 - 2010) - Microsoft Access

Ficheiro Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados

Tabela1

ID 22 c gram n.m. abrev/sigla/acrónimo domínio subdomínio transporte

Neologismo Kupapata

contexto Voltamos a conversar com os jovens angolanos vindos das várias províncias os kupapata, sustentam milhares de famílias no Huambo. A famosa Kupapata familiar : as motos cá na banda, tipo de texto género jornalístico

f contexto, data Huambo on-line título, subtítulo

contexto definatório Actualmente os serviços de moto-táxi dos jovens "kupapatas" aqui no Huambo que falaram à nossa reportagem ... é tutelada pela Associação dos Motoqueiros e Transportadores de Angola. locutor/suj enun

f contexto def, data aeipea - Angola em Portugal; Portugal em Angola, Julho de 2011 notas Kupapata, na língua umbundo, significa "apalpar"; é o nome atribuído a estas motos-taxi.

Registo: 14 22 de 22 Sem Filtro Procurar

Vista de formulário

O neologismo de língua corrente *kupapata* foi seleccionado no *Jornal Huambo on-line*. É um empréstimo interlinguístico relativamente à Língua Portuguesa.

4.12.2. Base de dados de Terminologia: neologismos terminológicos


A **neologia terminológica** é registada numa **Base de Dados de Terminologia – TERM-HUAMBO** construída com o software Access.

TERM-Huambo : Base de Dados (Access 2007 - 2010) - Microsoft Access

Ficheiro Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados

aldea

BASE DE DADOS DE TERMINOLOGIA - TERM-HUAMBO

ID	<input type="text"/>	cat gram	<input type="text" value="n.f."/>	abrev/sigla	<input type="text"/>	domínio	<input type="text" value="energias renováveis, energia solar"/>
entrada	<input type="text" value="aldeia solar"/>		sinónimo	<input type="text" value="ecoaldeia"/>		imagem	
definição	<input type="text" value="A aldeia solar é um novo conceito que consiste no aproveitamento do sistema solar fotovoltaico para a produção de electricidade numa aldeia."/>			eq umb	<input type="text" value="imbo lie kumbi"/>		
contexto	<input type="text" value="fornecimento de electricidade a aldeias solares na provincia do Huambo."/>			eq es	<input type="text" value="aldeia solar"/>		
colocação	<input type="text" value="concepção de aldeia solar
conceito de aldeia solar"/>			eq fr	<input type="text" value="village solaire"/>		
fraseologia	<input type="text" value="testar um novo conceito de aldeia solar
desenvolver um novo conceito de"/>			eq ing	<input type="text" value="solar village"/>		
					notas <input type="text"/>		

Registo: 1 de 1 Sem Filtro Procurar

Vista de formulário

14:11 15-11-2016

O neologismo terminológico “aldeia solar” surgiu, recentemente, no domínio da energia renovável, no subdomínio da energia solar, em fase de implementação na região do Huambo.

A ficha é constituída por um maior número de campos :

entrada (termo, unidade funcional, formante morfossemântico),
domínio, sub-domínio
categoria gramatical;
abreviatura, sigla ou acrónimo,
definição, fonte da definição,
contexto, fonte e data do contexto,
fraseologia,
colocação,
sinónimo,
variantes,
equivalentes noutras línguas,
notas

Para a selecção dos **neologismos do Português de Angola**, tomámos como referência os Dicionários de Língua corrente do Português Europeu:

“Partindo dos neologismos inseridos no corpus, analisámos aspectos relacionados com o léxico relativamente à forma e ao sentido, comparando-os com os existentes no Português Europeu. Como metodologia de trabalho, recorreremos ao *corpus*, composto por obras literárias, revistas, artigos de jornais sobre temas sociais e frases proferidas pelo cidadão comum em diferentes situações de comunicação informal”. MENDES, I. (2009:265).

Como a autora acima referida (MENDES, I. 2009:265), foi a partir dos conceitos e das teorias da Lexicologia que procedemos à análise das unidades lexicais neológicas formais e semânticas :

“Demos ênfase aos neologismos culturais que são unidades lexicais dotadas de carga tradicional e cultural. Com base no conceito de Galisson sobre Lexicultura, tentamos demonstrar, como a cultura influencia, através do léxico, a língua de uma comunidade, neste caso particular, o PM [Português de Moçambique]. Este aspecto cultural vai também influenciar o vocabulário a inserir na elaboração do dicionário” .

A Neologia terminológica tem especificidades conforme o ramo de conhecimento; exemplo disso é o artigo sobre *Neologia Terminológica, Evolução Conceptual e Semântica* apresentado por LINO, T. e CONTENTE, M., em 2011, na Universidade de Macau, aquando do *Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa*, numa comunicação que teve por objecto a terminologia da Medicina; o artigo apresentava um número significativo de neónimos (neologismos terminológicos) relativos a conceitos não estabilizados ou não harmonizados pela comunidade científica médica.

Nesso mesmo artigo afirmam que a dinâmica da ciência reflecte-se na evolução dos conceitos e na própria língua de especialidade, onde novos termos são criados para denominar novos conceitos e/ou mudanças conceptuais; surgem, conseqüentemente, neologismos terminológicos que designam não apenas novos conceitos, mas também novas particularidades cognitivas relativas à evolução de um conceito.

Estas duas autoras afirmam que a Neologia, a variação lexical e terminológica da Língua Portuguesa, nos países da CPLP, merecem uma observação e descrição urgente por

parte da *Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa*¹⁸.

Acrescentam que os critérios de identificação dos fenómenos de neologia, tradicionalmente aceites, são, hoje, insuficientes para dar conta desta nova realidade; os **corpora textuais** e os **corpora lexicográficos**, os bancos de terminologia internacionais e os documentos produzidos por instituições nacionais de normalização continuam a ser parâmetros importantes, mas não conseguem contribuir de uma forma clara e inequívoca na delimitação de um neónimo (neologismo terminológico), em consequência da dinâmica da língua nos vários países de Língua Portuguesa, com culturas específicas.

As autoras (2011)¹⁹ afirmam que a Informática de Orientação Textual, a Linguística de Corpus, a Terminologia Textual vieram problematizar a relação significação/sentido, numa perspectiva de Semântica textual.

Esta nova abordagem textual, assim como a descrição dos fenómenos de variação em contexto constituem uma transgressão aos princípios clássicos da terminologia WUSTERIANA que privilegiava a tríade *termo/conceito/referente*, preconizando a monossemia do termo científico e técnico (cf. LINO, T., 2010:188).

As novas propostas da Socioterminologia e da Terminologia Cultural têm tido uma incidência importante na investigação em Neologia Terminológica que observa os vários tipos de variação terminológica aos quais se associam aspectos de lexicultura, presentes em muitos neónimos e termos científicos.

Todos estes fenómenos linguísticos têm uma grande incidência na descrição terminológica, na lexicografia de especialidade, na tradução e no ensino-aprendizagem das línguas de especialidade.

Nesta perspectiva, destacam-se as investigações de GARCIA, L. (2003) sobre a Polissemia, de CONTENTE, M. (2003) e (2008) sobre a Sinonímia, de CONCEIÇÃO, M.C.

¹⁸ Projecto da Linha de Investigação de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa que mereceu o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

¹⁹ Maria Teresa LINO e Madalena CONTENTE (2011) *Actas do SIMELP III de Estudos da Língua Portuguesa III*, Simpósio 7, Neologismos, Universidade de Macau, de 30 de Agosto a 2 de Setembro de 2011.

(2001) em aspectos sobre a Reformulação Terminológica, bem como de GONÇALVES, S. (2003) sobre a Fraseologia e neónimia.

Numa perspectiva terminológica, é necessário identificar o *conceito* e abordar a relação *conceito/ termo/ referente*.

Mas no trabalho do terminólogo é também importante o *conceito de definição terminológica*. Assim, citando COSTA, R. (2011)²⁰ :

"A definição ocupa uma posição de destaque no trabalho do terminólogo, permitindo identificar o *conceito* e distingui-lo de outros *conceitos*, no seio do sistema conceptual ao qual pertence".

COSTA, R. (2011) sugere que, neste contexto, coloca-se a questão de saber o que se entende por «identificar o conceito»: significa atribuir-lhe um nome para poder falar sobre ele? Será necessário descrevê-lo através dos usos linguísticos do *termo*? Identificar as características do conceito, no sentido que lhe dá a norma ISO 704 ?

Segundo esta autora, o *conceito* e o *conceito de definição* em Terminologia têm dado origem a inúmeros trabalhos, continuando a ser problemáticas em abertos, cuja resposta depende das finalidades do trabalho terminológico.

A operacionalização das terminologias necessária ao tratamento da informação impõe novos desafios. A representação explícita do conceito com fins lógicos ou informáticos introduziu o conceito de *definição formal do conceito* em Terminologia.

Assim, hoje, na investigação terminológica, existem várias reflexões sobre o *conceito de definição* em Terminologia, sobre a compreensão das relações e os benefícios mútuos entre a *definição em língua natural* e a *definição formal* cujos benefícios são tanto epistemológicos como computacionais.

²⁰Rute COSTA (2011), *A Definição em Terminologia*, Jornada Internacional, CLUNL, Universidade Nova de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

A Terminologia destaca-se dos grandes domínios do saber porque se centra num objecto que é o *termo* ou *unidade terminológica*; não se pode deixar de reconhecer que ela tem um grande papel na sociedade civil de cada país no mundo.

A Norma ISO 1087-1 define o conceito de *conceito* como

“uma unidade do conhecimento constituída por uma combinatória única de propriedades abstractas relativas a um objecto ou a um conjunto de objectos”.

O *conceito* é do foro cognitivo, o *termo* é do nível da língua, ou sistema linguístico. O *conceito* estrutura o conhecimento e a percepção do mundo, mas nem sempre tem um suporte verbal que é o *termo*.

O *conceito* nas Ciências e Técnicas é preciso e conciso, ao contrário das Ciências Sociais e Humanas em que o *termo* é pouco preciso e polissémico.

O *termo* é a designação verbal de um *conceito* num domínio específico ou relativo a uma área do conhecimento e, teoricamente é comum aos indivíduos que são especialistas, cientistas ou técnicos, que constituem uma comunidade de comunicação especializada, como é o caso do ramo da medicina, da biologia, das engenharias, etc.

O *termo* é uma unidade lexical monossémica ou tende para a monosemia, diferentemente da unidade lexical da língua corrente que é polissémica.

O *conceito* e o sistema de *conceitos* são do foro cognitivo, enquanto o *termo* ou sistema de *termos* pertence ao nível da língua.

O que será a Teoria da Terminologia no futuro, no decurso dos próximos anos?

A Terminologia não é apenas uma ciência de *termos*, mas também uma ciência das *coisas*: a actividade terminológica reveste-se de uma compreensão consensual das coisas.

A “*Teoria Geral da Terminologia*” concebida por Eugene WÜSTER dá a primazia ao conceito e à normalização do conceito, facilitando a comunicação internacional entre os profissionais e permitindo uma comunicação interlinguística sem ambiguidade. Para WÜSTER, o trabalho terminológico privilegia uma metodologia onomasiológica que consiste partir do *conceito* para a *designação* (ao contrário da metodologia semasiológica que parte da *designação* para o *conceito*).

WÜSTER interessa-se pelo conceito e pela sua normalização internacional do conceito; a designação (o termo) ou o neologismo terminológico existente em cada língua é uma preocupação de segundo plano.

Mais tarde, CABRÉ, T. (1993) apresenta a *Teoria Comunicativa da Terminologia*, destacando as características *poliédricas do termo*.

No âmbito desta teoria, há lugar para os neologismos terminológicos que vão surgindo associados à dinâmica das ciências e das técnicas, em diferentes línguas de especialidade, em contextos situacionais ou profissionais de especialidade.

Segundo ROCHE, C. (2011)²¹, a sociedade numérica reclama a operacionalização das terminologias com o objectivo do tratamento da informação, reactualizando a abordagem WUSTERIANA.

²¹ Christophe ROCHE (2011) *La Définition Ontologique*; Université de Savoie: France.

A dimensão conceptual reencontra um lugar preponderante que tinha perdido em proveito de uma Terminologia muitas vezes reduzida a uma Lexicografia de especialidade.

Esta operacionalização das terminologias implica uma representação computacional do sistema conceptual:

"Compreende-se desde então, todo o interesse da ontologia concebida como engenharia dos conhecimentos, para a uma especificação da conceptualização".

Sublinhamos que CHRISTOPHE aponta que a modelização conceptual constituída a partir de corpus é raramente uma ontologia. Essa conceptualização dependente do *corpus* não oferece as propriedades principais que se espera da **ontologia** como a *reutilização*.

Uma ontologia extraída de um texto, em geral, não se adapta a ontologia definida por um perito que usa uma língua formal. Tal resultado não é surpreendente pois que a ontologia é uma conceptualização extralinguística.

Neste momento existem várias Teorias em Terminologia que de certo modo se completam e todas elas têm uma preocupação específica e diferente com a **neologia terminológica**. São elas a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, T), a Socioterminologia (BOULANGER, J. e GAUDIN, F.), a Terminologia Cultural (KIRIDI, D.), a abordagem conceptual (ROCHE, C.).

Mas a problemática da neologia terminológica está também presente na **Normalização Terminológica** e na **Harmonização Terminológica por Consenso**. A primeira depende de Instituições, como por exemplo a ISO - International Standardisation

Organisation e as suas representantes nos diferentes países: em Portugal é o IPQ – Instituto Português da Qualidade e em Angola é o Ministério da Indústria.

Os termos e os neologismos terminológicos publicados nas Normas destas instituições têm um carácter obrigatório.

Por outro lado a **Harmonização Terminológica por Consenso** entre especialistas (entre médicos, juristas ou outros especialistas) têm um carácter de recomendação, que, por vezes, posteriormente pode ser submetida a uma **Normalização oficial**.

O terminólogo tem uma função de mediador neste trabalho de normalização ou de harmonização, ajudando a criar ou a seleccionar o melhor neologismo terminológico e, se possível, idêntico nos vários países de Língua Portuguesa.

CAPÍTULO V

LEXICOGRAFIA BILINGUE DE APRENDIZAGEM

5.1. Lexicografia e Dicionarística de Aprendizagem

MENDES, I. (2009:207) afirma que a distinção entre a **Lexicografia** e a **Dicionarística** obriga os investigadores a reflectirem sobre o objecto de estudo da Dicionarística:

“Recordemos que antes da delimitação da Lexicologia e da Lexicografia, o léxico era entendido como o objecto de estudo das duas ciências, e que a partir da autonomia das duas, e, mais tarde, com o desenvolvimento da Metalexicografia, por volta dos anos setenta, o Dicionário passa a ser objecto de estudo da Lexicografia enquanto o Léxico fica reservado a investigações no âmbito da Lexicologia”.

O desenvolvimento de investigações lexicográficas, na década de oitenta, culminou com a teorização da prática lexicográfica; consequentemente, foi reconhecido que o objecto da Lexicografia era a análise científica do Léxico em função do dicionário,

“enquanto o objecto da Dicionarística passou a ser a concepção e a elaboração de Dicionários” MENDES, I. (2009:207).

para um público específico, obedecendo a critérios editoriais (número de entradas, número de volumes, volume de páginas).

A Lexicografia dá uma valiosa contribuição a todos aqueles que se ocupam com as diferentes formas da unidade lexical como expressão do conhecimento e também para aqueles que sempre procuram a melhoria no processo de ensino e aprendizagem.

No século XX e XXI existem lexicógrafos e autores de dicionários muito importantes tais como Bernard QUEMADA²² e Alain REY.

O dicionário monolíngue é o privilegiado, tornando-se cada vez mais actualizado e moderno, renovando-se constantemente. É um instrumento que serve o utente durante toda a sua vida; por isso, não se pode privar ninguém e muito menos o aluno deste instrumento escolar, imprescindível no seu sucesso, quer em língua materna, quer em língua segunda ou língua estrangeira.

Há várias tipologias de Dicionários: *Monolingues, Bilingues, Plurilingues*. É preciso sublinhar que, ao considerarmos o léxico de uma língua como um património sociocultural de uma comunidade, acreditamos que o prestígio internacional dessa língua e, por conseguinte, da própria sociedade que fala essa língua, possa ser de facto mensurado com base na quantidade e na qualidade de dicionários que essa sociedade produz.

MUDIAMBU, Q. (2013:142) a propósito da elaboração de dicionários faz as afirmações seguintes:

"Quem produz um dicionário pode ser um lexicógrafo, um dicionarista, um linguista. O dicionarista é um profissional que executa um projecto, concebido pelo lexicógrafo. Há também editoras ou institutos de investigação que têm equipas de especialistas, não necessariamente lexicógrafos, que se ocupam da elaboração de projectos internos de carácter dicionarístico. O lexicógrafo não é apenas um técnico, tem uma formação teórica em Lexicografia; um "fazedor" de dicionários é muitas vezes designado de dicionarista".

²²cf. O termo de *Dicionarística* foi criado por Bernard QUEMADA, in *Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie* (1987-2, n. 51).

Na realidade, a primeiríssima tarefa do lexicógrafo, independentemente do tipo de dicionário é a seguinte:

"O lexicógrafo elabora dicionários, seja de que tipo for, mas o produto que apresenta ao público, é substancialmente enriquecido com estudos lexicológicos e metalexicográficos; o lexicógrafo elabora um dicionário, após ter estabelecido, com critérios científicos, os tipos de unidades lexicais que vai seleccionar para integrar a nomenclatura; antes de iniciar o trabalho, tem de definir com rigor a macro e a microestrutura desta obra; a macroestrutura é a organização geral do dicionário que compreende a selecção e o número das unidades lexicais e das unidades funcionais que vão integrar o dicionário; a microestrutura tem por objecto a definição lexicográfica e as suas características: concepção polissémica ou homonímica da entrada; apresentação de sinónimos ou de variantes, de contextos, de outros dados linguísticos" MUDIAMBU, Q. (2013:143).

São esses princípios lexicológicos e metalexicográficos que devem constar na introdução, embora geralmente de uma forma abreviada, por exigências editoriais, e de modo a serem entendidas por um público que não é linguista.

Desenvolvimentos recentes apontam a Língua Portuguesa como tendo neste momento um estatuto diferente na comunidade internacional; passou a ter um estatuto de "língua internacional".

Para esta mudança do estatuto e da importância da Língua Portuguesa, contribuiu

“a importância que adquiriu quer no espaço europeu, quer no vasto espaço da lusofonia, constituído pelo Brasil, pelos países de língua oficial portuguesa e, em parte, pela Galiza. Mas este novo estatuto é, também, um resultado do progresso e do prestígio da comunidade científica e técnica de língua portuguesa. Assim, a Língua Portuguesa tem uma importância especial enquanto, língua do comércio, língua das ciências e das técnicas” LINO, T. (1989:45).

Para COUTO, J. (2000:4), a Língua Portuguesa

“é actualmente a sexta língua materna a nível mundial, língua oficial de sete estados, de três continentes [...], de oito estados de quatro continentes, língua de trabalho em doze organizações internacionais, sendo utilizado quotidianamente por cerca de 200 milhões de seres humanos”.

Consequentemente, a *Lexicografia de Aprendizagem* pode dar uma contribuição eficaz ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Por outro lado, neste processo, a *Lexicologia* pode também contribuir com fundamentos teóricos e metodológicos. Citando LINO, T. (1979:11),

“Actualmente, a *Lexicologia* tem um novo domínio de investigação: o da aplicação. Alguns estudos realizados neste sentido, bem como todas as outras reflexões nos diferentes ramos da *Linguística aplicada*, tiveram, já, importantes repercussões em várias ciências”.

GALISSON, R. (cf. 1979:13) partilha da mesma perspectiva: o momento é chegado para a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem responderem aos pedidos mais urgentes da metodologia de ensino das línguas estrangeiras.

5.2. Tipos de Dicionários

Hoje, segundo LINO, T. (2011)²³, assistimos a uma reconceptualização do conceito de dicionário:

"O conceito de dicionário mudou nestes últimos anos graças às novas tecnologias informáticas e telemáticas de elaboração e pesquisa hipertextual; existem muitos dicionários apenas em suporte electrónico ou telemático na internet para diferentes públicos; existem dicionários só para as máquinas: computador ou telemóvel (léxicos computacionais, léxicos fonológicos para o telemóvel)".

LINO, M.T. (2011) afirma que os séc. XX e XXI, são os séculos da Lexicografia Informática, e consequentemente da reconceptualização do conceito de dicionário e da introdução de novos termos; Bernard QUEMADA introduz os conceitos de *Dicionarística*, de *Nova Lexicografia* e de *Lexicomática*.

Estes novos conceitos criados por B. QUEMADA podem ser definidos do seguinte modo:

- 1- *Nova Lexicografia*: novas teorias e metodologias de elaboração de dicionários exclusivamente em formato digital: informatizados,

²³ LINO, M.T. – Seminários de *Temáticas Aprofundadas em Linguística*; Módulo-Léxico: UNL-FCSH, ano lectivo de 2011-12.

electrónicos, dicionários-máquina;

- 2- *Dicionarística*: condicionantes de elaboração de um dicionário a pedido da editora: objectivos, público a quem se destina (crianças, adolescentes, adultos), tendo em conta a cultura da comunidade alvo; número de páginas;
- 3- *Lexicomática*: tratamentos automáticos do léxico: exemplos apontam para: dicionários-máquina, dicionários electrónicos/dicionários-máquina para a tradução automática.

Em Lexicografia, se observarmos a tipologia de obras lexicográficas, de facto, podemos inventariar uma lista bastante significativa, cuja classificação em tipos e subtipos dependerá da perspectiva adoptada pelo lexicógrafo.

Apresentamos uma breve tipologia de dicionários que tem como base um conjunto de critérios (cf. PONTES, A. L., 2009:30):

- Considerando o *número de entradas*, o dicionário “tesouro” (thesaurus) procura ser exaustivo e representar todo o léxico de uma língua;
- Considerando a *faixa etária do público* a que se destina, temos por exemplo, os dicionários para crianças, adolescentes, jovens e adultos; e em relação ao nível de aprendizagem temos os dicionários escolares;
- Considerando o *tipo de informação da microestrutura*, teremos dicionários comuns ou gerais, dicionários de usos ou dicionários pedagógicos;

- Considerando as *línguas envolvidas*, temos os monolíngues, os bilingues (língua segunda ou língua estrangeira) e os multilingues;
- Considerando a *finalidade das informações das microestruturas* dos dicionários bilingues, temos dicionários para compreensão ou os chamados semi-bilíngues, para produção em língua estrangeira.
- Considerando o *tipo de definição da entrada*, temos os dicionários enciclopédicos, os de língua geral ou os simples léxicos e glossários.
- Considerando a *organização da macroestrutura*, temos os dicionários semasiológicos, onomasiológicos; os primeiros têm as entradas classificadas alfabeticamente, incluindo unidades lexicais, unidades funcionais, formantes morfossemânticos; os dicionários onomasiológicos têm uma organização temática ou mesmo conceptual.
- Considerando a *seleção da nomenclatura*, temos dicionários de língua geral, dicionários terminológicos ou de especialidade e dicionários especiais (analógico ou ideológico, histórico, etimológico, fraseológico, de frequência, de sinónimos e antónimos, de falsos cognatos, de regência verbal, de regência nominal, de neologismos).
- Por fim, considerando o *suporte (papel ou digital)* em que é apresentado o dicionário, temos os dicionários impressos, os ilustrados e os digitais em CD-ROM, em DVD e os dicionários on-line.

5.3. Lexicografia Bilingue

A lexicografia monolíngue descreve a língua corrente através de várias concepções da entrada e da definição lexicográfica (polissémica, homonímica, mista ou semi-enciclopédica); descreve a sinonímia, a antonímia, os semas culturais, etc.

A definição lexicográfica na Lexicografia bilingue não faz a descrição de duas línguas. Estabelece as equivalências entre as duas línguas; a título de exemplo, citamos uma parte do prefácio do *Grand Dictionnaire Hachette Oxford* (Français-Anglais, Anglais-Français):

"Ce dictionnaire est le fruit de six années d' étroite collaboration entre deux grands éditeurs de référence. C'est une œuvre totalement nouvelle et originale qui offre une description actuelle et moderne des langues anglaise et française, et de leurs relations [...] Des rédacteurs anglophones et francophones ont uni leurs compétences et ont constitué des équipes bilingues qui ont travaillé ensemble, en un même lieu. Tout au long de l'élaboration du dictionnaire, chaque rédacteur a travaillé dans sa langue maternelle et a pu vérifier, grâce à un échange constant avec les autres membres de l'équipe, la justesse et la pertinence des traductions. [...] Les rédacteurs ont par ailleurs fait appel à de nombreux collaborateurs extérieurs: lexicographes, traducteurs, consultants et terminologues, tous spécialistes des mondes anglophone et francophone".

Hoje, muitos dicionários são elaborados a partir de *Corpora textuais e lexicográficos*.

CAPÍTULO VI

MODELO DE DICIONÁRIO BILINGUE

PORTUGUÊS-UMBUNDU

6.1. Dicionário Bilingue de Aprendizagem: proposta de um modelo

Este trabalho pretende completar a recomendação que nos foi feita aquando da defesa do nosso trabalho de Mestrado (BENVINDO, A., 2008, p. 85)²⁴, isto é, a elaboração de um *Dicionário bilingue de aprendizagem* com características específicas, à semelhança de outros dicionários para Crianças existentes em editoras contemporâneas.

Decidimos trabalhar sobre a língua nacional africana Umbundu, a segunda língua mais falada em Angola, depois do Português; pretendemos dar uma contribuição para o ensino do Português, comparando as duas línguas em contacto e, eventualmente, contribuir para o ensino bilingue nos primeiros anos da escolarização.

6.2. Público-alvo

Na investigação que nos propomos efectuar, o Dicionário terá como público-alvo as Crianças da Província do Huambo; será bilingue, estabelecendo as equivalências entre a Língua Portuguesa e a Língua Umbundu.

Propomo-nos criar um modelo de *Dicionário bilingue de aprendizagem*, que apresente um sistema de equivalência entre a Língua Portuguesa e a Língua Bantu Umbundu.

Será assim um dicionário útil às Crianças que se deparam com muitas interferências entre a língua oficial, o Português, e o Umbundu, línguas utilizadas na comunicação, na sua comunidade.

Segundo COELHO, S. (2002), as línguas nacionais africanas são muito importantes no processo de alfabetização dos PALOPs (cf. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 2002).

²⁴ Adriano Fernando BENVINDO (2008, p.85) *Avaliação Oral e Escrita, Uma Contribuição do Aperfeiçoamento da Língua Portuguesa das Crianças do Município do Huambo*. ISCED-Luanda.

No entanto, não pretendemos ensinar Umbundu àquelas crianças, mas a Língua Portuguesa. O dicionário pretende ajudar a desenvolver a competência lexical das crianças e ao mesmo tempo contribuir para ultrapassar as interferências da língua em contacto.

Que tipo de dicionário é exequível para uma aprendizagem em contexto bilingue? É com certeza o **Dicionário Bilingue de Aprendizagem**, objecto desta pesquisa.

O dicionário encontra um lugar central na escola, porque duma ou doutra forma, serve pedagogicamente o público-alvo: alunos e professores. Oferece um vocabulário adequado ao utente em qualquer momento da sua utilização.

Um dicionário de aprendizagem pode ser um auxiliar para uma melhor compreensão, por parte das crianças, que têm a Língua Portuguesa como Língua segunda e a Língua Umbundu, como Língua materna. As crianças podem muito cedo aprender a utilizar os dicionários.

Propomo-nos elaborar um modelo de dicionário bilingue, Português - Umbundu para as Crianças, idêntico ao *Moderno Dicionário das 8000 palavras* da Livraria Sá da Costa Editora, 1984, e, sobretudo ao Dicionário *Le Petit Robert des Enfants à la rencontre des mots*, publicado em França pela editora Le ROBERT.

6.3. Concepção de um Modelo de dicionário bilingue

Este **Dicionário Português – Umbundu** apresenta o **sistema de equivalências** e uma comparação entre dois sistemas linguísticos, contribuindo sobretudo para o desenvolvimento do léxico da Língua Portuguesa e também da Língua Umbundu.

Importa sublinhar que as línguas bantu, em Angola, sofrem também interferências

da Língua Portuguesa, aceitando empréstimos designados de **Portuguesismos**; o Português apresenta também empréstimos daquelas línguas; os empréstimos da Língua Umbundu para o Português são designados de **Umbundismos**.

Em Angola, todas as línguas bantu e não-bantu são escritas com o alfabeto latino, facto que torna mais fácil a elaboração de *dicionários bilingues* ou *plurilingues* para as mesmas:

“Parece que é tempo dos lexicógrafos angolanos se porem de acordo, abandonarem trincheiras e encararem soluções no sentido de se unificar a ortografia, medida tendente a facilitar o indispensável ensino e a leitura das línguas nacionais” COELHO, S. (2002:37).

Por enquanto, são raros os textos escritos nas línguas africanas; a *Bíblia Sagrada* e o *Hinário Evangélico* têm sido uma excepção e uma vanguarda de preservação das línguas angolanas, a partir dos Centros e Missões sobretudo dos Evangélicos de várias denominações (vd. Missão Evangélica do Dondi, Angola).

6.3.1. Corpus : *Corpus Meninos do Huambo*

Para a elaboração do Dicionário bilingue partimos de um **Corpus textual em Português** constituído por textos de manuais escolares utilizados no Huambo, nas **5ª, 6ª e 7ª classes**, textos de jornais on-line da Província do Huambo, provérbios angolanos, textos literários angolanos em Língua Portuguesa e outros documentos escritos em língua corrente (Português em Angola) que sejam tematicamente importantes para as crianças. Existem vários escritores angolanos que são da Província do Huambo ou que têm contactos com esta Província. Sublinhamos que Manuel Rui, escritor nascido no Huambo,

tem vários textos no âmbito da Literatura infantil. Existem escritores angolanos muito importantes na Literatura Angolana tais como Pepetela, António Jacinto, entre outros.

Utilizaremos também para consulta um **Corpus Lexicográfico Umbundu-Português** constituído por **dicionários de Umbundu** publicados recentemente.

Para a extracção de unidades lexicais e de outras estruturas morfossemânticas e morfossintácticas utilizámos o **software Hyperbase** de Etienne BRUNET (versão de 2011) e o **software AntConc**.

O *Corpus* analisado contem os seguintes **subcorpus** analisado com o software *Hyperbase* :

subcorpus literário : 12.205 ocorrências1.221 formas únicas
subcorpus jornalísticos: 1.552 ocorrências 130 formas únicas

Total de ocorrências : 13.757..... 1.351 formas únicas

Neologismos :

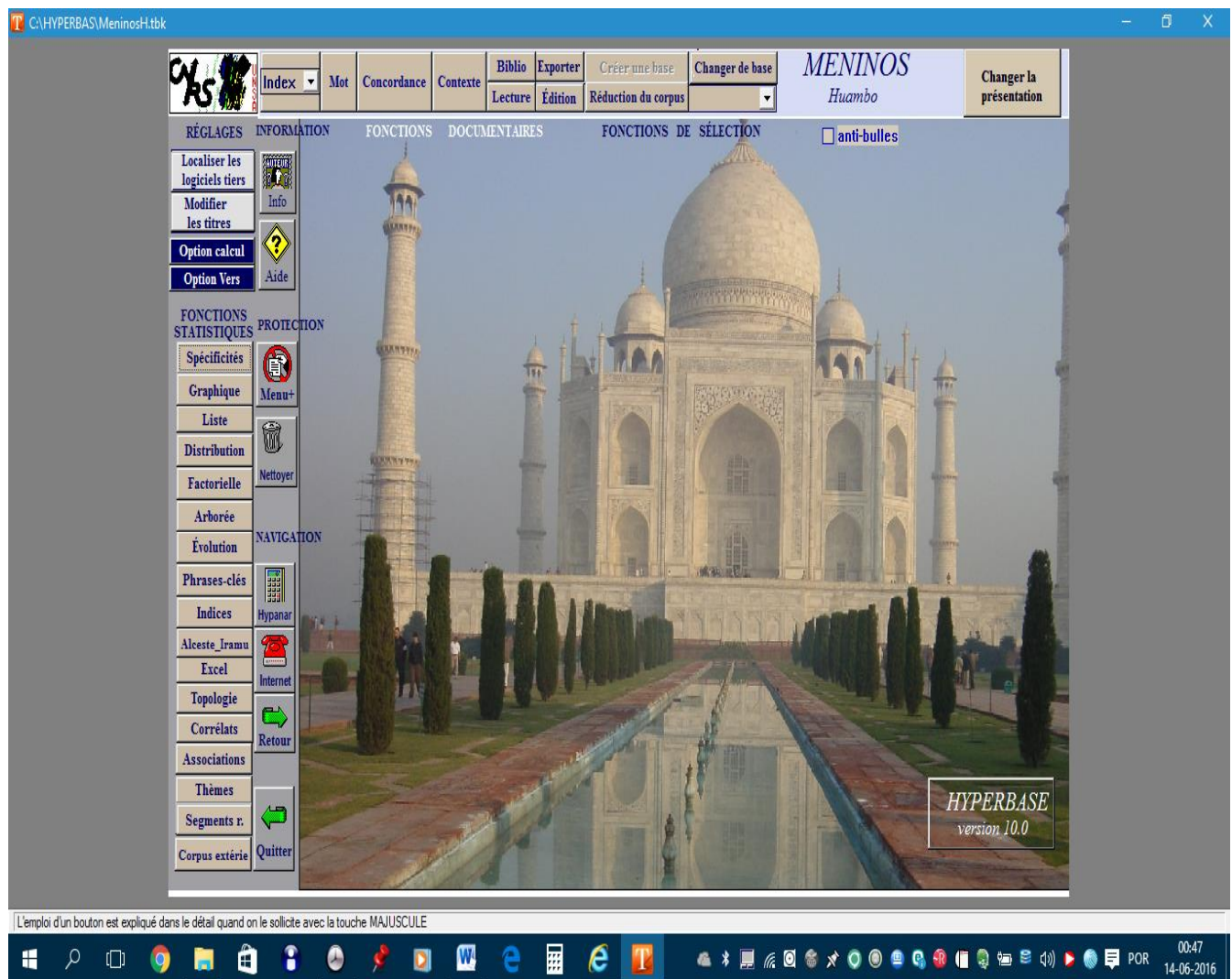
24 neologismos de forma

10 neologismos semânticos

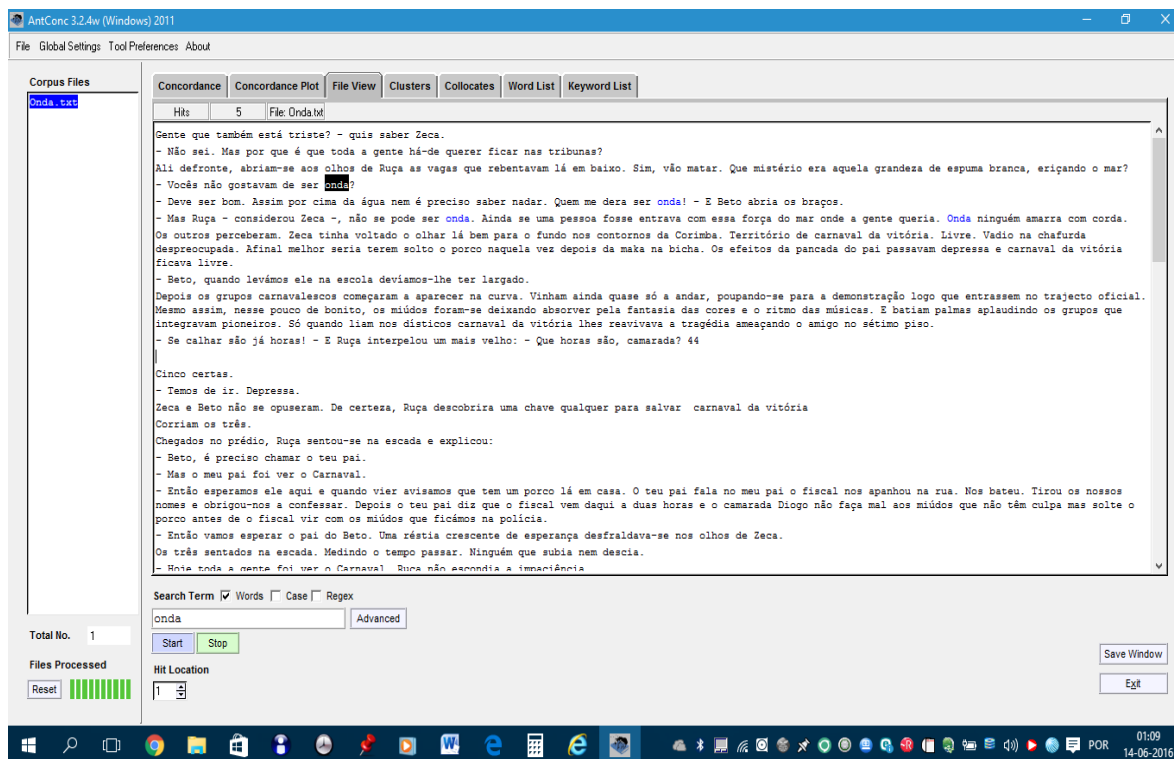
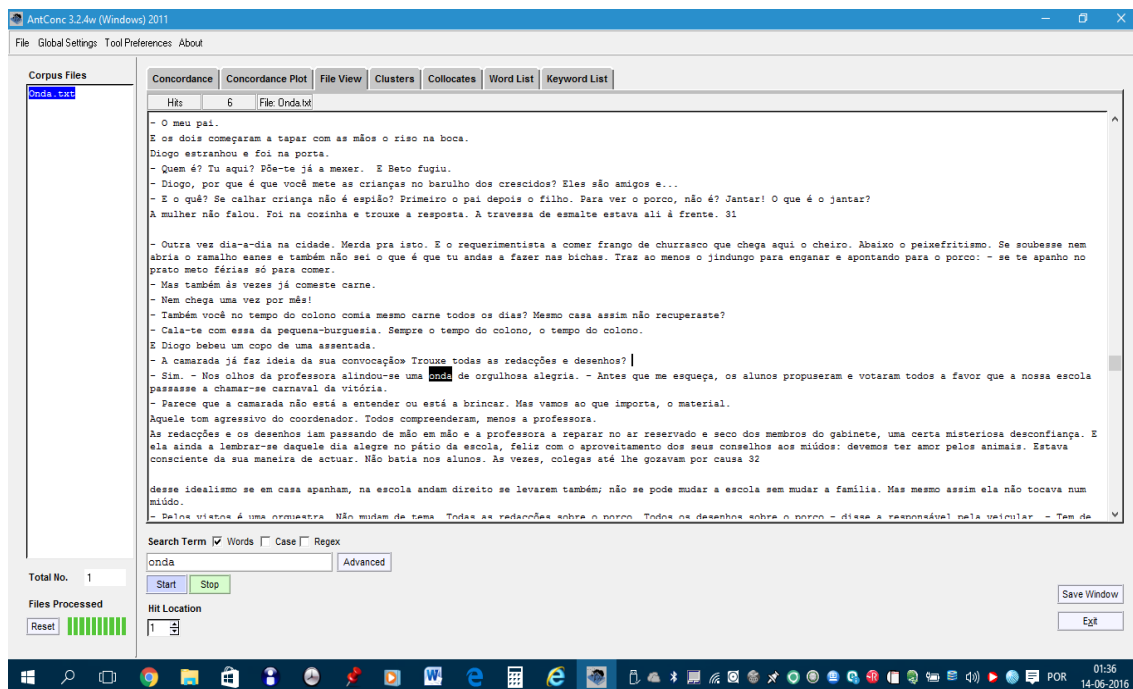
30 empréstimos interlinguísticos (Umbundismos, Kimbundismos)

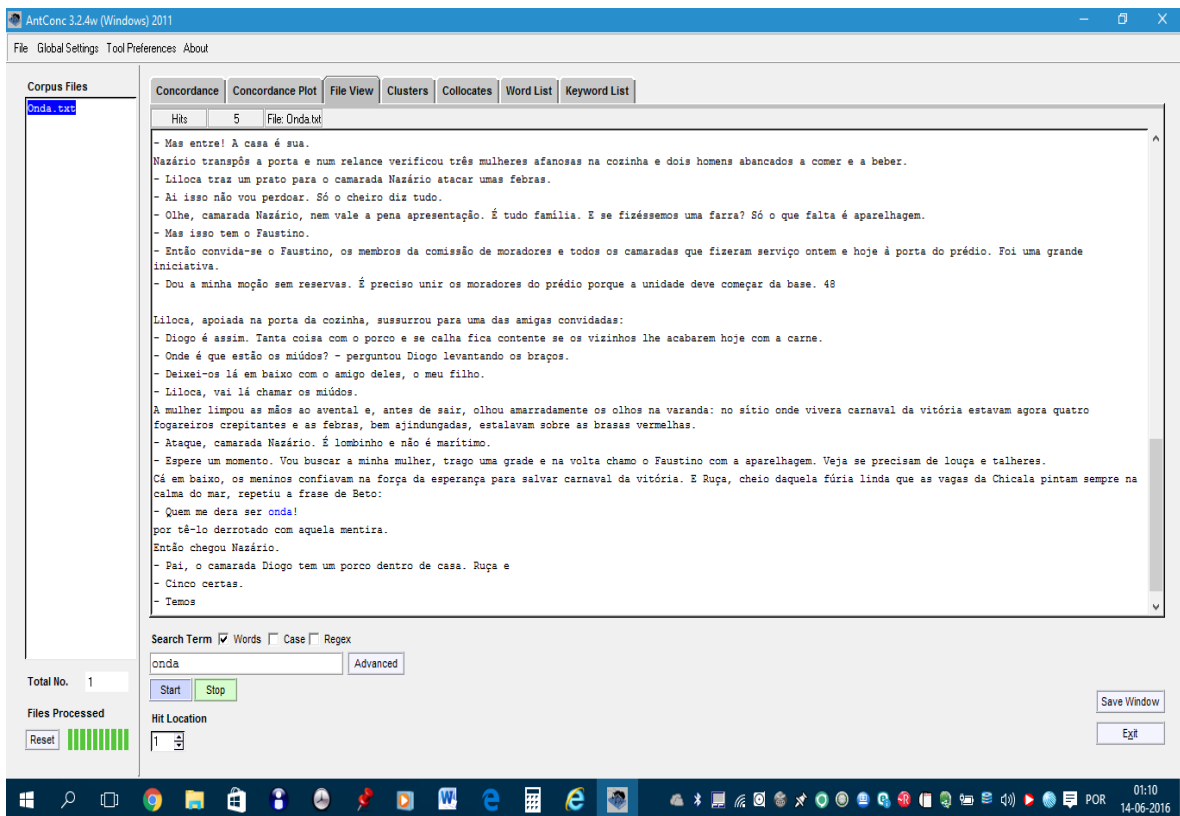
CORPUS MENINOS-HUAMBO

(Software Hyperbase)



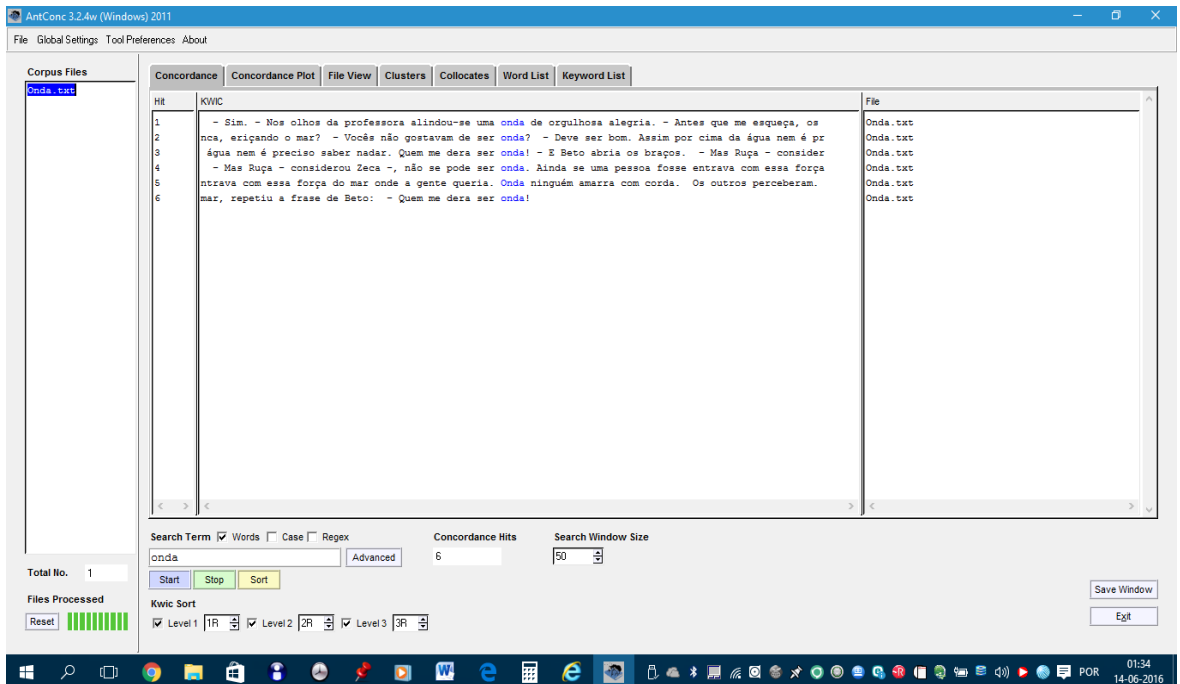
6.3.1.1. Extractos do *corpus*: a unidade lexical *onda* em contexto





6.3.1.2. Concordâncias

onda



mar

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Ht	KWIC	File
1	sobrevivera na subdesenvolvida chafurda da beira-mar da Corimba. Ai se habituara às dietas mais improv	Onda.txt
2	ca, vê se amanhã fazes um bocado de peixe. com um mar de Angola tão rico como é que a gente come sempre	Onda.txt
3	roda encarnada dele desaparecer lá no fundo onde mar não tinha fim. Ruça desamarrou a corda do content	Onda.txt
4	nda se uma pessoa fosse entrava com essa força do mar onde a gente queria. Onda ninguém amarra com cord	Onda.txt
5	ridos num comba e dois foram de oferta ao cabo-do-mar que facilitava na vida do pescador dono dos porco	Onda.txt
6	que as vagas da Chicala pintam sempre na calma do mar, repetiu a frase de Beto: - Quem me dera ser ond	Onda.txt
7	adas nas traseiras que davam de frente no beijo do mar. Vida de carnaval da vitória antes que rés-do-c	Onda.txt
8	era aquela grandeza de espuma branca, eripando o mar? - Vocês não gostavam de ser onda? - Deve ser b	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced ☐ Concordance Hits 8 Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort ☒ Level 1 1R ☒ Level 2 2R ☒ Level 3 3R

Total No. 1

Files Processed

Reset

Save Window

Exit

01:42 14-06-2016

peixe

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Ht	KWIC	File
1	laram, pai - reafirmou Ruça. A família estava no peixe frito com arroz mas os miúdos não descolavam os o	Onda.txt
2	eu ia falar em panqueas, e ismos da barriga. É só peixe frito e paleio - e arrotou. - Mas vamos comer o	Onda.txt
3	clandestina do porco, e a dona arranjou sandes de peixe frito para os miúdos, que foram a correr nas aula	Onda.txt
4	liadas, cuja base fundamental eram as espinhas de peixe. Nas confusões da areia, cedo ele e seus irmãos s	Onda.txt
5	am o coco a rir até o pai se irritar por causa do peixe frito com arroz. Mas que o porco vivia, isso sim	Onda.txt
6	o socialismo. Música e carne de porco sem sabor a peixe. Então liga o teu ouvido na outra orelha do porco	Onda.txt
7	de no orçamento familiar. Indisposto de engolir o peixe frito, os olhos dele bombardeavam direito no por	Onda.txt
8	O meu pai é um reacçãoário porque não gosta de peixe frito do povo e ralha com a minha mãe. Ele é que	Onda.txt
9	Agora é que estou a reparar. Já nem deve saber a peixe. - Saber a peixe, como? - Então você não sabe q	Onda.txt
10	a reparar. Já nem deve saber a peixe. - Saber a peixe, como? - Então você não sabe que porco que anda	Onda.txt
11	ão de costa nas areias da Corimba a comida dele é peixe, o respirar dele é marvento e a carne dele o sabo	Onda.txt
12	pirar dele é marvento e a carne dele o sabor é do peixe? Mesmo galinha, pato, cabrito, coelho, tudo sabe	Onda.txt
13	Mesmo galinha, pato, cabrito, coelho, tudo sabe a peixe. Mas este sabe mesmo a porco. Até me dá água na b	Onda.txt
14	bafou: - Liloca, vê se amanhã fazes um bocado de peixe. com um mar de Angola tão rico como é que a gente	Onda.txt
15	sse gajo. Então a dona passou a alternar carne e peixe. Diogo reacalmou a ira contra carnaval da vitóri	Onda.txt
16	co que não anda na Corimba a comer só espinhas de peixe - esclareceu Ruça. - Ai é! Mas digam no camarada	Onda.txt
17	o-burguês que na Corimba só cheiravas espinhas de peixe. Agora tens casa, não pagas renda e comes do Tróp	Onda.txt
18	enjoado. A carne era de porco marítimo. Sabor de peixe. - Levantou-se. - Mas o azar acaba quando eu te e	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced ☐ Concordance Hits 18 Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort ☒ Level 1 1R ☒ Level 2 2R ☒ Level 3 3R

Total No. 1

Files Processed

Reset

Save Window

Exit

01:37 14-06-2016

porco

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

H#	KWIC	File
1	os com carnaval. Devagarinho, mão na espinha, o porco a deixar até quando Zeca lhe abusou puxando no ra	Onda.txt
2	sível porque as pessoas se amontoavam em volta do porco, a zaragataear. Então Rupa falou num ó-dá-pá: -	Onda.txt
3	ica doce! - mas aceitou a proposta dos filhos. O porco achou a matéria nova, comeu, lambou-se e parecia	Onda.txt
4	que é o vizinho camarada Faustino que costuma ter porco - afirmou Rupa mostrando convicção. - Se o senhor	Onda.txt
5	ira de o pai lhe tratar só ganancioso na morte do porco. Ainda as acusações que Diogo fazia, Rupa não est	Onda.txt
6	planificado no cumprimento dessa mania de criar o porco ali no sétimo andar. Assim o tempo a voar com o	Onda.txt
7	a intenção de matar carnaval da vitória. Aquele porco amigo que acabara de 30 jantar bem boa comida q	Onda.txt
8	fazer uma roda e deixar o carnaval no meio. O porco andando de um lado para o outro a dar encontro no	Onda.txt
9	faça mal aos miúdos que não têm culpa mas solte o porco antes de o fiscal vir com os miúdos que ficámos n	Onda.txt
10	ez a pergunta: - Como é que a gente vai criar um porco aqui no sétimo andar? - Calma, Liloca. Vamos est	Onda.txt
11	coelho, tudo sabe a peixe. Mas este sabe mesmo a porco. Até me dá água na boca de pensar a inveja que o	Onda.txt
12	levantada. Mas as pessoas continuavam a puxar o porco cada um de seu querer ficar com ele. Carnaval da	Onda.txt
13	val da vitória, Rupa cocegu-lhe um bocadinho, o porco calou-se num instante, estava de papo para o ar,	Onda.txt
14	a e... - Diogo deu-se conta do lapso. - Qual seu porco, camarada Diogo? - Um que tenho em Nambuangongo	Onda.txt
15	aza um concurso deste nível uma redacção sobre um porco? Camarada Sofia, já agora descubra aí o desenho q	Onda.txt
16	rza 7 ninguém lhe prende. Quem então é que este porco candengue está incomodar? Só na lei desse advoga	Onda.txt
17	ntar os seus dois amigos. E no pensamento deles o porco chafurdava nas areias livres da Corimba e apareci	Onda.txt
18	e Rupa, contente, subia o tom de voz - primeiro o porco chamava-se carnaval, mas depois da nossa guerra	Onda.txt
19	a cetera que até amanhã ninguém nos vai roubar o porco. Chegou a tarde de Carnaval. Liloca atarefada no	Onda.txt
20	limpas do sebo por um pequeno bocado de carne de porco cheia de gordura. E assim preparou a refeição no	Onda.txt
21	quartos. E deteve-se na varanda. - Mas cheira a porco! Cheira porque é o vizinho camarada Faustino que	Onda.txt
22	esqueno na outra extremidade, meteu na orelha do porco colando seis tiras de adesivo como se fosse um pe	Onda.txt
23	verdade? Até num hotel de embaixadores de fora o porco come-se tudo não sobram aparas. Carnaval da vitó	Onda.txt
24	stavam assim sentados na beira do passeio a ver o porco comer. Mas os pensamentos no pai. Qual seria a re	Onda.txt
25	mpurar outras coisas? Aliás, carne boa mesmo só de porco. Como a desse aí que falta pouco vai acabar nesta	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced

Concordance Hits 135

Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

☒ Level 1 ☐ Level 2 ☐ Level 3 ☐ Level 4

Reset

Save Window

Exit

carnaval

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

H#	KWIC	File
1	! - Acho bem, Rupa. Pode ficar carnaval. E no carnaval a gente mata e come. com fiscal ou sem fiscal. O	Onda.txt
2	lhe pôr um nome - disse Zeca, eufórico. - Fica carnaval! - Acho bem, Rupa. Pode ficar carnaval. E no	Onda.txt
3	aram a corda do ferro das persianas e conduziram carnaval até na casa de banho. Abriam o chuveiro e, no m	Onda.txt
4	ra brincadeiras nessas coisas de desobediência. Carnaval comeu sofregamente e os miúdos tapavam nele um a	Onda.txt
5	xar o porco cada um de seu querer ficar com ele. Carnaval da vitória a grunhir alto. - Tem dono como se o	Onda.txt
6	ECULADORES DIOGO, FAUSTINO E NAZÁRIO SÃO CONTRA O CARNAVAL DA VITÓRIA. ABAIXO A REACÇÃO 41 O Fiscal Loló	Onda.txt
7	iras que davam de frente no beijo do mar. Vida de carnaval da vitória antes que rês-do-chão. Marcados pela	Onda.txt
8	ia que ele odiava. O pai só na intenção de matar carnaval da vitória. Aquele porco amigo que acabara de 30	Onda.txt
9	, com a corda bem segura, deu logo numa corrida. Carnaval da vitória babava-se de cansaço. Só depois de t	Onda.txt
10	ndo-se do tempo em que o pai abafava o roncar de carnaval da vitória com o rádio, pôs ponto final nas idei	Onda.txt
11	as assustado para o irmão: - A mãe? Dessa vez, carnaval da vitória comeu mesmo nas traseiras do hotel, a	Onda.txt
12	ai, satisfeito, afiando a faca grande para matar carnaval da vitória. Começaram a andar. Toda a gente co	Onda.txt
13	s. Esperaram só a mãe sair e quase nem comeram. Carnaval da vitória consentiu imobilização, patas bem ama	Onda.txt
14	Rupa descobrira uma chave qualquer para salvar carnaval da vitória Corriam os três. Chegados no prédio,	Onda.txt
15	de fora o porco come-se tudo não sobram aparas. Carnaval da vitória devia ter nascido cão ou gato. - Gat	Onda.txt
16	E, de pormenor, contou de tudo essa aventura de carnaval da vitória. Do que ela sabia de ver os miúdos no	Onda.txt
17	resistência. A educação esmerada que dedicavam a carnaval da vitória. 19 - E os pais dele? - perguntou u	Onda.txt
18	ite, Zeca e Rupa quase não dormiram a meditar em carnaval da vitória e naquela maneira de o pai lhe tratar	Onda.txt
19	esenho e olha que olha na comparação texto sobre carnaval da vitória e ele mesmo desenhado grande na folha	Onda.txt
20	inos confiavam na força da esperança para salvar carnaval da vitória. E Rupa, cheio daquela fúria linda qu	Onda.txt
21	me do porco não é só carnaval. - Então? - É carnaval da vitória. Entraram na casa de banho, fecharam	Onda.txt
22	tinham atirado com a porta do elevador na cara. Carnaval da vitória era dos seres vivos que mais benefici	Onda.txt
23	za satisfazer as exigências pequeno-burguesas de carnaval da vitória. Era isso mesmo! No dia seguinte, Di	Onda.txt
24	Rupa e Zeca compreenderam as intenções da mãe. Carnaval da vitória 42 ergueu o focinho. Fazejou. Grunh	Onda.txt
25	la forma do pai ser. Entristeciam da cena porque carnaval da vitória estava já na vida do coração deles an	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced

Concordance Hits 85

Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

☒ Level 1 ☐ Level 2 ☐ Level 3 ☐ Level 4

Reset

Save Window

Exit

escola

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Hit	KWIC	File
1	dele é igualzinha à do ladrão que esteve na nossa escola e matou dois pioneiros. É ele mesmo! - E Rupa olh	Onda.txt
2	professora por causa de um imaginado assaltante da escola. Diogo abraçou a mulher e os filhos, gargalharam	Onda.txt
3	a-érrre. Muito menos a do gatuno. No intervalo da escola Rupa foi o narrador. Zeca e Beto ajudaram nos peq	Onda.txt
4	nome bestial. Vocês têm de trazer o gajo aqui na escola para a malta ver. No fim da tarde, quando saíram	Onda.txt
5	a nós vocês não lá tinham nem independência nem escola. - Mas em que guerras é que o camarada combateu,	Onda.txt
6	amigo bem conhecido nos intervalos dos garotos da escola. Que protestavam vocês prometeram trazer ele par	Onda.txt
7	ligilância dos pais à hora de saída de casa para a escola. Até que por um aviso da mãe chegou o dia. - Am	Onda.txt
8	estava preparado com o carrinho de cargas. E na escola a grande festa começou. Rupa segurava a trela. Z	Onda.txt
9	arriga. Até que a professora surgiu na varanda da escola e bateu as palmas. - Está na hora, meninos! Qua	Onda.txt
10	o. Só depois de terem chegado à beira do muro da escola Zeca perguntou assustado para o irmão: - A mãe?	Onda.txt
11	para os olhos dos banhistas. Entrando no pátio da escola em brincadeiras de não mais acabar. Aqueitando lu	Onda.txt
12	roo mais bom do mundo porque quando veio na nossa escola a camarada professora deu borla. O meu pai é um	Onda.txt
13	fazer redações que a gente quer e até trouxe na escola o primo dela Filipe que veio tocar viola dentro d	Onda.txt
14	a descubra aí o desenho que foi remetido por essa escola. As mesas estavam repletas de pilhas de papéis.	Onda.txt
15	trópico e aqui à volta uma bicha. Isto parece uma escola. Aqui ao canto direito dois ó-dé-pés. Esquisito.	Onda.txt
16	ue elegeu texto e desenho em representação da sua escola. É só isso que eu tenho a dizer. 27 - Estou abs	Onda.txt
17	os propuseram e votaram todos a favor que a nossa escola passasse a chamar-se carnaval da vitória. - Pa	Onda.txt
18	ainda a lembrar-se daquele dia alegre no pátio da escola, feliz com o aproveitamento dos seus conselhos ao	Onda.txt
19	ausa 32 desse idealismo se em casa apanham, na escola andam direito se levarem também; não se pode muda	Onda.txt
20	am direito se levarem também; não se pode mudar a escola sem mudar a família. Mas mesmo assim ela não toc	Onda.txt
21	c., e, em vez disso, a camarada apresenta-nos uma escola inteira a dissertar sobre um porco! Como é possív	Onda.txt
22	Comarca de Luanda - 2a Vara. À tarde, no fim da escola, quando chegaram na recolha da comida de carna	Onda.txt
23	ur dava nas areias livres da Corimba e aparecia na escola para aquela roda de brincadeiras. - Vá, toca a a	Onda.txt
24	ria ficava livre. - Beto, quando levámos ele na escola devíamos-lhe ter largado. Depois os grupos carna	Onda.txt
25	pôs-se de pé. - Acho bem. Mas o vosso lugar é na escola. Aprenderem aquilo que os mais-velhos não consegu	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced

escolã

Concordance Hits 26

Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

☒ Level 1 ☐ 1R ☒ Level 2 ☐ 2R ☒ Level 3 ☐ 3R

Reset

Total No. 1

Files Processed

Reset

Save Window

Exit

01:38 14-06-2016

eu

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011

File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files

Onda.txt

Concordance Concordance Plot File View Clusters Collocates Word List Keyword List

Hit	KWIC	File
1	do com o camarada coordenador. - E eu também. - Eu acho que sim. - Eu retiro o que disse e penso qu	Onda.txt
2	Se calhar são bombistas fantoches dos karkmanos. Eu acho que todos os moradores combatentes ó-dé-pé d	Onda.txt
3	o que apanhou boleia na revolução e agora é juiz. Eu ao menos não apanhei boleia nenhuma. Em casa dele	Onda.txt
4	a discutir. O camarada tem de aceitar a crítica e eu cheguei aqui só para você e a dona educarem melho	Onda.txt
5	, o doutor Africano Neto pôe os malucos à solta e eu com dois filhos chafnados aqui dentro de casa. E	Onda.txt
6	u com dois filhos chafnados aqui dentro de casa. Eu dou-vos o tratamento! Mas os mídos contaram a c	Onda.txt
7	é que por um aviso da mãe chegou o dia. - Amanhã eu e o pai vamos almoçar fora. À vossa comida fica p	Onda.txt
8	- E entregou o cartaz nas mãos de Diogo. - Bem. Eu estou calmo. Primeiro, só uma pessoa que vive com	Onda.txt
9	orientada. Qual é o nosso papel, afinal? - Nisso eu estou de acordo com o camarada coordenador. - E	Onda.txt
10	. 10 - Desculpe. Não é preciso zanga assim, que eu estou no meu servipo de fiscal. É a minha obrigag	Onda.txt
11	na sala de aulas? - Sim. A borla é verdade. Mas eu explico. A professora susteve as lágrimas que se	Onda.txt
12	cos. Era mesmo no meio dos relatos de futebol que eu ia falar em panquês, e ismos da barriga. É só pei	Onda.txt
13	ncia a Cadornega? Que tinha sua veia de poeta. - Eu isso não concordo - disse o responsável pela secç	Onda.txt
14	de cor. - Beto! Beto! O Rupa está aqui. Entra. Eu na minha pessoa de assessor popular não posso adm	Onda.txt
15	Mas agora os seus filhos andarem a me gozar é que eu não admito. - E entregou o cartaz nas mãos de Dio	Onda.txt
16	porta porque tem o porco lá dentro. - Isso é que eu não admito! - Mas então deixe-me entrar. - Mas	Onda.txt
17	ssim preparou a refeição nova. - Carne de porco! Eu não dizia? É o ministro que está a mudar as coisa	Onda.txt
18	r depois? - Isso não compreendi bem. Agora o que eu não gosto é o pai só querer carnaval da vitória	Onda.txt
19	u os golpes. ui? Então Rupa deu em sofrer alto: Eu não sou bandido, eu não sou bandido! - Liloca, l	Onda.txt
20	tão Rupa deu em sofrer alto: Eu não sou bandido, eu não sou bandido! - Liloca, levanta o rádio. A m	Onda.txt
21	ia do teu fusilamento já vem aí, falta pouco, que eu não sustento porcos à comida do Trópico. Era o qu	Onda.txt
22	zís dele, Zeca a chorar, sem carnaval da vitória eu não vou entrar em casa, o porco ia a atravessar	Onda.txt
23	r do desenho é diferente do autor da redacção? - Eu peço desculpa mas é ridículo estarmos a perder ta	Onda.txt
24	ha um porco e ainda esse ó-dé-pé com bocas. Fui eu que lhe apanhei primeiro e porco vadio é de quem	Onda.txt
25	a fazer tribalismo... - Eu é que estou a fazer? Eu que nem tenho maka com porco. Ele é que está a fa	Onda.txt

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex ☐ Advanced

eu

Concordance Hits 42

Search Window Size 50

Start Stop Sort

Kwic Sort

☒ Level 1 ☐ 1R ☒ Level 2 ☐ 2R ☒ Level 3 ☐ 3R

Reset

Total No. 1

Files Processed

Reset

Save Window

Exit

01:46 14-06-2016

o

The screenshot shows the AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 interface. The 'Corpus Files' list on the left contains 'Onda.txt'. The 'Concordance' tab is active, displaying a list of concordance hits for the search term 'o'. The search term is entered in the 'Search Term' field, and the 'Concordance Hits' count is 436. The 'Search Window Size' is set to 50. The 'Kwic Sort' options are checked for Level 1, Level 2, and Level 3. The concordance results are displayed in a table with columns for Hit, KWIC, and File. The KWIC column shows the context of the word 'o' in the text, with the word itself highlighted in blue. The File column shows the source file 'Onda.txt'.

Hit	KWIC	File
40	é que entreabriu e falou: - Bom-dia. O que é que o camarada quer? O pai não está em casa. - Também	Onda.txt
41	qui no prédio. - Mas não vim aqui para discutir. O camarada tem de aceitar a crítica e eu cheguei aq	Onda.txt
42	das da pequena-burguesia. Querem o céu e a terra. O capitalismo e o socialismo. Música e carne de por	Onda.txt
43	SPECULADORES DIOGO, FAUSTINO E NAZÁRIO SÃO CONTRA O CARNAVAL DA VITÓRIA. ABAIXO A REACÇÃO 41 O Fis	Onda.txt
44	- Sim. Estamos à espera do meu pai, que foi ver o Carnaval. - E vocês não foram? - Fomos mas já v	Onda.txt
45	reciso chamar o teu pai. - Mas o meu pai foi ver o Carnaval. - Então esperamos ele aqui e quando vi	Onda.txt
46	eca, solta a corda. Vamos fazer uma roda e deixar o carnaval no meio. O porco andando de um lado p	Onda.txt
47	os dar encontro com mais pessoas que vão ver sair o carnaval onde ele começa. 43 - Gente que também	Onda.txt
48	m guarda? bom... - Viva, camarada Nazário. Então o Carnaval? - Pior que o ano passado. - Mas entre	Onda.txt
49	ue subia nem descia. - Hoje toda a gente foi ver o Carnaval. Ruga não escondia a impaciência. - Mas	Onda.txt
50	e reagiu: - Espera que eu te digo. Quando chegar o carnaval tiro-te a fala. 23 Mas o porco teimou	Onda.txt
51	elevador. Cá em baixo, Beto estava preparado com o carrinho de cargas. E na escola a grande festa c	Onda.txt
52	o Pitanga Ismael Nazário ficou furioso. Arrancou o cartaz. Entrou no elevador e carregou no botão do	Onda.txt
53	arem a me gozar é que eu não admito. - E entregou o cartaz nas mãos de Diogo. - Bem. Eu estou calmo.	Onda.txt
54	marada Nazário - insinuou Ruga. Nazário arrancou o cartaz, virou-se e, ao reparar no saco de plástic	Onda.txt
55	da, foi o que roubou a aparelhagem, se calhar o cartão dele ainda é falso. Chegou um carro da po	Onda.txt
56	para ele roncar. - Estás-te a aburresar - dizia o chefe da família Diogo. - Quem te viu e quem te v	Onda.txt
57	ntista a comer frango de churrasco que chega aqui o cheiro. Abaixo o peixe-fritado. Se soubesse nem a	Onda.txt
58	co. Até me dá água na boca de pensar a inveja que o cheiro de carne dele assada vai brilhar na gomei	Onda.txt
59	tacar umas febras. - Ai isso não vou perdoar. Só o cheiro diz tudo. - Olhe, camarada Nazário, nem v	Onda.txt
60	ão alto como nunca fizera, até os miúdos baixarem o choro quando o pai lhes parou de bater. Diogo pe	Onda.txt
61	saigar. Quem não tem frigorífico está tramado. E o chouriço, morcela, paio e presunto? A carne de po	Onda.txt
62	nduriram carnaval até na casa de banho. Abriam o chuveiro e, no momento em que forçavam o bicho pa	Onda.txt
63	da vitória. Entraram na casa de banho, fecharam o chuveiro e, no meio da alegria da vitória, Ruga q	Onda.txt
64	r fim chegaram à varanda e o fiscal bateu palmas. O chão estava todo coberto de dandém. - Cá está!	Onda.txt

a

The screenshot shows the AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 interface. The 'Corpus Files' list on the left contains 'Onda.txt'. The 'Concordance' tab is active, displaying a list of concordance hits for the search term 'a'. The search term is entered in the 'Search Term' field, and the 'Concordance Hits' count is 479. The 'Search Window Size' is set to 50. The 'Kwic Sort' options are checked for Level 1, Level 2, and Level 3. The concordance results are displayed in a table with columns for Hit, KWIC, and File. The KWIC column shows the context of the word 'a' in the text, with the word itself highlighted in blue. The File column shows the source file 'Onda.txt'.

Hit	KWIC	File
1	pouco o som do rádio para ele roncar. - Estás-te a aburresar - dizia o chefe da família Diogo. - Qu	Onda.txt
2	to no porco para um balanço da engorda: estás-te a aburresar mas vais ver o que te espera - e com a	Onda.txt
3	o da Corimba e que agora o pai deles dizia estava a aburresar-se. Na família Diogo cada vez mais se	Onda.txt
4	rava vênias de obséquio com o focinho e aprendera a acenar com a pata direita, além de se pôr de papo	Onda.txt
5	u sem fiscal. O porco é nosso. Na casa de Liloca a alegria de ver pai e filhos contentes na igual id	Onda.txt
6	ransformada. O porco numa berraria de inadaptação a aleitar a vizinhanga; o som do rádio no máximo; e	Onda.txt
7	ir para o Quando-Cubango antes que ela se encontre a algum parente. Vocês é que ainda não repararam. É	Onda.txt
8	a contos eu vendo esse gajo. Então a dona passou a alternar carne e peixe. Diogo rescalmou a ira con	Onda.txt
9	e isto chegou! - Nazário falava com a mão direita a ameaçar chapada -, miúdos a mandarem bocas nos na	Onda.txt
10	ola para aquela roda de brincadeiras. - Vá, toca a andar. < E, inconformados, os dois irmãos saíra	Onda.txt
11	ança? - Sim - reafirmou Zeca. E o fiscal começou a andar para a porta. - Bem. Se não tem porco é po	Onda.txt
12	egaram a aparecer na curva. Vinham ainda quase só a andar, poupando-se para a demonstração logo que	Onda.txt
13	e ande para matar carnaval da vitória. Começaram a andar. Toda a gente corria no mesmo sentido. Em	Onda.txt
14	argado. Depois os grupos carnavalescos começaram a aparecer na curva. Vinham ainda quase só a andar,	Onda.txt
15	é o mesmo da semana passada, foi o que roubou a aparelhagem, se calhar o cartão dele ainda é fa	Onda.txt
16	, trago uma grade e na volta chamo o Faustino com a aparelhagem. Veja se precisam de louça e talheres	Onda.txt
17	rida, ficou ainda um bocadinho de indicador na testa a arrumar inteligência. E, ouvindo barulho de água	Onda.txt
18	tempo a cada um. Nas noites de hoje e de amanhã. A assembleia aprovou por unanimidade e houve mesmo	Onda.txt
19	da vitória eu não vou entrar em casa, o porco ia a atravessar a rua, um carro travou, ele também, vi	Onda.txt
20	sa por forma outra que é a do desenho e não sendo a autoria comun. Pode tratar-se de um caso de alien	Onda.txt
21	u calado e de olhos no chão. Beto media-o de alto a baixo, feliz 46 por tê-lo derrotado com aquela	Onda.txt
22	uveiro e, no momento em que forçavam o bicho para a banheira, a campanha tocou. De imediato, Zeca t	Onda.txt
23	ndo cada vez mais perto a consumação. Desde manhã a banheira cheia de água, pode faltar de um moment	Onda.txt
24	lhes conhecia. Mesmo assim as pessoas começaram a barafustar. Quando é que porcos deixam de andar	Onda.txt
25	os miúdos mimosavam-lhe festas, acariciavam-lhe a barriga até ele, domesticado, se estatelar quase	Onda.txt

6.3.2. Macroestrutura do Dicionário

O **dicionário em suporte digital** e em **papel** tem como **língua de partida**, a **Língua Portuguesa** e como **língua de chegada**, a **Língua Umbundu**.

Será constituída por **20.000 entradas**, número mínimo de unidades lexicais para o **público-alvo**, que são as **crianças e adolescentes**, entre os **6 e os 14 anos**, que se encontram entre a **1ª e a 7ª classes**; é nesta faixa etária que se processa um desenvolvimento significativo da competência linguística da criança e do adolescente.

O trabalho que nos propomos apresentar tem como objectivo por um lado o ensino-aprendizagem do léxico e, por outro o desenvolvimento do léxico do Português, por parte das crianças.

Em alguns casos será necessário apresentar notas que expliquem não apenas conceitos relativos à **cultura Umbundu** e que não existem em Português, mas também notas que expliquem **elementos de lexicultura**, (conceito criado por Robert GALISSON para caracterizar os elementos de cultura existentes no léxico) quer do Português em contexto angolano, quer do léxico do *Umbundu* (ex. *água* e *mar* têm semas culturais que significam morte) (cf. CHAURAND, J., 1988:13)²⁵.

O **Dicionário bilingue** apresentará um **sistema contrastivo de equivalência de unidades lexicais**; apresentamos alguns exemplos com o objectivo principal de mostrar que apesar das línguas serem diferentes umas das outras, têm necessariamente elementos que de uma ou de outra maneira têm equivalência; à luz dos universais linguísticos, tem de haver necessariamente um sujeito, uma forma verbal e um complemento, seja qual for a língua.

²⁵ Jacques CHAURAND, *La définition* 1988, p.13, CELEX - Centre d'Études du Lexique, Paris.

A **macro-estrutura** é constituída pelas orientações metodológicas e pelas várias componentes que o constituem o dicionário: a micro-estrutura, a base textual para cada língua, as noções de gramática com as características específicas de cada língua.

A base textual permite ao aluno observar a unidade lexical não apenas num contexto restrito, mas em pleno texto; os alunos das classes mais avançadas podem aprender os fenómenos de denotação, de conotação e as várias figuras de estilo.

A Base textual é fundamentalmente constituída pelo ***Corpus Meninos do Huambo***, constituída por textos literários do escritor Manuel Rui e de outros escritores do Huambo; no entanto a Base integra também textos em Português de língua corrente, em contexto angolano. São textos que reflectem a cultura angolana, em geral, e da região, em particular.

No dicionário será necessário introduzir descrições de carácter fonomorfológico, morfológico, morfossintáctico e sintáctico-semântico, relativas a cada língua de modo a facilitar a aprendizagem dos falantes de Português, que não conhecem a Língua Umbundu, mas também pensando nos alunos que têm o Umbundu como língua materna e o Português como língua segunda.

Os campos lexicais e os vários tipos de fenómenos lexicossemânticas (polissemia, sinonímia, antonímia, hipernonímia, hiponímia, denotação, conotação) são uma enorme fonte de aprendizagem de léxico para os vários níveis etários dos alunos.

Sublinhamos que o professor deve ter uma formação em Lexicologia e Lexicografia de modo a ser capaz de utilizar o dicionário em sala de aula com os alunos, em regime de aprendizagem cooperativa, e ser capaz de ensinar o aluno a utilizar o dicionário em regime de auto-aprendizagem.

O ensino do léxico a partir dos textos dos manuais e do dicionário bilingue poderá dar um forte contributo ao desenvolvimento da competência lexical do aluno.

Assim, pretendemos que o *Dicionário Bilingue de Aprendizagem* deve fazer, quer para o Português, quer para o Umbundu, uma articulação entre o léxico, a morfologia, a morfossintaxe, a morfossemântica e a Lexicologia.

6.3.3. Microestrutura

A micro-estrutura do Dicionário bilingue é constituída por um sistema de equivalências.

No dicionário será necessário introduzir descrições de carácter fonomorfológico, morfológico, morfossintáctico e sintáctico-semântico, relativas a cada língua de modo a facilitar a aprendizagem dos falantes de Português, que não conhecem a Língua Umbundu, mas também pensando nos alunos que têm o Umbundu como língua materna e o Português como língua segunda.

Apresentamos dois exemplos : um substantivo e um verbo.

A entrada *onda* tem várias polissemias, sentidos figurados, metáforas; polissemias resultantes da vulgarização de termos científicos. Mas o aluno, com a ajuda do professor pode descobrir outras polissemias e valores lexicoculturais, na base textual no texto do escritor Manuel Rui ou de outro escritor ou num jornal da região.

A entrada *estudar* descreve as suas funções sintácticas: verbo transitivo directo, verbo intransitivo, verbo pronominal; são descritas as polissemias mais importantes.

Sempre que possível o artigo lexicográfico apresenta sinónimos, variantes e contextos extraídos do *corpus* textual.

DICIONÁRIO BILINGUE DE APRENDIZAGEM PORTUGUÊS - UMBUNDU

Dic Bilingue1 : Base de Dados (Access 2007 - 2010) - Microsoft Access

Ficheiro Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados

Tabela2

DICIONÁRIO BILINGUE DE APRENDIZAGEM - PORTUGUÊS-UMBUNDU

ID	2		
entrada	onda	variante (s)	equiv Umbundu ekimba
cat gram	n.f.	base textual da Língua Portuguesa	base textual da Língua Umbundu
definição	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p>1. porção de água do mar que se eleva e se desloca por acção do vento e das correntes; contexto: o surfista treinava nas ondas</p> <p>2. fig.: quantidade significativa de coisas ou de pessoas. contexto: uma onda humana</p> <p>3. fig.: sentimento ou fenómeno que se propaga rapidamente contexto: uma onda de alegria</p> <p>4. caracol de cabelo. contexto: a catorzinha tem lindos caracóis.</p> <p>4. Física: vibração que se propaga pelo espaço, transportando energia; contexto: as ondas sonoras.</p> <p>5. Geologia: o sismo provoca onda sísmica</p> <p>- fazer ondas : causar problemas; - ir na onda : deixar-se levar</p> </div> <div style="width: 45%;"> <p>- Vocês não gostavam de ser onda?</p> <p>- Deve ser bom. Assim por cima da água nem é preciso saber nadar. Quem me dera ser onda! - E Beto abria os braços.</p> <p>- Mas Ruça - considerou Zeca -, não se pode ser onda. Ainda se uma pessoa fosse entrava com essa força do mar onde a gente queria.</p> </div> </div>		
	noções de gramática da Língua Portuguesa	noções de gramática da Língua Umbundu	
	Formação de plural	prefixos nominais :	
	onda ondas	classes 5 e 6	
	ondulação ondulações		
c.lexical	onda, ondular, ondulado, ondulação, vaga, mar, oceano, maré, areia, duna		

Registo: 14 2 de 2 Sem Filtro Procurar

Vista de formulário

14:20
15-11-2016

Dic Bilingue1 : Base de Dados (Access 2007 - 2010) - Microsoft Access

Ficheiro Base Criar Dados Externos Ferramentas da Base de Dados

Tabela2

DICIONÁRIO BILINGUE DE APRENDIZAGEM - PORTUGUÊS-UMBUNDU

ID: 1

entrada: estudar variante(s): equiv Umbundu: okuli longisa

cat gram: v. base textual da Língua Portuguesa: base textual da Língua Umbundu:

definição:

1.v. transitivo directo
Adquirir conhecimentos;
sinónimo: aprender
contexto: ele estuda Português

2. v. transitivo directo
Reflectir sobre um assunto;
sinónimo: examinar
contexto: eu estudei o problema

3.v. transitivo directo
Observar com atenção;
sinónimo: analisar
contexto: ela estuda o voo das aves

4.v. intransitivo
Ser estudante;
contexto: estudo na escola

5.verbo pronominal
Observar-se; procurar conhecer-se.
Contexto: ele estuda-se a si próprio

c.lexical: estudo, estudioso, estudante,....

base textual da Língua Portuguesa:

O José tem dificuldade na leitura do Manual de Português. Por isso, precisa de estudar mais a Língua Portuguesa.

base textual da Língua Umbundu:

noções de gramática da Língua Portuguesa:

noções de gramática da Língua Umbundu:

okuli : prefixo que indica o infinitivo em Umbundu

Quadro de conjugação comparativo

eu estudo – ame ndi lilongisa
ame – significa eu
ndi – prefixo para todas
conjugações verbais na primeira
pessoa do singular
tu estudas – ove oli longisa
ove – prefixo para a 2ª e 3ª pessoas

Registo: 1 de 1 Sem Filtro Procurar

Vista de formulário

11:29 02-11-2016

Apresentamos também apenas uma tentativa do **modelo em papel**, mais difícil de organizar :

PORTUGUÊS

estudar v. | v. *tr.dir* | v. *intr.* | v. *pron*

1.verbo transitivo directo

Adquirir conhecimentos;

sinónimo: aprender

contexto: *ele estuda Português*

2.verbo transitivo directo

Reflectir sobre um assunto;

sinónimo: examinar

contexto: *eu estudei o problema*

3.verbo transitivo directo

Observar com atenção;

sinónimo: analisar

contexto: *ela estuda o voo das aves*

4.verbo intransitivo

Ser estudante;

contexto: *há dois anos que estuda no estrangeiro*

5.verbo pronominal

Observar-se; procurar conhecer-se.

contexto: *ele estuda-se a si próprio*

UMBUNDU

okulilongisa

nota: *oku* - é o prefixo que

indica o infinitivo em Umbundu



Quadro de conjugação comparativo

eu estudo – ame ndi lilongisa

ame – significa *eu*

ndi – prefixo para todas
conjugações verbais na primeira
pessoa do singular

tu estudas – ove oli longisa

ove –prefixo para a 2ª e 3ª
pessoas do singular

ele estuda – eye olilongisa

nós estudamos –etu tu lolongisa

vós estudais – ene vu lilongisa

eles estudam – ovo va lilongisa

O sistema de equivalências do sistema verbal é muito complexo: as flexões em Português são efectuadas através de sufixos no final da palavra, enquanto em Umbundu as flexões são realizadas através de prefixos.

Por isso, este Dicionário deverá incluir quadros explicativos de morfologia (formação de plural no Português e em Umbundu) e de morfossintaxe (construções específicas às duas línguas), quadros de comparativos de conjugações de verbos, de modo a que a criança e o adolescente compreendam e interiorizem os dois sistemas tão diferentes.

Passamos a apresentar dois substantivos: *escola* e *professor*. Estes exemplos sublinham a importância do contraste entre as flexões que indicam o plural, quer em Português, quer em Umbundu. Por outro lado, em Umbundu não existe flexão de género.

escola, s.f.

1. Estabelecimento de ensino.
2. Conjunto formado pelo professor e pelos discípulos

osikola

olosikola

olo – prefixo da flexão do plural

Nota: **osikola** é um portuguesismo que foi adoptado pela língua Umbundu.

professor, s.m.

Pessoa que ensina numa escola, ou noutro estabelecimento de ensino.

ulongisi

alongisi

a – prefixo do plural

nota: não existe flexão de género

Outras entradas e respectivos equivalentes em Umbundu: definições a desenvolver no dicionário que nos propomos efectuar.

Português

Umbundu

Ensinar [ẽsinar] ♦ *Instruir*

Okulongisa [okulõguisa]

Aperfeiçoar [apərfẽissoər] ♦ *melhorar*

Okusesamisa [okussessamissa]

Abaixar v.tr. colocar em posição baixa

Okuvombisa

Abaixo adv. em local menos elevado

Vombuelo

Abandono s.m. afastamento

Eyanduluko

Abdómen s.m. parte do corpo

Imo

Abelha s.f. Insecto que produz mel

Olunyihi

Abençoado <i>adj.</i> que recebeu bênção	Wa sumuluhã
Acção <i>s.f.</i> acto de agir	Elinga
Aceitação <i>s.f.</i> consentimento	Onãvo
Aceitar <i>v.tr.</i> receber com agrado	Okutava
Acolher <i>v.tr.</i> receber, hospedar	Okuyekisa
Acolhimento <i>s.f.</i> recepção, hospitalidade	Uyekiso
Aconselhamento <i>s.m.</i> orientação	Elungulo
Aconselhar <i>v.tr.</i> dar conselho	Okulungula
Acidez <i>s.f.</i> qualidade do que é ácido	Engangamo
Ácido <i>adj.</i> azedo	Ci ngangama
Actividade <i>s.f.</i> faculdade de agir, movimento	Upangue
Adepto <i>s.m.</i> pessoa que é partidária de	Oñame
Conta <i>s.f.</i> cálculo, avaliação	Etendelo
Bago <i>s.m.</i> grânulo do fruto,	Osangu, onwi
Baía <i>s.f.</i> pequeno golfo	Ochihondoloka
Contar <i>v.tr.</i> determinar a quantidade	Okutenda
Contemplar <i>v.tr.</i> observar de forma atenta	Okutala
Contentar <i>v.tr. e refl.</i> satisfazer(-se)	Okusanjuisa
Contestação <i>s.f.</i> acto de contestar	Epatãlo
Contestar <i>v.tr. e intr.</i> contrariar	Okupãtãlã
Contigo <i>pron.pess.</i> com a tua pessoa	Love
Tribunal <i>s.m.</i> lugar das audiências judiciais	Ekanga, ocila

6.4. Dicionário e Ensino-aprendizagem do Léxico

O estudo da **Língua Portuguesa**, que se quer efectivo, não será numa perspectiva de **língua materna (LM)**, mas como **língua segunda (LS)**, pelas condições do uso da mesma, não esquecendo as interferências que esta sofre das línguas bantu angolanas. Por isso, neste trabalho consideramos útil uma comparação com a Língua Umbundu, mas não como uma disciplina do sistema escolar.

Este assunto é largamente discutido por docentes, especialistas em Linguística Africana, ligados à inclusão curricular do *Estudo Teórico das Línguas Nacionais* no ISCED – Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, que exararam, em 5 de Março de 2001, um documento com o título “*Línguas nacionais e ensino de línguas portuguesa, francesa e inglesa em Angola*”, constante do novo currículo programático proposto pelo Departamento de Letras Modernas do ISCED (Luanda).

Segundo MINGAS, Amélia (2001:3)²⁶,

“Graças ao estudo de uma língua nacional, o ensino de muitos destes aspectos da linguística aplicada pode ser melhorado”.

Certamente, o estudo específico de uma língua nacional africana angolana, seria um factor facilitador, se Angola tivesse apenas um único idioma a par do Português; mas o problema reside no seguinte, com dados da Revista Internacional de Língua Portuguesa:

“Em Angola falam-se uns dez idiomas e cerca de cem dialectos, quase todos da mesma raiz bantu. Cada grupo, na sua região, utiliza basicamente o seu idioma regional e respectivos dialectos”
(COELHO, S., 2002:28).

²⁶ Amélia MINGAS, Zavoni NTONDO & Daniel DUKU (2001, p.3) *Estudo Teórico das Línguas Nacionais* no ISCED – Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, que exararam, em 5 de Março de 2001, um documento com o título “*Línguas nacionais e ensino de línguas portuguesa, francesa e inglesa em Angola*”,

Perante estes dados, os angolanos continuam a utilizar a Língua Portuguesa, pois que a sua expansão geocultural a nível mundial é um facto. A sua internacionalização consolida-se cada vez mais e desta forma distancia-se das línguas africanas, em Angola. No entanto, é necessário uma preservação normativa do Português, ao mesmo tempo que se analisarão as especificidades do Português a nível de todo território angolano.

Contudo, nada vai afastar Angola da Língua Portuguesa, pois que a sua expansão geocultural, a nível mundial é um dado adquirido. Mas uma certa cautela é necessária, para uma preservação normativa desta. Eis a razão que nos leva ao estudo deste tema. A internacionalização da Língua Portuguesa é um facto que a distancia das outras línguas faladas em Angola.

Oficializar **a Língua Portuguesa não foi tarefa fácil**, acrescenta COELHO, S. (2002:25) pois que a animosidade que antes havia entre colonizador e colonizado pode ter sido determinante nas convulsões que se seguiram depois da proclamação da Independência. O próprio Presidente ANTÓNIO AGOSTINHO NETO surpreendeu-se com o volume da onda de protesto, mas a sua lógica acalmara os ânimos daqueles que na emoção de se tornarem independentes, talvez, optassem por um outro idioma que não fosse o Português, com todos os riscos que isso acarretaria.

Mas neste estudo, partimos do conceito de língua que remete para um sistema homogéneo que estrutura a fala, sendo esta a actualização da própria língua segundo ANÇÃ, M.H. (1999, nº 51)²⁷. A perspectiva a considerar, aqui, pressupõe critérios sociolinguísticos; a autora define língua como sendo um conjunto de subsistemas e variantes linguísticas com certas especificidades.

²⁷ Maria Helena ANÇÃ (1999) *Dossier, da Língua Materna à Língua Segunda*. NOESIS nº 51: Universidade de Aveiro.

Importante ainda é considerar o conceito assim definido, no que respeita à Língua Portuguesa no âmbito da *lusofonia*, que é o sistema de comunicação linguístico-cultural, tendo em conta as particularidades linguísticas, geográficas, sociais, dos vários povos que a utilizam como língua materna ou como língua segunda: Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S.Tomé e Príncipe. A lusofonia engloba ainda os falantes dos antigos territórios portugueses da Índia, China, Malásia, assim como as comunidades migrantes espalhadas pelo mundo.

ANÇÃ, M.H. (1999, Apud R. KOCHMANN, 1982) acrescenta, que, partindo, então, do princípio da não homogeneidade dentro do mesmo sistema linguístico, a definição de língua materna, mesmo em contextos monolingues, pode ser ambígua.

Em contextos plurilingues é com efeito, ainda mais complexa e é nesta ordem de ideias que R. KOCHMANN apresenta três aspectos: o *afectivo*, idioma falado por um dos progenitores, geralmente a mãe, o *ideólogo*, idioma falado no país onde se nasceu e onde supostamente se vive ainda, e o de *auto-designação*, idioma a partir do qual aquele que o fala manifesta um sentimento de posse mais marcado do que em relação a outro idioma. Bastaria verificar-se um destes aspectos para assegurar a definição. Segundo ele, contudo, qualquer um deles pode suscitar algumas dúvidas.

Aqui, e segundo ANÇÃ, M.H. (1999, nº 51), o problema começa a ganhar outros contornos quando, em situação escolar, e em aula de Português, os alunos têm proveniências regionais, nacionais e culturais diferentes. E autora cita KOCHMANN (1982), com o título do seu artigo, "*Y a-t-il une langue maternelle dans la classe?*"

É, de facto, quase impossível chegar a uma noção de língua materna unívoca, dado que a situação varia com as épocas e com as áreas geográficas. Contudo, no contexto português europeu, apesar dos diferentes dialectos, há unidade linguística e intercompreensão entre falantes. ANÇÃ, M.H. (cf. 1999, nº 51) sugere que em termos linguísticos oficiais, a comunidade a que pertencemos é sem equívocos, unilingue e o

Português, a língua materna deste país, apesar das outras comunidades linguísticas que connosco vivem e convivem.

No caso concreto de Angola, a autora é ainda mais clara, quando define que

"Língua Segunda é definida como uma língua de natureza não materna (e aqui entra encontra o domínio da língua estrangeira), mas com um estatuto particular: ou é reconhecida como oficial em países bilingues ou plurilingues, nos quais as línguas maternas ainda não estão suficientemente descritas - refiro os novos países africanos de expressão portuguesa - ou ainda, com certos privilégios, em comunidades multilingues, sendo essa língua uma das línguas oficiais do país, o francês, na Suíça, por exemplo".

Para a qualidade da aprendizagem, a escola terá neste aspecto, uma missão específica, de tornar as crianças boas leitoras e escreventes:

"Os objectivos fundamentais de toda a escolaridade têm sido, por excelência, criar as condições que levem os alunos a ler e escrever com correcção [...]

"Inumeráveis são os factores que contribuem para que um aluno erre. Se limitarmos, neste contexto, o conceito de erro ao erro ortográfico, ainda assim múltiplas são essas causas. Bastar-nos-ia lembrar factores relacionados com:

- aspectos *psicológicos*: memória, atenção, percepção, lateralidade...;
- *métodos de leitura* seguidos;
- o *meio social* do aluno: vocabulário usado, hábitos de leitura...;
- um grande contacto com situações predominantemente *orais*;
- *dificuldades* da própria língua;
- *interferências linguísticas*" GOMES, A. (2006:159).

Por outro lado, compreende-se a seguinte chamada de atenção de FONSECA, E. (2006:4 de 30):

“O Professor não precisa apenas de saber como se ensina, o que tem feito a *Metodologia* ou o que se ensina, o que tem feito a *Didáctica*. O Professor precisa, em primeiro lugar, de saber como é que as crianças aprendem e o que é que elas são capazes de aprender. E as crianças não aprendem todas da mesma maneira, como até há pouco tempo se pensava”.

De modo similar, também FERRAZ, M^a, J. (2006:18), afirma que

“Se as crianças têm um conhecimento intuitivo da língua e capacidades cognitivas, se as experiências linguísticas que vão vivendo na sua fase de crescimento são factores que justificam o desenvolvimento da linguagem, é de admitir que nem todas tenham vivido as mesmas experiências e adquirido os mesmos conhecimentos. Acresce, entretanto, que características, genéticas ou não, serão responsáveis pelas diferenças de capacidades possíveis de observar: lugar onde se nasce, os meios social e cultural, associados eventualmente a factores económicos, marcam a diferença do capital linguístico armazenado”²⁸.

²⁸Conforme Dília RAMOS, na mesma obra, citando os trabalhos de SHIPLEY, SMITH e GLEITMAN, (1969), referidos em ELLIOT (1982), do que tem sido celeumático ao longo dos tempos, sobre o processo de aquisição da linguagem, já que esta é determinada por diversos factores: culturais, sociais, educativos e indiossincráticos dos interlocutores em presença, conforme DÍLIA o descreve e ela mesmo conclui, nessa obra, que o estudo deste tipo de material linguístico de entrada assume assim uma importância fundamental na compreensão do desenvolvimento linguístico da criança em particular e na do seu desenvolvimento psicológico em geral (desenvolvimento cognitivo, social, afectivo e moral).

Mas os diferentes ambientes têm também influência no processo de desenvolvimento e aprendizagem da língua.

MARQUES, M.E.R. (In *Português Língua Segunda* 2003:109) destaca Modelos de aprendizagem:

“Dadas as opções até aqui seriadas, destaquem-se agora aqueles modelos que nos surgem como os mais adequados aos objectivos que temos vindo a delinear e que decorrem de uma opção dominante, a de criar, desde cedo, um *continuum* de experiências de aprendizagem a prolongar pela vida fora”.

Na mesma óptica, SIM-SIM , I. (1997:16), sugere:

“Crescer linguisticamente significa adquirir a mestria das regras de estrutura e uso da língua materna, isto é, a língua do grupo primário de socialização, materializado na família”.²⁹

Assim, será importante definir linhas da aprendizagem da língua, como processo integral e sistemático, para que venha a dar os resultados pretendidos. A linha que se julga determinante não é nada mais do que a que diz respeito à inclusão da criança no sistema educativo nacional, porque, apesar de ela ter a aquisição da língua falada em contexto familiar, ela terá agora de dominar com mestria a língua no seu sistema e suas regras, que farão dela uma falante, leitora e escrevente com as desejáveis qualidades expressivas, de acordo com a norma do português europeu, que consideramos ser a meta dessa aprendizagem.

²⁹ Acrescenta: “O período de desenvolvimento da linguagem é regulado por marcas e etapas universais, embora seja possível detectar particularidades de aquisição em cada língua específica”.

Segundo CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, na *Gramática do Português Contemporâneo*, citado por FIGUEIREDO, J.M.N. (1979:13) defendem que

“Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados, nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível ou, em termos radicais, o que é e o que não é correcto”.

É bem sabido que não existe “o melhor método”, tudo depende dos contextos.

Segundo MARQUES, M.E.R. (2003:111), o **professor é o guia** de toda essa actividade³⁰:

“Constata-se – vimos, aliás, repeti-lo – que é, e será, do professor que tudo depende, dele que sofre e vive uma drástica mudança de papel. Como continuar a ser mecanicamente hábil em actuação datada, como continuar a dominar saberes fixos, quando se lhe exige, em termos de conteúdos programáticos, por exemplo, uma abordagem plural marcada por transversalidade, pela complexidade do pensamento, pela multirreferencialidade?”

³⁰ Também José G. Herculano de CARVALHO (1969, p. 225) defende no seguinte: “Assume-se de capital importância o facto de que o professor de língua deve ter um ponto de vista mais amplo, que lhe providencie a perspectiva que prevalentemente deve adoptar, porque é a quem cabe ensinar o uso correcto e eficaz de uma língua, compete-lhe antes de mais nada transmitir aos alunos o perfeito conhecimento do inventário de formas e modelos que constituem o sistema normal e funcional da língua”.

FERRAZ, M.J. (2007:32) defende que a metodologia nos vários níveis deve prever a criação de espaços de **interacção verbal, através de diálogos, discussões e debates, actividades** que podem ser alvo de preparação, de reflexão e a partir das quais se podem tirar conclusões sobre as práticas da oralidade e da escrita.

6.4.1. Inquérito : construção da amostra

A população alvo, para este estudo, foram as crianças, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade, que frequentavam a 4ª e 5ª classes da Escola Primária do Bairro Académico que entrou na Reforma. A escolaridade nessa instituição vai da Iniciação Primária à 6ª Classe. Apesar disso, em nome da Reforma, é considerada Escola Primária. Essas crianças constituem uma amostra representativa do universo populacional. A estratificação apresentada contempla centros urbanos e também suburbanos, com o objectivo de ter uma percepção das diferenças das suas competências.

O processo metodológico utilizado na selecção de indivíduos que pudessem integrar a amostra obedeceu aos seguintes critérios:

- 1- Identificar turmas com desempenho nas classes primárias, onde se pode medir o desvio às normas linguísticas em português.
- 2- Selecção aleatória por idades.
- 3- Uma visita surpresa a essas crianças, nas suas residências, para observar o seu ambiente familiar.

O total de aplicações em cada grupo foi de 70 crianças, por escola, em duas zonas do Município Sede do Huambo. Todavia, sentiu-se a necessidade de se pesquisar as crianças e adolescentes de uma outra escola do mesmo município.

O tipo de inquérito teve em conta os domínios lexical, sintáctico e fonomorfológico; procurou analisar as capacidades expressivas que podem dar indicações sobre a competência dessas crianças, no campo da oralidade e da escrita.

6.4.1.1. Recolha de Dados

A insuficiência dos meios disponíveis obrigou a limitar-nos aos questionários escritos que induzissem as crianças a responderem de forma habitual.

O questionário teve como base a conjugação verbal, especialmente no modo conjuntivo, muito em especial o verbo *saber* no presente do indicativo.

Efectuámos, igualmente, inquéritos a docentes com o Curso de Licenciatura em Pedagogia que exercem o papel de direcção das Escolas e a docentes da Língua Portuguesa.

O Instituto Superior de Ciências da Educação no Huambo cumpre com a formação de Práticas Pedagógicas que oferece nos seus Planos de Estudo, a avaliação da disciplina de Português; os estudantes elaboram um relatório que é defendido para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências da Educação.

Com estes inquéritos, pretendíamos saber quais eram as dificuldades que encontravam na observação das aulas e em que domínios os alunos falhavam, que dicionário consultavam e quais as suas opiniões para ultrapassarem os problemas de leitura e escrita.

A partir dos dados, constatámos que os dicionários frequentemente utilizados

pelo público provincial eram os dicionários da Porto Editora. Para o tratamento das respostas dadas pelos docentes no inquérito, utilizámos o programa Excel de representação de gráficos.

Finalmente, depois das informações prestadas sobre o tipo de material, procurámos saber quais os tipos de livros de gramática bem como os modelos de dicionários de Língua Portuguesa e obras lexicográficas existiam na escola.

Para os estudantes foram necessárias algumas perguntas escritas, cujas respostas pudessem reflectir a forma como eles falavam.

É difícil efectuar registos sonoros, por não dispormos do material necessário, mas os erros detectados permitem analisar as suas competências escritas e orais.

Ficha de inquérito aos Alunos do 5º ano de escolaridade, pertencentes à Escola Primária do Bairro Académico-Huambo

Completa com o verbo *saber* as seguintes frases:

1-Vocês sabem que Angola é um País Africano?

Resposta: Sim,.....

2-Há quanto tempo é que sabem disso?

Resposta: Nós.....há 3 anos.

3- Completa com o verbo *fazer* as seguintes frases:

4-Se eu.....malandrice, meus pais vão bater-me.

5- Quando euanos, terei muitas prendas.

Completa os espaços em branco.

1- O João lava-se todos os dias de manhã e eu também.....todos os dias.

2-Ontem, a bicicleta do pai.....fora da casa, porque não havia lugar.

3- Fala outra língua além da Língua Portuguesa?

Resposta:.....

Outra fase de Inquérito

Outras turmas foram abordadas, sobretudo as turmas do 7º ano de escolaridade, no sentido de saber que línguas falavam, desde quando é que estudavam Português, se alguma vez já usaram o Dicionário e onde; por fim, para ver como é que falavam e escreviam, criou-se com certo propósito um questionário para se analisar as formas conjugadas.

Que línguas fala?

Desde quando é que estuda Português?

Alguma vez usou o Dicionário?

Onde usou?

Resultados

Com base nos inquéritos efectuados, as crianças foram respondendo, por escrito, às perguntas que lhes foram colocadas.

Este inquérito permitiu-nos observar como escrevem e como falam.

DUARTE, I. (1992:166) adverte para o interesse pedagógico do uso do **conjuntivo**:

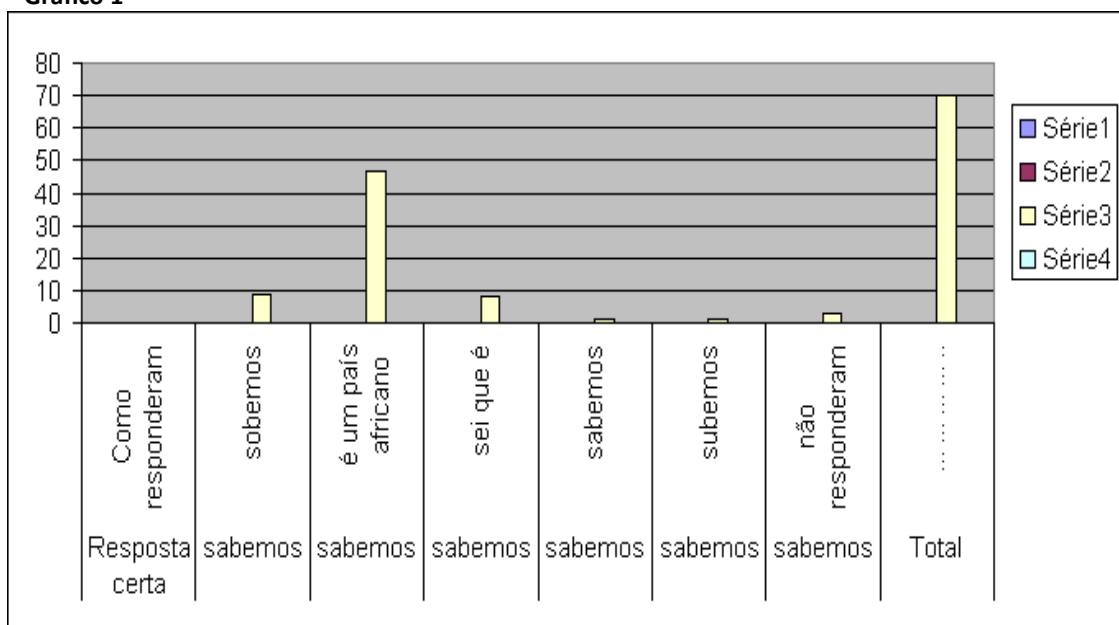
“Sugerimos aqui uma abordagem sintáctica do conjuntivo que leve os alunos a tomarem consciência dos contextos em que se utilizam obrigatoriamente *formas do conjuntivo*, induzindo-os, através deste processo de consciencialização, a uma utilização de tais formas e a sistematização dos *paradigmas flexionais do conjuntivo*”.

O **futuro do conjuntivo** pode ser o barómetro de medição das competências de vários níveis escolares no que toca ao ensino da Língua Portuguesa. E é tarefa difícil ensinar aos alunos estas formas tão complexas sem o que vários investigadores designam como *Oficina Gramatical*, isto é, uma gramática reflectida e reflexiva.

Resposta 1. Vocês sabem que Angola é um País Africano?

Resposta certa	Como responderam	Quantos	Percentagem
sabemos	sobemos	9	12,88
sabemos	É um país africano	47	67,14
sabemos	Sei que é	8	11,4
sabemos	sabemos	1	1,42
sabemos	subemos	1	1,42
Sabemos	Não responderam	3	4,28
Total		70	100

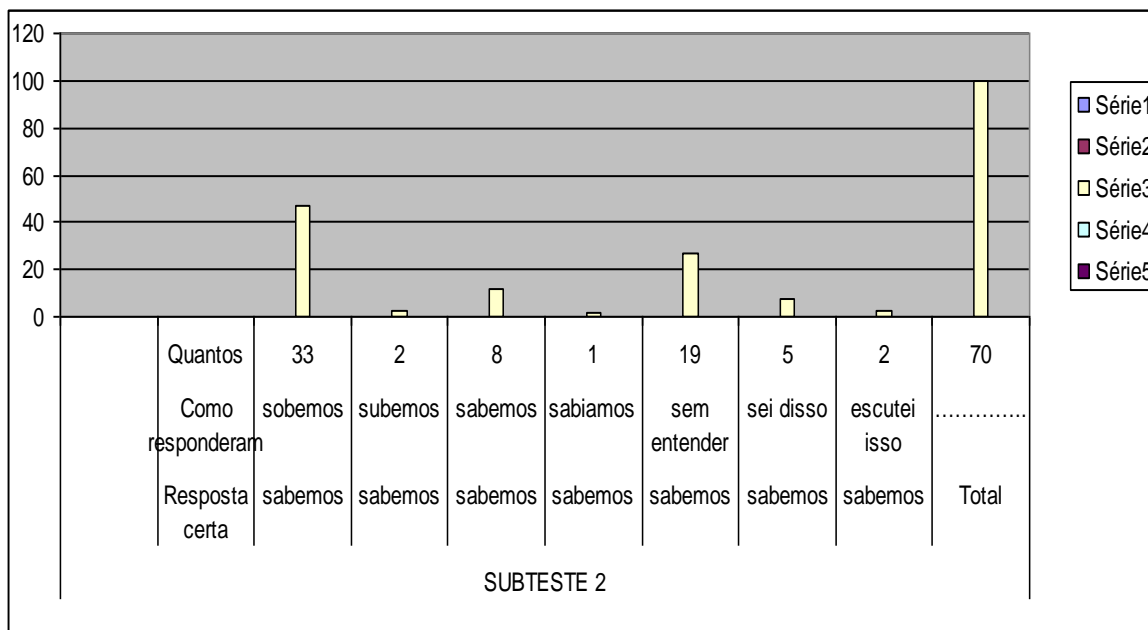
Gráfico 1



Resposta 2

Resposta Certa	Como responderam	Quantos	Percentagem
sabemos	sobemos	33	47,14
sabemos	subemos	2	2,84
sabemos	sabemos	8	11,4
sabemos	sabiamos	1	1,42
sabemos	Sem entender	19	27,14
sabemos	Sei disso	5	7,14
sabemos	Escutei isso	2	2,84
Total		70	100

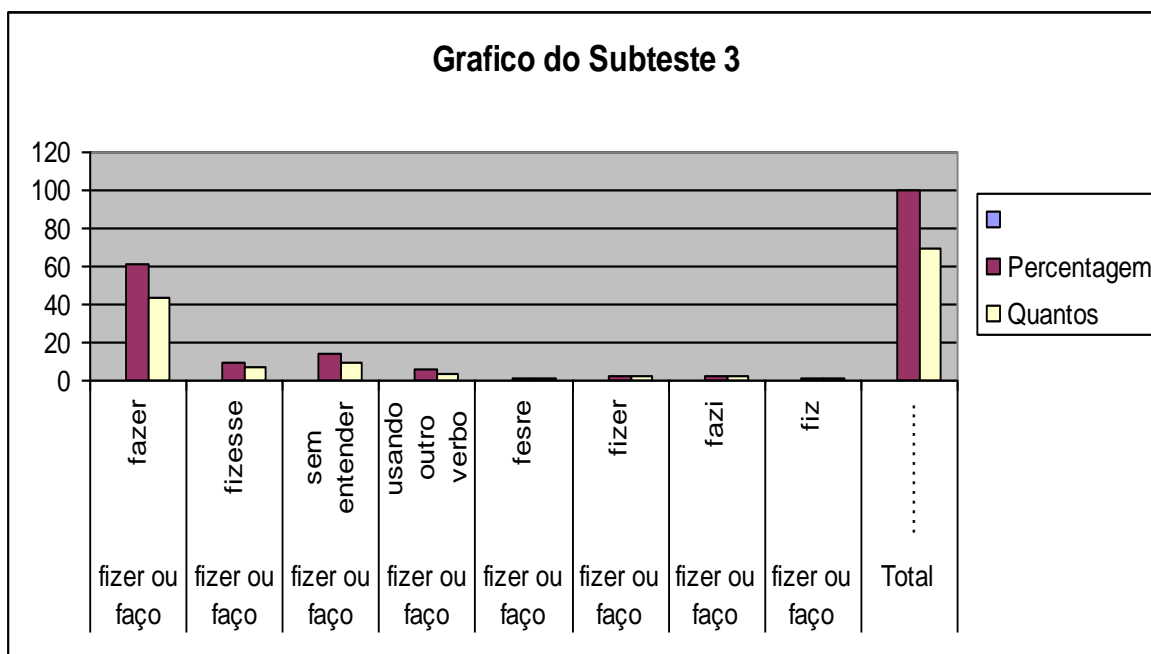
Gráfico 2



Resposta 3. Completar frases com o verbo *fazer* no futuro do conjuntivo

Resposta Certa	Como responderam	Quantos	Porcentagem
fizer ou faça	fazer	43	61
fizer ou faça	fizesse	7	12
fizer ou faça	sem entender	10	14,29
fizer ou faça	usando outro verbo	4	5,7
fizer ou faça	fesre	1	1,42
fizer ou faça	fizer	2	2,84
fizer ou faça	fazi	2	2,84
fizer ou faça	fiz	1	1,42
Total	70	100

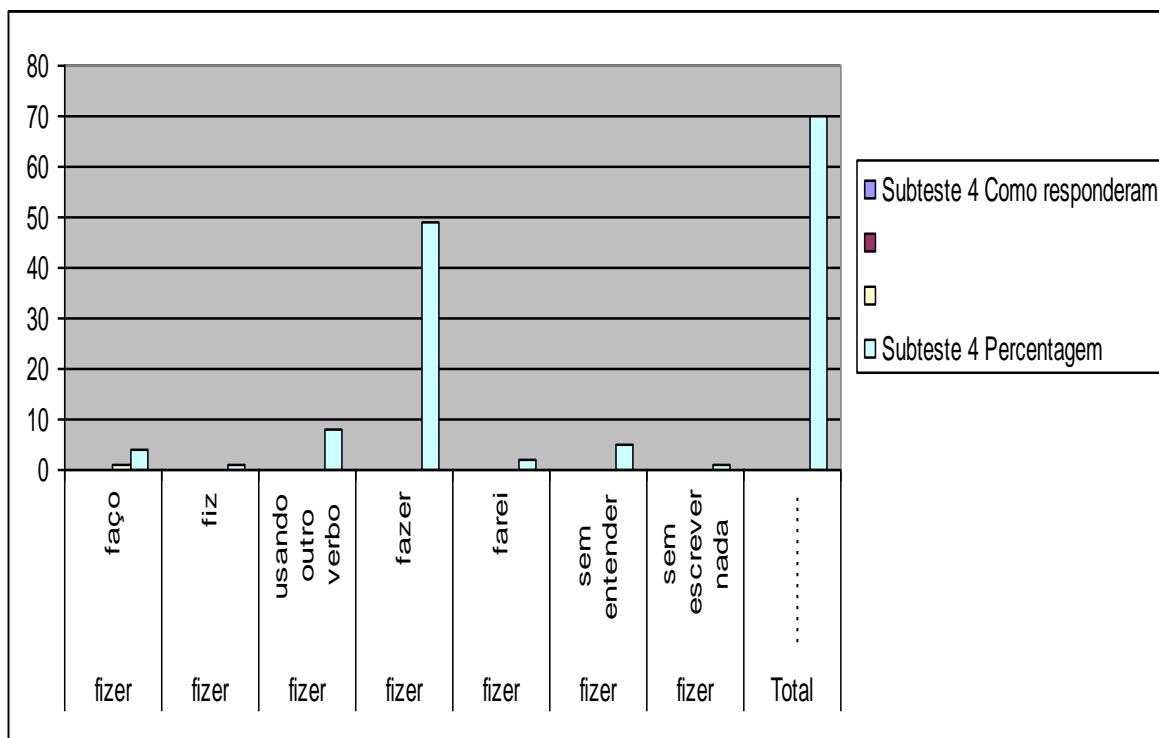
Gráfico 3



Resposta 4. Completar frases com o verbo *fazer* no futuro do conjuntivo

Resposta certa	Como responderam	Quantos	Percentagem
fizer	se faço	4	5,7
fizer	se fiz	1	1,42
fizer	usando outro verbo	8	11,4
fizer	se fazer	49	70
fizer	farei	2	2,84
fizer	sem entender	5	7,14
fizer	sem escrever nada	1	1,42
Total	70	100

Gráfico 4

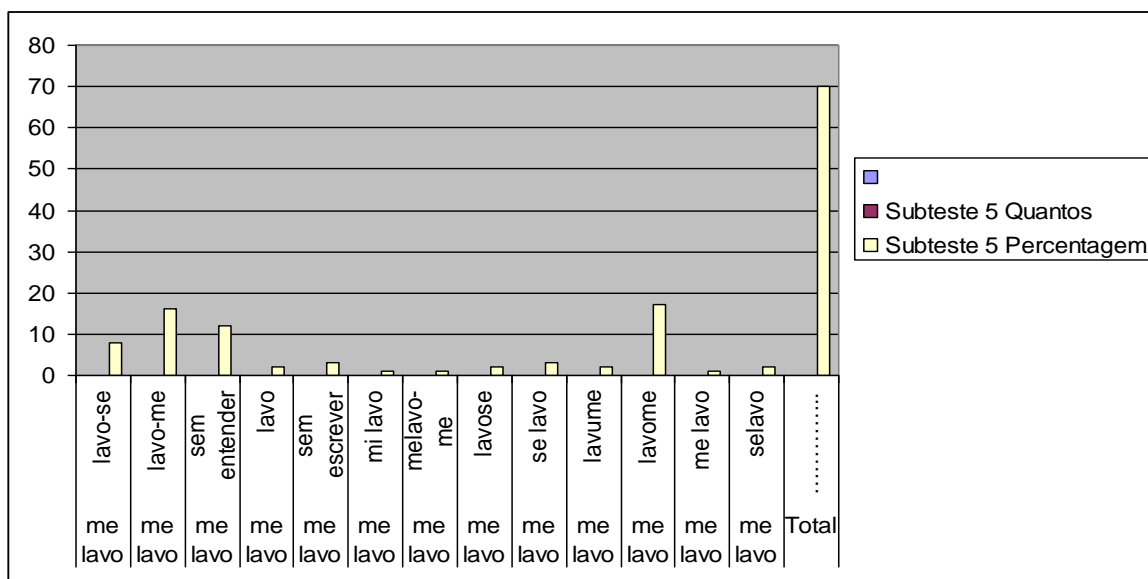


Resposta 5. Completar frases com a conjugação pronominal

Resposta certa	Como responderam	Quantos	Percentagem
me lavo	lavo-se	8	11,4
me lavo	lavo-me	16	22,8
me lavo	sem entender	12	17,1
me lavo	lavo	2	2,84
me lavo	sem escrever nada	3	4,28
me lavo	mi lavo	1	1,42
me lavo	melavo-me	1	1,42
me lavo	lavose	2	2,84
me lavo	se lavo	3	4,28
me lavo	lavume	2	2,84

me lavo	lavome	17	24,28
me lavo	me lavo	1	1,42
me lavo	selavo	2	2,84
Total	70	100

Gráfico 5



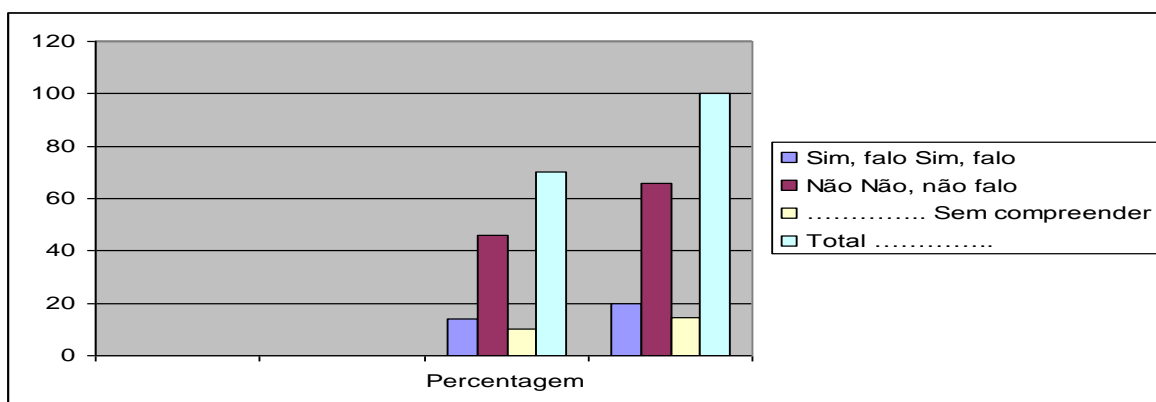
O Problema hoje já não se coloca entre alunos que podem falar outra língua além da Portuguesa. Fora das interferências das Línguas Nacionais, a questão que se coloca é que todos herdaram as mesmas expressões dos adultos depois de os ouvirem falar. Um exemplo é do meu próprio filho, de 8 anos que diz “Eu vou ir”. Isso parte dos adultos que falam Umbundu e a frase escrita é a seguinte: “Ame ndiya ndenda”. O futuro simples da língua Umbundu corresponde à frase portuguesa do meu filho, que não fala Umbundu, mas ouve os outros adultos com quem convive a falarem dessa maneira.

No Subteste 6, onde se procurou saber quantos é que falavam outra língua além do Português, a diferença não justifica os erros que cometeram nos exercícios feitos para a sua medição. Ver quadro seguinte:

Resposta 6. Fala outra língua além da Língua Portuguesa?

Resposta, sim ou não	Como responderam	Quantos	Percentagem
Sim, falo	Sim, falo	14	20
Não	Não, não falo	46	65,71
.....	Sem compreender	10	14,29
Total		70	100

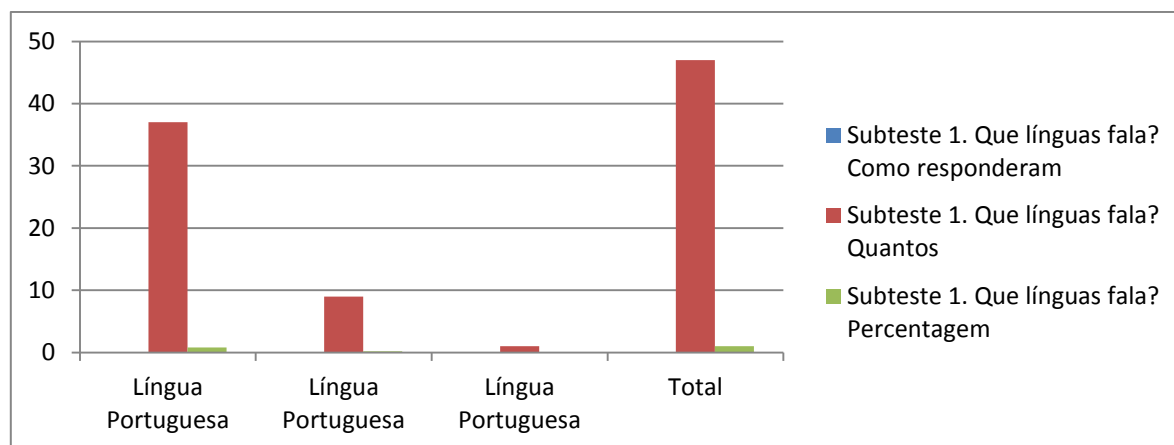
Gráfico 6



Resposta 7 - Que línguas fala?

Resposta certa	Como responderam	Quantos	Percentagem
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	37	81%
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa e Umbundu	9	19%
Língua Portuguesa	Língua Portuguesa e Kuanhama	1	2,1%
Total		47	100%

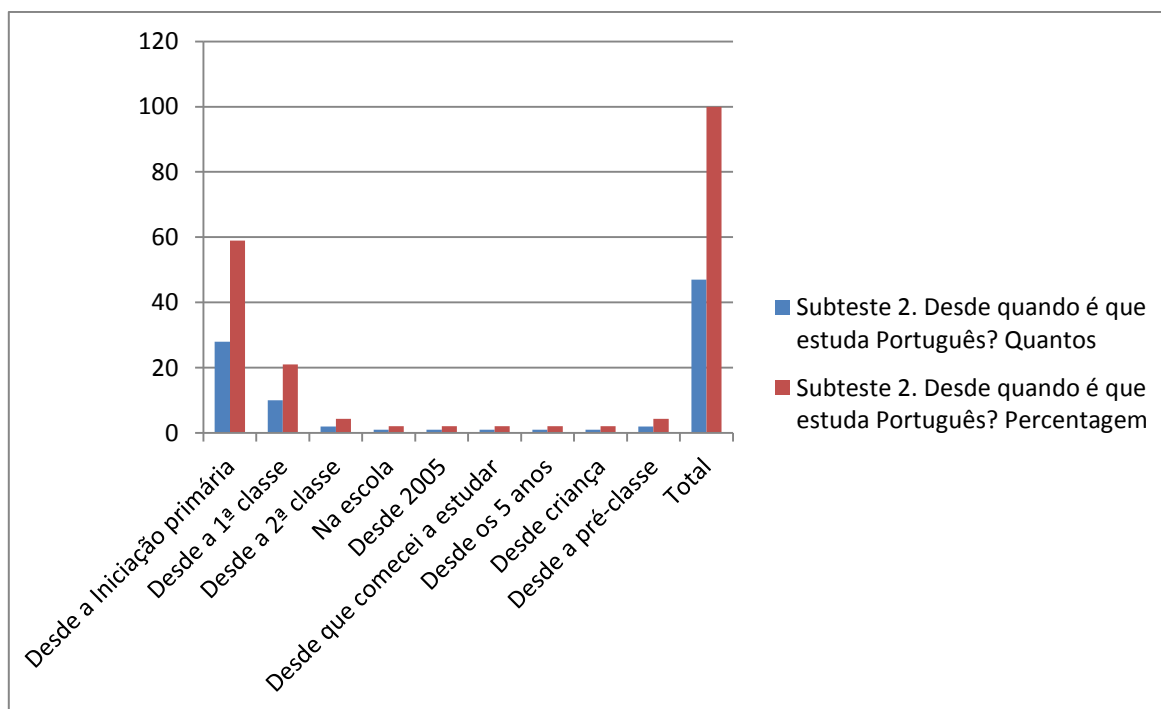
Gráfico 7



Resposta 8. Desde quando é que estuda Português?

Como responderam	Quantos	Porcentagem
Desde a Iniciação primária	28	59
Desde a 1ª classe	10	21
Desde a 2ª classe	2	4,4
Na escola	1	2,1
Desde 2005	1	2,1
Desde que comecei a estudar	1	2,1
Desde os 5 anos	1	2,1
Desde criança	1	2,1
Desde a pré-classe	2	4,4
Total	47	100

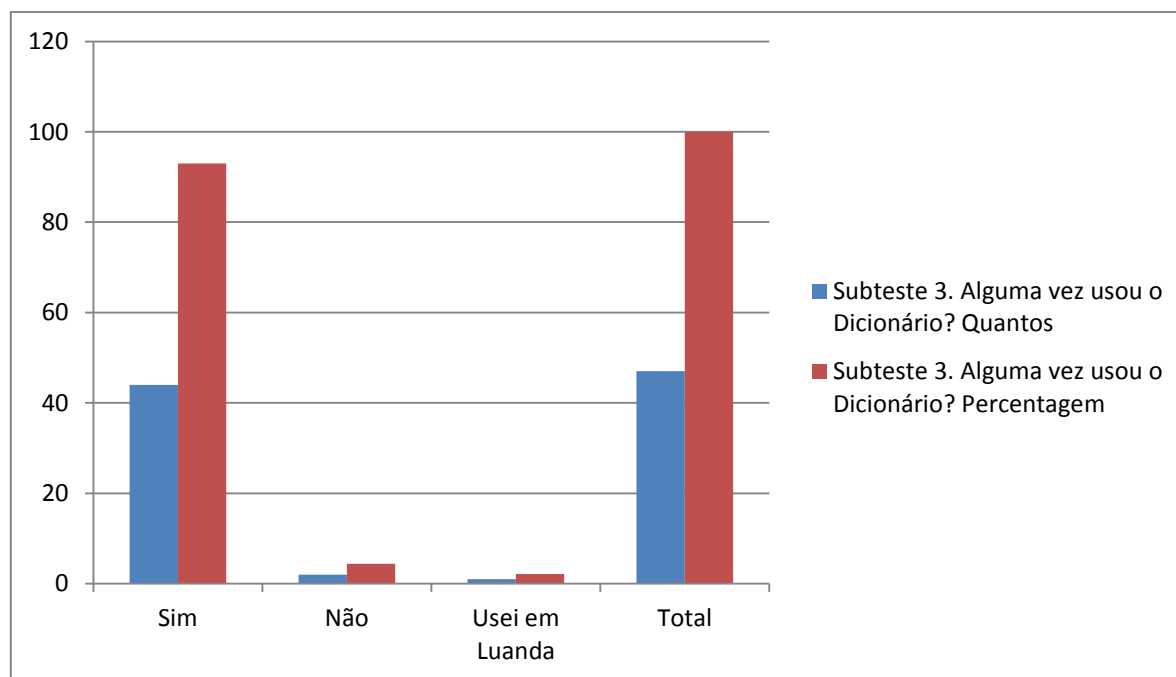
Gráfico 8



Resposta 9. Alguma vez usou o Dicionário?

Como responderam	Quantos	Percentagem
Sim	44	93
Não	2	4,4
Usei em Luanda	1	2,1
Total	47	100

Gráfico 9.

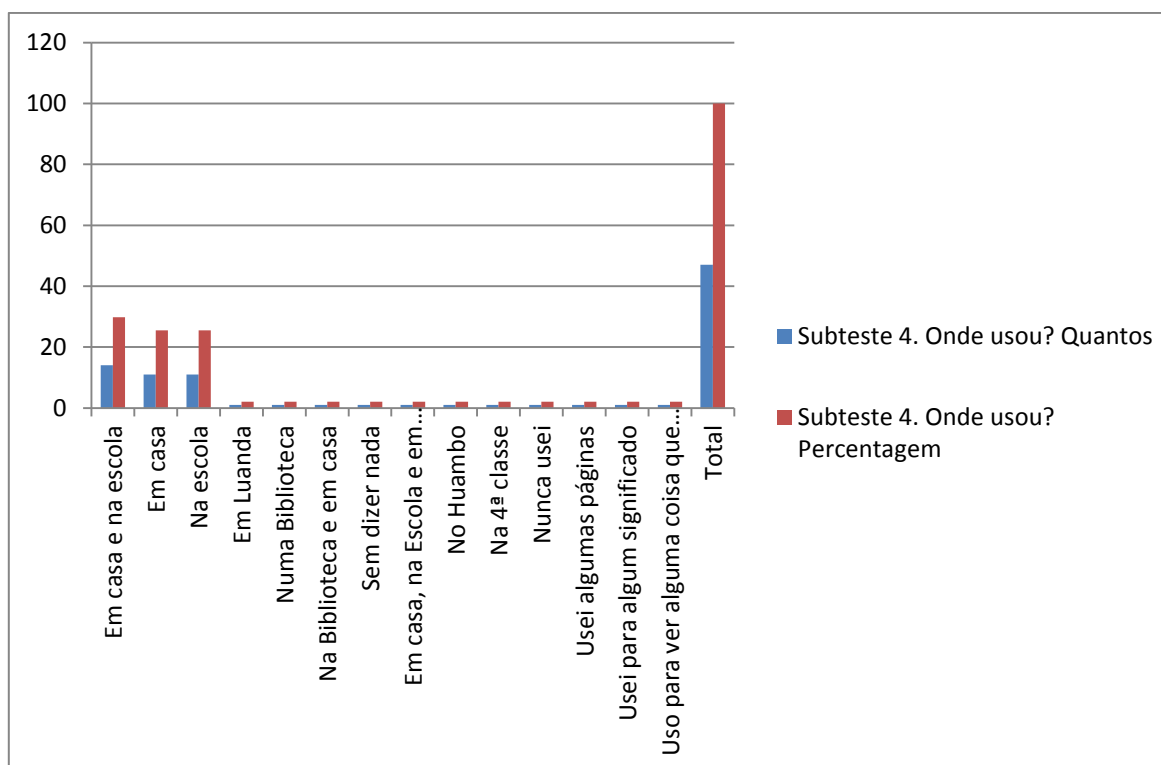


Resposta 10. Onde usou?

Como responderam	Quantos	Percentagem
Em casa e na escola	14	29,8
Em casa	11	25,5
Na escola	11	25,5
Em Luanda	1	2,1
Numa Biblioteca	1	2,1
Na Biblioteca e em casa	1	2,1
Sem dizer nada	1	2,1
Em casa, na Escola e nos tempos livres	1	2,1

No Huambo	1	2,1
Na 4ª classe	1	2,1
Nunca usei	1	2,1
Usei algumas páginas	1	2,1
Usei para algum significado	1	2,1
Uso para ver alguma coisa que não entendo	1	2,1
Total	47	100

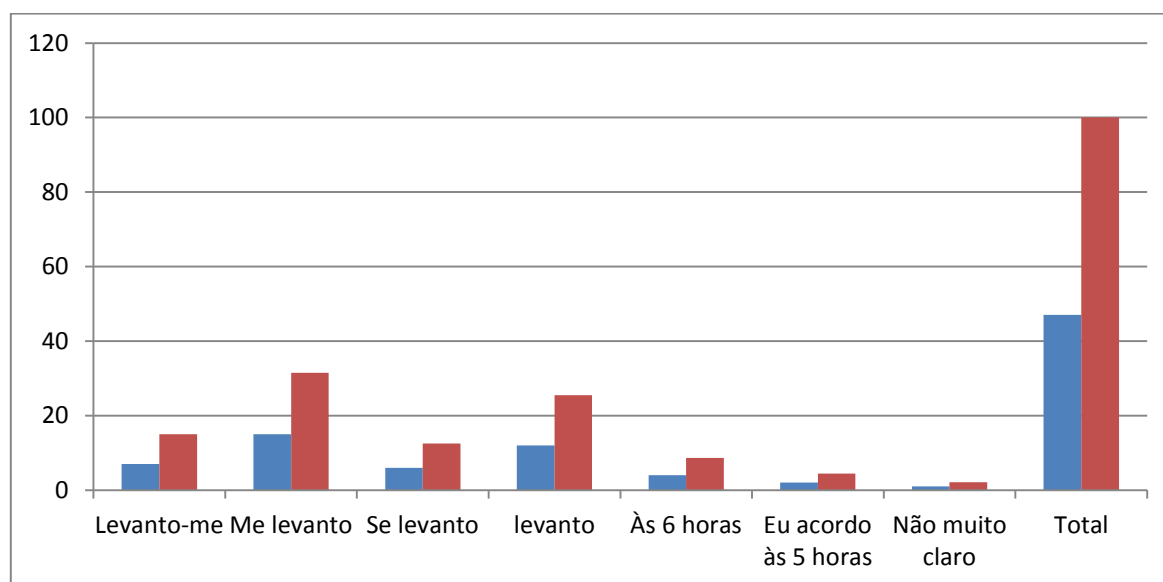
Gráfico 10.



Resposta 11. A que horas se levanta para ir para a Escola?

Como responderam	Quantos	Percentagem
Levanto-me	7	15
Me levanto	15	31,5
Se levanto	6	12,5
levanto	12	25,5
Às 6 horas	4	8,6
Eu acordo às 5 horas	2	4,4
Não muito claro	1	2,1
Total	47	100

Gráfico 11



É importante que as crianças de Angola, no final da sua escolaridade obrigatória, tenham consciência de que a Língua Portuguesa é uma realidade fascinante, de uma delicada complexidade, que é passível de ser observada, descrita, nos elementos que a constituem, e compreendida no modo regular e regulado como eles se combinam para nos permitir, no quotidiano, comunicar, agir sobre os outros, exprimir o que pensamos, inventar e criar (cf. DUARTE, I., 1992:82).

Algumas considerações conclusivas podem ajuda-nos a reflectir sobre os seguintes aspectos:

- 1- O esforço que o professor de Língua Portuguesa faz, seria mais profícuo, se tivesse no máximo três turmas.
- 2- As turmas não devem exceder 30 alunos ou, se possível, terem 20 alunos.
- 3- Uma inspecção escolar mais responsável de controlo das aulas é extremamente necessária para anotar os rendimentos de cada escola.
- 4- Com os programas uniformizados é necessário uma inspecção racionalizada; o ensino poderá ser mais uniformizado e os exames poderão ser gerais ou nacionais.
- 5- A criança não tem necessidade de fixar regras. Exemplificação abundante, partindo dos exemplos para a regra, do mais fácil para o mais difícil e sempre apoiado no(s) texto(s). Significa isto que o ensino da gramática pode ter uma feição prática.
- 6- A aplicação do método geral activo ou funcional, deve ser a prioridade, tendo por base a globalização e os centros de interesse da criança,

aplicando a conversação e observação directa, nos processos intuitivos e expositivos.

7. Os Seminários de reactualização dos docentes da Língua Portuguesa são a garantia segura para a adequação das metodologias.

Assim, “A Gramática não é um fim, mas um meio para o atingir. Finalidade, pelo contrário, é a de capacitar a criança e o adolescente a realizar com eficácia, em diversos níveis de desenvolvimento, a actividade de conhecer, de exprimir e de comunicar, que é a linguagem, permitindo e actuando, simultaneamente, a sua integração no mundo da cultura, o enriquecimento gradual do seu espírito e da sua capacidade de conhecer e de se afirmar como personalidade” CARVALHO, J.G.H. (1969:201).

Por último, podemos afirmar que o Dicionário deve ser utilizado como um instrumento da aprendizagem do léxico, contribuindo para o desenvolvimento da competência lexical do aluno.

Segundo GUIBERT, L. (cf. 1975), a competência lexical do indivíduo é definida do seguinte modo:

“Por oposição à competência lexical comum, a competência lexical do indivíduo, compreende para além do léxico comum, outros subconjuntos de palavras que o indivíduo usa em discurso, de acordo com as funções de comunicação e com as necessidades de expressão própria que, por vezes pode levar à criação de neologismos. Este conceito é caracterizado pela diversidade que existe entre indivíduos de um mesmo nível social, consoante a sua capacidade de memória, a idade e o grau de cultura”. XAVIER, F. e MATEUS, M.H. (2001: 89).

7. CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A presente tese surge como resultado de reflexões iniciadas durante a investigação efectuada no âmbito do Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa.

O facto de termos tomado consciência de que as crianças da Província do Huambo não dispunham de um dicionário que reflectisse a variante da Língua Portuguesa que utilizavam, começou a constituir preocupação para nós.

Esta constatação levou a interessar-nos pelos dicionários portugueses existentes e com maior disponibilidade nas livrarias locais e, conseqüentemente, os mais consultados pelo público na Província do Huambo.

Depois de termos analisado diferentes dicionários portugueses, observámos, como é óbvio, que as componentes sociocultural e socioeconómica da Província, não aparecem reflectidas nos mesmos.

Por isso, defendemos, à semelhança de alguns lexicógrafos de Angola, que é necessário elaborar um *Dicionário Bilingue de Aprendizagem Português-Umbundu*, mas partindo do Português de Angola e não do Português Europeu, com o objectivo de servir os utentes (crianças e adultos), em situação bilingue.

A análise lexicológica pretendeu demonstrar que, em virtude das relativas situações na componente linguística em estudo, há necessidade de se elaborar um dicionário que seja um reflexo da actual realidade do Huambo, relativamente à Língua Portuguesa, em contexto angolano.

Obviamente, a elaboração de um *Dicionário Bilingue de Aprendizagem* não vai eliminar os fracassos da expressão corrente na Província.

Porém, iniciar é importante para imprimir novas dinâmicas a partir do que já foi iniciado, porque os pequenos actos que se executam são melhores do que os grandes que apenas se planificam.

Assim, apresentamos uma proposta de um **modelo de Dicionário Bilingue de Aprendizagem** com características pedagógicas específicas.

Como deverá ser o modelo desse dicionário?

Deverá conduzir a metodologias imediatas de ensino e de aprendizagem, apresentando um léxico que motive as crianças.

O dicionário deve conter exemplos e estar associado a um Corpus textual, constituído por vários tipos de textos em Língua Portuguesa, produzidos em Angola).

Deverá apresentar unidades lexicais portadoras de elementos lexicoculturais, partindo de aspectos tanto sociolinguísticos, como socioculturais que se reflectem na Língua Portuguesa falada no Huambo.

O Umbundu, a língua falada pela maioria dos pais das crianças, serve apenas de preservação cultural. O dicionário pode conter equivalentes nessa língua e, eventualmente, alguns textos.

Professores e alunos devem ter uma noção dos sistemas lexicais e fonomorfo sintácticos das duas línguas.

Concluindo, apresentamos algumas considerações:

1- Julgamos importante que na formação dos docentes de Língua Portuguesa existam disciplinas como a Linguística Portuguesa, a Linguística Bantu e a Linguística Comparada.

2- É fundamental que na formação do professor existam também disciplinas como a Lexicologia e a Lexicografia, numa vertente de aplicação ao Ensino da língua materna, da língua segunda e da língua estrangeira.

3- Que os programas de Língua Portuguesa apresentem um espaço importante dedicado ao léxico e à lexicultura.

4- Que os Dicionários sejam material didáctico obrigatório no processo de ensino/aprendizagem do léxico, quer numa perspectiva de língua materna ou segunda, quer numa perspectiva de língua estrangeira.

5- A *Lexicologia* e a *Lexicografia* (*monolingue, bilingue e plurilingue*) podem dar uma contribuição à observação das especificidades da Língua Portuguesa, em contexto angolano, à descrição e fixação das Línguas Bantu, em geral, e da Língua Umbundu, em particular.

Sugestões para o desenvolvimento desta investigação

É necessário lembrar as entidades de direito, sobre as eventuais falhas na consecução dos objectivos a atingir no sistema escolar, muito em especial relativamente ao nível do ensino da Língua Portuguesa (língua materna ou língua segunda).

O nível etário pode ser uma das variantes para as metas do processo de ensino-aprendizagem:

“Como é natural, o nível de sofisticação e de explicitação a que se chega nas generalizações dependerá crucialmente do nível etário e de ensino de cada turma”. DUARTE, I. (1992:176)

As conclusões resultantes das investigações que levamos a cabo, na Província do Huambo, com o fim de melhorar a expressão da Língua Portuguesa, corroboram algumas recomendações feitas nas pesquisas de Mestrado que passamos a apresentar:

- 1- Que sejam encorajadas as reformas do sistema escolar, em Angola.
- 2- Que os docentes da Língua Portuguesa tenham uma formação em Linguística Portuguesa, Linguística Bantu e Linguística Comparada e participem em seminários periódicos de actualização.
- 3- Que as instituições de ensino façam com rigor a afectação dos docentes às cadeiras da especialidade, nomeadamente da Língua Portuguesa.
- 4- Que o Programa da Língua Portuguesa seja único em todo País: o programa uniformizado ajudaria a efectuar uma avaliação mais rigorosa.
- 5- Uma avaliação/inspecção escolar mais responsável de controlo das aulas é extremamente necessária para avaliar o rendimento de cada escola.
- 6- Que se criem estruturas de ligação entre a Cultura e a Educação, como a música, o teatro, a recitação de poesia, de cânticos e jogos, pois isso ajuda as crianças a aperfeiçoar e desenvolver o léxico, em particular, e muito em especial

a Língua Portuguesa. Alguns programas televisivos educacionais podem contribuir para desenvolver a competência expressiva das crianças. Que haja incentivos e prémios para as crianças que melhor se expressem em Língua Portuguesa.

7- Que o Ministério da Educação promova material didáctico adaptado aos níveis etários e de aprendizagem das crianças.

8. BIBLIOGRAFIA

8.1. BIBLIOGRAFIA GERAL

ADAM, Jean Michel (1999) *Linguistique Textuelle. Des genres de discours aux textes*. Paris, Nathan.

AIJMER, K. & ALTEENBERG, B. (1991) *English Corpus Linguistics*. London, Longman.

ALBURQUERQUE, Carlos Manuel (2011) *Bom Português*; RTP, Porto Editora.

ALMEIDA, António. (2002) *Qualidade no Software*, Universidade Aberta, Lisboa.

ALVES, I. M. (1998) “Neologia e Tecnoletos” in *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, Universidade de São Paulo, Editora UFMS.

ALVES, Ieda Maria, (2002) *Neologismo. Criação lexical*, São Paulo Editora Afiliada.

ALVES, Ieda Maria (2010) “A neologia do Português brasileiro de 1990 a 2009”, in *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, São Paulo, Editora Paulistana.

ALVES, Ieda Maria (Org.), (2010), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, São Paulo, Editora Paulistana.

ANÇÃ, Maria Helena (2002) “A Língua Portuguesa em África”, *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 2, AULP, Lisboa, p. 14-24.

ANSCOMBRE, J. C. et al. (2005) *Análise do Discurso*, CLUNL e Hugin Editores, Lda.

ANTAKI, C. and NAJI, S. (1987) “Events explained in conversational "because" statements”, *British Journal of Social Psychology* 26: 119-126.

ATKINS, B.T.S. & RUNDELL, Michel (2008) *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. Oxford, Oxford University Press.

AZEVEDO, A. (1953) *Revista de Ensino*, Luanda – Angola.

AZEVEDO, F. J. F. (2010) *Metodologia da Língua Portuguesa*, Porto, Coleção Universidade, Plural Editores. Lda.

BAKER, P. (2006) *A Glossary of Corpus Linguistics*. Burgh University Press.

BALLY, Charles (1865-1947) *The Grammar of Inalienability*, Berlim, Mouton de Gruyter

- BALLY, Charles (1996) *The Grammar of Inalienability*, New York, Mouton de Gruyter.
- BARBOT, Marie-José (2000) *Didactique des Langues Étrangères. Les auto-apprentissages*, Paris, CLE International.
- BEALE, A. (1987) *Towards a Distributional Lexicon*. In Garside R. London: Longman.
- BÉJOINT, Henri e THOIRON, Philippe (1996) *Les Dictionnaires Bilingues*, Bruxelles, Editions Duculot.
- BENAVENTE, Ana (1996) *A Literacia em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- BENVINDO, Adriano Fernando (2008) *A avaliação oral e escrita. Uma contribuição para o aperfeiçoamento da Língua Portuguesa nas crianças do Município do Huambo*. Dissertação de Mestrado, ISCED – Luanda.
- BIBER, Douglas Conrad (1993) “Representativeness in Corpus Design”, in *Literary and Linguistic Computing* 8, 4: 243-57.
- BIBER, Douglas Conrad & RAPPEN, R. (1998) *Corpus Linguistics, Investigating Language Structure and Use*, Cambridge, CUP.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. (1996) “Os dicionários que deveríamos ter”, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (vol.II) (org.) Isabel Hub Faria e M. Margarita Correia. Lisboa, Colibri, pp.55-61.
- BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel (1827) *Representing Bushmen*, South Africa.
- BLEEK, Wilhelm Heinrich Immanuel (1827) *The Origin of Language*, University of Rochester Press, USA.
- BLOOM, L. (1970) *Language Development, Form and Function in Emerging Grammars*. Cambridge, MA: Mit Press.
- BLOOMFIELD, Leonard (1930) *Structural Linguistics*, USA.
- BLUTEAU, Rafael, C.R. (1712-1728) *Vocabulário Português e Latino*. Biblioteca Nacional de Portugal.
- BOAS, F. (1940) *Race, Language and Culture*, New York, Macmillan.
- Boletim das Comunidades Europeias (1989, Nº2, 22º Ano), Comissão, Bruxelas.

- BONGERS, H. (1947) *The History and Principles of Vocabulary Control*, Worden, Wocopi.
- BRONCKART, Jean Paul (1996) "Langue, Action Work and Education", in *Diálogos hispánicos*.
- BROWN, R. (1973) *A First Language, The Early Stages*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- BRUNET, Étienne (2011) *Hyperbase*, Centre National de Recherche Scientifique, Nice.
- BULLOKAR, John (1623) *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press.
- CABRÉ, Maria Teresa (1999) *Terminology. Theory, Methods and applications*, Amsterdam, New York. John Benjamin,
- CABRÉ, M. T., FREIXA, J. & SOLÉ, E. (ed.) (2002) *Léxici neologia, Observatori de Neologia*, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Campos (1997). *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora
- CARVALHO, José G. Herculano. (1969) *Estudos Linguísticos*. Coimbra, Atlântida Editora, S. A. R. L.
- CAWDREY, Robert (1604) *The Table Alphabeticall*. Oxford University Press.
- CHAURAND, Jaque (1988) *La Définition*, CELEX (Centre d'Études du Lexique), Paris.
- CHICUNA, Alexandre Mavungu (2009) *Tratamento lexicográfico dos portuguesismos em Kiyombe*, Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Universidade Nova de Lisboa – FCSH, Lisboa.
- CHICUNA, Alexandre Mavungu (2015) *Portuguesismos nas Línguas Bantu. Para um dicionário Português-Kiyombe*, Lisboa, Colibri, 2014 - 1ª edição, 2015 – 2ª edição.
- CHOMSKY, Noam (1994) *O conhecimento da Língua, Sua Natureza Origem e Uso*, Tradução de Maria Delgado Martins e Inês Duarte. Caminho, Coleção Universitária.
- CLARK, E. (2003) *First Language Acquisition*. Cambridge University Press.
- COCKERAM, Henry (1623) *Oxford Dictionary of national Geography*. Oxford University Press, Renovado em 21 de Dezembro de 2008.

COELHO, Sebastião (2002) “Angola – Língua oficial e línguas nacionais”, *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, 2, AULP, Lisboa, p. 25-40.

COLE, Desmond Thorne (1961) *Doke's Classification of Bantu Languages*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

COLE, Desmond Thorne (1961) *Contributions to the History of Bantu Linguistics*, pp 80-96, in Clement M. Doke & Desmond T. Cole.

COLLIGNON, Lucien and GLATIGNY, Michel (1978) *Les Dictionnaires: Initiation à la Lexicographie*, Paris, CEDIC.

CONCEIÇÃO, Manuel Célio da (2001) “L'accès à la Terminologie en ligne”, in *Cimeira da Associação Europeia de Terminologia*, Bruxelas.

CONTENTE, Madalena (2004) *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Universidade Nova de Lisboa - FCSH

CONTENTE, Madalena e LINO, Teresa “Neologia Terminológica: evolução conceptual e semântica”, in TEIXEIRA E SILVA, Roberval; YAN, Qiarong; ESPADINHA, Maria Antónia; LEAL, Ana Varani. (eds.) *III SIMELP: A formação de novas gerações de falantes de português no mundo. Actas do III SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, China, Macau: Universidade de Macau, 30 de Agosto a 2 de Setembro 2011, CD-ROM, ISBN: [978-99965-1-035-9](https://doi.org/10.1007/978-99965-1-035-9).

CORREIA, C. N. e Coutinho, Maria Antónia (2008) *Estudos Linguísticos*, Lisboa - Edições Colibri.

CORREIA, Margarita (Org.) (2001), *Terminologia desenvolvimento e Identidade Nacional*, VI *Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*, Lisboa, Edições Colibri.

CORREIA, Margarita e MINEIRO, Ana, (2004), “Neologia de importação no português europeu: desafios e medidas a tomar”, *In Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp. 33-54.

CORREIA, M. e LEMOS, L. San P. de (2005) *Inovação Lexical em Português*, Lisboa, Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2005.

COSTA, António Fernandes (2006), *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola* – para uma Análise Diferencial, Universidade Católica de Angola.

COSTA, Rute (2011), *A Definição em Terminologia*, CLUNL, Universidade Nova de Lisboa, Jornada Internacional, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (não publicado).

COSTA, Teresa Manuela Camacha José da (2013) *Os Empréstimos Lexicais no Português Falado em Angola – Um estudo lexicológico da variante angolana*, Luanda, editora Gravico.

COSTA, Teresa Manuela Camacha José da (2015) *Umbundismos no Português de Angola. Proposta de um Dicionário de Umbundismos*, Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Universidade Nova de Lisboa – FCSH, Lisboa.

COUTO, Jorge. (2001) “Língua Portuguesa, Perspectivas para o Século XXI”, *Revista do Instituto Camões*, Lisboa.

CRESSOT, Marcel (1947) *O Estilo e as Suas Técnicas*. Lisboa, Edições 70.

CRYSTAL, David (1985) *Some Early Problems with Verbs: Child Language Teaching and Therapy* 1, 46-53.

CUNHA, Celso. e L. Cintra (2003) *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

CYR, Paul e GERMAIN, Claude (1998) *Didactique de Langues Étrangères; Les Stratégies d'apprentissage*, Paris, CLE International.

DAY, R. R. (1993) *New Ways in Teaching Reading*. Virginia – USA.

DELGADO-Martins, M.R. e Outros (1992) *Para a Didáctica do Português seis Estudos de Linguística*. Lisboa, Edições Colibri.

DUARTE, Inês. (2003) *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta.

EATON, Helen (1940) *Semantic Frequency List for English, French, German and Spanish*. Chicago. Chicago University.

ELYOT, Thomas (1538) “Sir Thomas Elyot makes a Dictionary”, *International Journal of Lexicography*, Oxford Journals.

EPUKA, José Bongo (2011) *O Valor Semântico dos Prefixos Nominais em Umbundu*. Tese de Licenciatura, ISCED – Luanda.

ESTRELA, Edite. & Outros (2013) *Saber Escrever, Saber Falar, 13ª edição*; D. Quixote.

Estudos Linguísticos 1. (2008) CLUNL-Edições Colibri, Lisboa.

Estudos Linguísticos 2. (2008) CLUNL-Edições Colibri, Lisboa.

Estudos Linguísticos 5. (2010) CLUNL-Edições Colibri, Lisboa.

ETIENNE Brunet (2011) *Hyperbase*, Versão 9.0, CNRS, Universidade de Nice, URL 9 do INaLF.

FARIA, Isabel Hub & Outros (1996) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, Coleção Universitária.

FERNANDES, João & NTONDO, Zavoni (2002) *Angola, Povos e Línguas*. Luanda, Editorial Nzila.

FERRAZ, Maria José (2006) *Ensino da Língua Materna*. Lisboa: Editorial Caminho.

FIÉIS, Alexandra (2011) *Metodologia de Investigação em Linguística*, CLUNL, FCSH-UNL, Lisboa.

FONSECA, Eduardo (2006) *Didáctica da Língua Portuguesa I. Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa*. Universidade Agostinho Neto

FONSECA, Fernanda Irene (1994) *Pedagogia da Escrita. Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

FONSECA, Fernanda Irene (1994) *Gramática e Pragmática. Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora.

FREEMAN, Diane Larsen (2008) *Techniques and Principles in language teaching. Second Edition*. Oxford: University Press.

FREY, Claude (1996) *Le Français au Burundi. Lexicologie et Culture*, Universités Francophones.

FRIES, Charles C. (1940) *Linguistics and Corpus Linguistics*. New York.

FRIES, Charles C. (1940) "Development of the Structure Use of Word-order" in *Modern English Language*, 16(3) 199-208.

GALISSON, Robert (1979) *Lexicologie et enseignement des langues*, Paris, Hachette.

GALISSON, Robert (1984) "Pour un dictionnaire des mots de la culture", *Le Français dans le monde*, n.º 188, Paris, Hachette.

GALISSON, Robert (1987) "De la lexicographie de dépannage à la lexicographie d'apprentissage". *Cahiers de lexicologie*, n.º 51-2. Paris, Didier, pp. 51-52.

GALISSON, Robert (1988). "Culture et lexiculture partagées: les mots comme lieux d'observation des faits culturels". *Études de Linguistique Appliquée*, n.º 69, Paris: Didier Erudition, pp. 74-90.

GALISSON, Robert (1989) "La culture partagée: une monnaie d'échanges culturelles". *Le Français dans le monde, Lexiques* n.º Spécial (coord. Amr Helmy Ibrahim). Paris, Hachette, pp. 113-117.

GALISSON, Robert (1991) *De la langue à la culture par les mots*. Paris: Clé International.

GALISSON, Robert (1993) "Les palimpsestes verbaux: des révélateurs culturels remarquables mais peu remarqués". *Repères*, n.º 8, *Pour une didactique des activités lexicales à l'école*. Paris, INRP, pp. 41-62.

GALISSON, Robert (1997) "Une dictionnaire à géométrie variable au service de la lexiculture", *Cahiers de Lexicologie*, n.º 70. Paris: Didier Erudition, pp.57-77.

GARCIA, Maria de Lurdes (2003) *Semantismo referencial e processos terminogénicos na terminologia da Senologia*, Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Universidade Nova de Lisboa -FCS

GARNHAM, A. (1981a) *Mental Models as Representations of Discourse and Text*. University of Sussex.

GEOFFREY, Leech (1992) « Computer Corpora- What do they tell us about Culture? » , *ICAME Journal* 16.

GOMES, Francisco Álvaro (2000) *HEÚRESIS, Por uma Genealogia/Arqueologia das Ciências da Educação*, Lisboa, Didáctica Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2003) *A Aula*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2004) *A Escola*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2004) *A Força da Palavra*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2005) *Escrever, é lavrar, é semear, é tecer*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2006) *Ortografia Para Todos. Para ensinar a escrever sem erros*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2007) *Gramática Pedagógica e Cultural da Língua Portuguesa. 3º Ciclo do ensino básico e ensino secundário*. Porto, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2007) *Escrever sem erros. Dos 9 aos 15 anos*. Porto:, Porto Editora.

GOMES, Francisco Álvaro (2008) *O Acordo Ortográfico*. Porto, Porto Editora. Edições Flumen.

GONÇALVES, Sónia (2003-2008) *Dicionário de Especialidade: A Fraseologia Denominativa*. Universidade Nova de Lisboa - FCSH.

GOUGENHEIM, Georges (1956) *L'Élaboration du Français Élémentaire*. Paris, Didier.

GREENBERG, Joseph (1963) "Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements". In *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press.

GRICE, H. P. (1978) *Further Notes on Logic an Conversation*, Academic Press.

GRIMM, Wilhelm Carl e GRIMM, Jacob Ludwig Carl (1852) *Literature Collection*. Berlim.

GUESPIN, François Gaudin Louis (2000) *Initiation à la lexicologie française, De la néologie aux dictionnaires*. Bruxelles, Champs Linguistiques, Duculot.

GUILBERT, Louis (1975) *La Créativité Lexicale*. Paris: Larousse.

GUTRIE, Malcom (1948) *The Classification of the Bantu Languages*. Oxford: Oxford University Press for the International African Institute.

HALLIDAY, M. et al (2004) *Lexicology and Corpus Linguistics*. London: Continuum.

HALLIDAY, M. A.K. and YALLOP, Colin (2007) *Lexicology. A Short Introduction*. London: Continuum.

HARRIS, Randy(1951) *Methods in Structural Linguistics*. Chicago: Unibersity Chicago Press.

HOCKETT, C. (1948) "A Note on Structure", *American Linguistics International Journal* 14: 269-71.

HOCKEY, S. (1980) *A Guide to Computer Applications in the Humanities*. London Duckworth.

HOFLAND, Knut & JOHANSSON, Stig (1982) *Word Frequencies in British and American English*. Bergen: Norwegian Computing Centre for the Humanities. London: Longman.

HOLMS, J & PRIDE, J. B. (1972) *Sociolinguistics*. London: Penguin.

HOLMES, J. (1994) *Inferring Language Change from Computer Corpora: Some methodological problems*. ICAME Journal 18: 27-40.

HUNSTON, S. (2002) *Corpora in Applied Linguistics*. Cambridge. Cambridge University Press.

INGRAM David (1978) *Sensori-motor Development and Language Acquisition*. In Lock A. London: Academic Press.

INSTITUTO de Línguas Nacionais Angolanas, *Diário da República, Série nº 41. Conselho de Ministros, Resolução nº3* de 23 de Maio de 1987.

JACOB, Ludwig Carl Grim (1852) *Literature Collection*. Berlim. (Atualizado em 2 de Maio de 2011).

JOHANSSON, S. (1991) *Times Change and so do Corpora*. London: Longman.

JOHN, Kirk (2002) *Discourse Structure*. Amsterdam: Rodopi.

JOHNSON, Samuel (1755) *A Dictionary of the English Language*. Great Britain.

JOHNSTON, Harry H. (1919) "A Comparative Study of the Bantu and Semi-Bantu Languages", *The Geographical Journal*, Oxford University Press.

KADING, J. (1879) *Häufigkeitswörterbuch der Detschen Aprache*. Steghitz: Privetely published.

KAJIBANGA, Vítor (2003) "Sociedades étnicas e espaços socioculturais". Comunicação apresentada no *Colóquio científico, Angola 25 anos de Independência; Balanço e Perspectivas*, Moscovo, Casa Editorial Lean.

KENNEDY, G. (1992) *Corpus Linguistics*. Chicago, University of Chicago.

KENNETH, Goodman (1990) *El Language Integral. Un caminho facil para el desrrollo del language*.

- KERSEY, John (1702) *A New English Dictionary*, London. Lectura y vida.
- KI-Zerbo (2002) *Histoire de l'Afrique Noire*. Paris, Hatier.
- KUKANDA, Vatomene (1988) *Introdução à Sociolinguística*. Lubango: UAN/ISCED. Centro de Documentação e Informação.
- LABOV (1969) *The Logic of Non-Standard English*. Georgetown Monographs on Language and Linguistics 22.
- LATIN, Danièle (2000) *Dictionnaire Francophone*. CILL 26/1-4, 225-242.
- LAURINDO, Martins (2015) *Abordagem do Léxico Toponímico Municipal do Cuito da Província do Bié : Caso de Bairros, Comunas, Embalas e Aldeias*. Tese de Mestrado, FCSH-Universidade Nova de Lisboa.
- LAUSBERG, Heinrich (1981) *Linguística Românica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEECH, G. (1992) *Corpora and Theories of Linguistic Performance*. Berlim, Mouton de Gruyter.
- LEECH, G. (1993) "Corpus Annotation Schemes", *Literary and Linguistic Computing* 8, 4: 275-81.
- LEVIN, Beth & HOVAV, M. Rappaport (1995) *Unacusativity at the Syntax-Lexical Semantics Interface*. MIT Press, Cambridge, MA.
- LEVINSON (1987) *Politeness, Some Universals in Language Usage*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LIDDELL, Henry George (1843) *Greek-English lexicon*. Oxford.
- LIGHTFOOT, David (2010) *Language Acquisition and Language Change: "Interrelationship"*. Georgetown University.
- LIGNE, Arthur e CRUZ, Carmo (1971) *Elementos Monográficos sobre o Distrito do Huambo*. Nova Lisboa: Edições Publicidade.
- LINO, MariaTeresa Rijo da Fonseca (1979) "Importância de uma Lexicologia Contrastiva", *Letras Solitas 1*, FCSH, Lisboa.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (1989) “A Língua Portuguesa. Língua das Ciências e das Técnicas”, *Actas do Colóquio Internacional da Língua Portuguesa, Que Futuro ?, Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa*, Lisboa.

LINO, MariaTetresa Rijo da Fonseca (1994) “Bases de données textuelles et terminographiques”, *Revue Meta - Hommage à Bernard Quemada*, Montréal.

LINO, Maria Tetresa Rijo da Fonseca (2001) “De la Néologie à la Lexicographie de Spécialité d’Apprentissage”, *Cahiers de Lexicologie*, nº 78, Paris, Champion, pp.139-145.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (2003) (coordenação) *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré-Champion.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca et alii (2007) « Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa em situação de contacto de línguas», *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Praia, Cabo Verde.

LINO, T., CHICUNA, A., GRÔZ, A. P., MEDINA, D. (2010) “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas”, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12 (2) Universidade de S. Paulo, p.

LITTELL, M. (1989) *Reading Literature*, Gold Level, USA.

LUSAKALALU, Pedro (2005) *Línguas e Unidades Glossonímicas*. Coleção Ensaio/Língua e Cultura, Nzila: Luanda.

MAILLOT, Jean. (1975) *Tradução Científica*. Tradução de Paulo Ronai. Editora McGRAW-HILL do Brasil., Lda. & Editora da Universidade de Brasília.

MARCELLO, Nizia C. (1999) *Le Français en Diachronie: Douze siècles d'Evolution*. Gap: Ophrs.

MARQUES, Maria Emília Ricardo, cord. (1979) *Letras Soltas*, FCSH-Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.

MARQUES, Maria Emília Ricardo (2001) *Introdução aos Estudos Linguísticos*, Universidade Aberta, Lisboa.

MARQUES, Maria Emília Ricardo (2003) *Português Língua Segunda*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARTINS, Ana Maria (1994) *Clíticos na História do Português*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

MARTINS, Ana Maria (2002) *Mudança Sintáctica e História do Português*. Universidade do Minho.

MARTINS, M.R.D. et al. (1996) *Formar Professores de Português*, Colibri, Lisboa.

MATORÉ, Georges (1968) *Histoire des Dictionnaires français*. Domaine français: Paris.

MATORÉ, Georges (1973) *La Méthode en Lexicologie*. Domaine français: Paris.

MATEUS, Maria Helena Mira e A. Villalva (2006) *O Essencial sobre a Linguística*, Lisboa, Editorial Caminho.

McCARTHY, D. (1930) *The Language Development of the Preschool Child*. Mineapolis, University of Minnesota Press.

McENERY, Tony & WILSON, Andrew (1996) *Corpus Linguistics*. London: Longman; (1997) *Corpus Linguistics*. Edinburgh, Edinburgh University Press.

MEEUSSEN, Achille E. (1967) "Bantu Grammatical Reconstructions", *Africana Linguística* 3: 79-121.

MEINHOF, Carl (1906) *Grundzuige einer vergleichenden Grammatik der Bantussprachen*. Berlin, Reimer.

MENDES, Irene (2009) *Da Neologia ao Dicionário. O caso do Português de Moçambique*, Tese de Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Universidade Nova de Lisboa - FCSH.

MINDT (1991) *Meanigs of Lexical Items*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

MINGAS, Amélia A. (2000) *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Chá de Caxinde, Luanda.

MINGAS, Amélia A. (2002) "Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano", in MATEUS, Maria Helena Mira, (Coord.), *Uma Política de Língua para o Português*, (Colóquio Julho 1998), Lisboa, Colibri.,

MINGAS, Amélia. (2002) "Português, Língua Vernácula de Angola", in *Cadernos*, CPLP - Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP), Lisboa, pp. 69-73.

MINGAS, Amélia A. (org) (2004) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 73 -77.

MBUNGU, L. (1996). *French Influence on the Zairian Secondary School. Pupils' English: A Case Study*. Bas-Zaire.

MUDIAMBO, Quibongue (2014) *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*, Lisboa, Colibri.

MURRAY, Christopher John (2013) *Enciclopedia of Modern French Thought*. London, Routledge.

MORRISON, Sally (2004) *Second Language Teaching Methodologies*. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics.

MOUNIN, Georges (1970) *História da Linguística, das Origens ao Século XX*. Coleção Humaitas, Porto: Edições Despertar.

MURTA, José Guerreiro (1931) *Educação Científica*. Livraria Sá da Costa. Lisboa.

MYERS, Scotton (1991) *Comparing Codeswitching and Borrowing*. Eastman, Oxford University Press.

NGUNGA, Armindo. (2004) *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo, Imprensa Universitária.

NIDA, Eugene A. (1957) *Learning a Foreign Language. A Handbook prepared Especially for Missionaries*. Michigan – USA.

NTONDO, Zavoni (2008) *Morfologia e Sintaxe da Língua Ngangela*. Luanda, Nzila.

NTONDO, Zavoni (2014) *Importância dos Topónimos na Cultura Angolana*. Entrevista do Portal "Muelo Weto", Literatura, Linguística e Cultura Africana.

OBENGA, Théophile (1985) *Sémantique et Étymologie Comparées: Le cas de l'agriculture*. In: *Muntu* 2, 1: 35-68.

OAKES & McENERY, Tony (1996) *Corpus Linguistics*. London: Longman, Edinburgh.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires & Isquardo, Aparecida Negri (1998) *As Ciências do Léxico, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Editora UFMS.

OLIVEIRA, Isabelle de (2009) *Nature et fonctions de la métaphore en science*. Paris, L'Harmatan.

PALMER, H. (1933) *Second Interim Report on English Collocations*. Tokyo: Institute for Research in English Teaching.

PASSEL, Frans Van (1973) *Ensino de Línguas para Adultos*. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo.

PEITSARA, K. (1988) *Existential Sentences in the Dialect of Suffolk*. in Rissanen, Kytö.

PEITSARA, K. (1993) *On the Development of the by-agent in English*, in Rissanen, Kytö and Palander-Collin 1993, pp 217-33.

PEREIRA, Zaida (2003) “Pressupostos teóricos e metodológicos no tratamento lexicográfico dos falsos amigos (Português-Francês)”, Doutoramento em Linguística, especialidade: Lexicologia, Universidade do Algarve

PINKER, Steven (1994) *The Language Instinct*. USA.

PINTO, R. (2007) *Educação. Meios e Educação*. Porto: Porto Editora.

PIRES, Maria Laura Bettencourt et al. (1995) *Novas Metodologias no Ensino do Inglês*, Universidade Aberta, Lisboa.

PONTES, António Luciano (2009) *Dicionário para uso escolar, o que é, como se lê*, Editora da Universidade Estadual do Ceará-EdUECE.

PREYER, William (1889) *The mind of the Child*. New York: Mouton.

PROSE, Augustan (1980) *The Sample Compiled by Louis Milié*. Cleveland State University.

PRUVOST, Jean (1999) *Lexique et vocabulaire : une dynamique d'apprentissage*, ÉLA – Etudes de Linguistique Appliquée, 116, p. 395-420; 1999.

PRUVOST, J. (2000) *Dictionnaires et nouvelles technologies*, PUF, Paris.

PRUVOST, Jean (2005) *Dictionnaires et innovation*, ÉLA – Etudes de Linguistique Appliquée, 137.

PRUVOST, J. (dir.) (2001) *Les dictionnaires de langue française*. Dictionnaires d'apprentissage, dictionnaires spécialisés et dictionnaires de spécialité. Paris, Champion.

PRUVOST, Jean et SABLAYROLLES, Jean-François (2003) *Les Néologismes*, Paris, PUF.

QUEMADA, Bernard (1981) “Les noms des mots ou des noms pour les mots. A propos

de la terminologie lexicographique”, in *Linguistica Computazionale*, vol.IV-V. Pisa.

QUEMADA, Bernard (1990) “Les données dictionnaires et l’ordinateur”, *Cahiers de Lexicologie* 56-57. Paris.

QUEMADA, Bernard (1990) “La lexicographie”, in *Lexikon Romanistischen Linguistik*, vol. V, 1, Verlag, Tübingen.

QUIRK, R. (1960) *Towards a description of English Usage*. London: Longman.

QUIVUNA, Manuel (2014) *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*, Lisboa, Edições Colibri.

RAPOSO, Nicolau Vasconcelos & Outros (1998) *Dificuldades de Desenvolvimento e Aprendizagem*, Universidade Aberta, Lisboa.

REI, J. Esteves (2003) *Redacção, Texto I*. Porto: Porto Editora.

REI, J. Esteves (2003) *Redacção, Texto II*. Porto: Porto Editora.

REIS, Carlos & Adragão, J. V. (1992) *Didáctica do Português*, Universidade Aberta, Lisboa.

REIS, Vitorino (2006) *Sociolinguística, Dinâmica funcional vs Problemas funcionais da Língua*, Luanda, Editorial Nzila.

Revista Internacional da Língua Portuguesa, (2002) 2, AULP, Lisboa.

REY, Alain (1979) *La Terminologie , Que sais-je?*. Collection Encyclopédique: Paris.

REY, Alain (1976) «Néologisme: Un pseudo-concept? », *Cahiers de Lexicologie*, n.º 28, p.3-17.

REY-Debove, J. (1998) *La Linguistique du signe, une approche sémiotique du langage*. Paris: Colin.

REY-Debove, J. (2001). “De quelques utopies lexicographiques concernant l’apprentissage du français”. *Les Dictionnaires de langue Française. Dictionnaires d’apprentissage. Dictionnaires spécialisés de la langue. Dictionnaires de spécialité*. Paris: H. Champion, pp. 97-104.

RICHARDSON, Charles (1775-1865) *Dictionary of National Biography*. London: Smith: Elder & Co.

RICHARDSON, J. (1992) *UNICEF, Angola Hoje. O Programa de Cooperação em Transição*, Luanda: UNICEF.

ROCHE, Christophe (2011) *Saying is not modelling*, Jornada Internacional, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

RODGERS, T. S. (2001) *Language Teaching Methodology*. ERIC Issue Paper. Washington. DC.

ROGER, Fallon & GEOFFREY, Leech (1992) « Computer Corpora- What do they tell us about Culture? », *ICAME Journal* 16.

ROGET, Peter Mark (1852) *Thesaurus of English Words and Phrases*. Lloyd, Susan M. Essex: Longman Group Limited.

RODRIGUES, Marília dos Prazeres (2012) *A Língua Portuguesa como Língua Segunda na Província do Huambo*. UNL-FCSH. Lisboa.

ROSA, Leonel Melo (1998) *Vamos lá continuar! Explicações e exercícios de Gramática e de Vocabulário para Níveis Intermédio e Avançado*. Lisboa-Porto-Coimbra, Lidel, Edições Técnicas.

ROSÁRIO, Lourenço (1996) *Singularidades*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

SABLAYROLLES, Jean- François (2010) « Néologisme homonymique, néologisme polysémique et évolution de sens », in ALVES, Ieda Maria, (Org.), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Editora Paulistana, São Paulo, 2010.

SABLAYROLLES, Jean- François (2000) *La Néologie en Français Contemporain, Examen du concept et analyse de production néologiques récentes*, Honoré Champion, Paris.

SABLAYROLLES, Jean- François (2003) *L'Innovation lexicale*, Honoré Champion, Paris.

SALLY, Morrison (2004) *Second Language Teaching Methodologies*. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics.

SAPIR, F. (1929) *The Status of Linguistics as a Science*. Language, Wadsington, DC, n.5.

SCHMIED, Josef (1993) *Qualitative and Quantitative Research Approaches to English Relative Constructions*. Amsterdam: Rodopi, 85-96.

SCOTT, Robert (1834) *Lexicon Greek- German Lexicon of Francis Passov*. University of Breslau.

- SEABRA, José Augusto (2002) (coord.) *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. Lisboa.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar (2004) *Teoria e metodologia Literárias*, Universidade Aberta, Lisboa.
- SIM-Sim, Inês (1997) *Avaliação da Linguagem Oral. Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SINCLAIR, J. (1991) *Corpus Concordance, collocation*. London, Longman.
- SINCLAIR, J. (2004) *How to use Corpora in Language Teaching*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Company.
- SOUSA, Otília da Costa (1996) *Construindo Histórias, Quando, Então, Depois*, Editorial Estampa.
- STENSTRÖM (1984A) *Discourse Tags*. In Aarts J. & Meijs W. Amsterdam, Rodopi.
- STEWART, C. & M. Wilkinson (2004) *O abc de Falar em Público*. Porto, Porto Editora.
- STEVICK, E. W. (1974) *English Teaching Forum*. Washington, USA.
- STOCK, M. J. (2003) “Marquês de Pombal”, *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. Lisboa: Instituto Camões.
- SVARTVIK, Jan (1990) “The London Corpus of Spoken English”, *Description and Research: Lund studies in English*, 82, Lund University Press.
- STONE, Eric (1994) *How to use Excel*. USA: Ziff-Davis Press.
- SZENDE, Thomaz (2000) *Dictionnaires Bilingues, Méthodes et Contenus*, Honoré Champion, Paris.
- SZENDE, Thomaz (2000) *Approches Contrastives en Lexicographie Bilingue*, Honoré Champion, Paris.
- TAVARES, C. F. (2007) *Didáctica do Português Língua materna e Não materna no Ensino Básico*, Porto Editora, Porto.
- TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa* (1982), Tradução de Celso Cunha, Martins Fontes, Paris, 26 /3/ 1982.

- THORNDIKE (1921) *A Teacher's Wordbook*. New York, Columbia Teacher College.
- TRAVER, A. and FRIES Charles C. (1940) *English Words Lists*. Washington, DC: American Council of Education.
- UR, Penny (1991) *A Course in Language Teaching*, Cambridge, University Press.
- WARRINER, John E. (1977) *Warriner's English Grammar and Composition. Second Course*. Franklin Edition – USA.
- WERNER, Alice (1915) *The Language Families of Africa*. Austlit: SOAS Archives.
- WILSON, André (2012) *Multilingual Corpora in Teaching and Research*. Lancaster University.
- WORF, B. L. (1956) *Language, Thought and Reality*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- WRIGHT, Joseph (2010) *Studies in Late Modern English Dictionary*. Frankfurt am Main, Berlin, Bernn Bruxelles, New York, Oxford, Vien.
- WÜSTER, Eugen (1998) *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie*, Viena, 1979: Springer [Tradução castelhana: (1998) *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica* ».
- XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, (1991): *Dicionário de Termos Linguísticos Vol. I*, Lisboa, Edições Cosmos.
- XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, (1992): *Dicionário de Termos Linguísticos Vol. II*, Lisboa, Editora Cosmos.
- YAMBO, Francisco (2003) *Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu*. Editorial Nzila, Luanda.
- ZANETTIN, Frederico (2012) *Translation-driven Corpora, Corpora Resources for Descriptive and Applied Translation Studies*. Manchester, St. Jerome publishing.
- ZAU, Filipe (2002, p. 87) *Angola: Trilhos para o Desenvolvimento*. Universidade Aberta, Lisboa.

8.2. DICIONÁRIOS

Academia das Ciências de Lisboa (2012) *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Editora Verbo (I e II volume), 2001.

BAILEY, Nathan (1720) *A New English Dictionary*. Rye, Westchester: New York.

CHICUNA, Alexandre Mavungo (2015) *Dicionário de Siglas e Abreviaturas Angolanas*, Edições Colibri, 4, Lisboa, 2015.

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 2013.

GUENNEC, Grégoire e VALENTE, José Francisco (2010) *Dicionário Português-Umbundo*. Lobito, Escolar Editora, Angola.

HOUAISS, A & VILLAR, M.de S., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (do Tomo I ao VI, versão portuguesa), 2002.

LEWIS, Agnes Smith (1843-1926) *Latin Dictionary*. Cambridge Library Collection.

MAIA, Pe António. S. (1961) *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo*, Editorial Missões - Cucujães.

MAIA, Pe. António da S., *Dicionário Complementar Português- Kimbundu - Kikongo* (Línguas Nativas do Centro e Norte de Angola), 3ª Edição, 2009.

MOURA, J.L. (s/d) *Dicionário Francês-Português*, Ministério da Educação, Luanda, Angola.

MURRAY, James August Henry (1884-1920) *Oxford English Dictionary*. Oxford University Press.

ROMÃO, H. M. & Outros (2005) *Dictionnaire Portugais Hachette & Verbo*, Paris Codex.

SCANTAMBURLO, Luigi (2002) *Dicionário do Guineense, Dicionário Guineense-Português, dicionariu guinensi-portuguis*. Bissau-Bubaque, Faspebi.

SHORT (1879) *Latin Dictionary*. Cambridge University Press.

SINCLAIR, John, (1987) *Collins COBUILD English Language Dictionary*, London, Collins.

SOUSA, J. Martínez de, (1995) *Dicionário de Lexicografia prática*, Barcelona, Bibliografia.

VILELA, Mário (1991) *Dicionário do Português Básico*. Porto: ASA Edições.

XATARA, C. (2007) *Dictionnaire électronique d'expressions idiomatiques français-portugais / portugaisfrançais*. Nancy: ATILF / CNRS.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, (1991) *Dicionário de Termos Linguísticos Vol. I*, Edições Cosmos, Lisboa.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena, (1992) *Dicionário de Termos Linguísticos Vol. II*, Editora, Lisboa.

WARMENHOVEN, Pe. João, *Vocabulário da Língua do Kimbundo de Angola*, Editora Missie Informatie Dienst da Congregação do Espírito Santo, Gemert, Nederland, 1994.

8.3. GRAMÁTICAS

AZEREDO, Maria Olga & outras (2013) *Gramática Prática de Português, Da Comunicação à Expressão*, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Raíz Editora, Lisboa.

AZEVEDO, O.M, PINTO, M.F.I.M. & LOPES, A.C.M., *Gramática Prática de Português*, Lisboa Editora, 2011.

BARROS, Vítor Fernando, *Gramática da Língua Portuguesa*, 3º Ciclo e Secundário, 2ª Edição Atualizada, Âncora Editora, 2013.

COIMBRA, Olga Mata & Coimbra, Isabel (2002) *Gramática Activa 2*. Lisboa – Porto -- Coimbra: Lidel, Edições Técnicas.

CUNHA, C. & CINTRA, L., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa Editores, 18ª edição, 2005.

FIGUEIREDO, J. M. Nunes de Figueiredo & A. G. Ferreira (1979) *Compêndio de Gramática Portuguesa. Curso geral do Ensino Secundário*. Porto: Tipografia Bloco Gráfico, Limitada.

MALUMBU, Moisés. (2007) *Gramática da Língua Umbundu*. Edizioni Vivere in, Roma.

NASCIMENTO, José Ferreira do (1894) *Gramática do Umbundu ou Língua de Benguela*.

Imprensa Nacional, Lisboa.

NGUNGA, Armindo. (2002) *Elementos da Gramática Yao*. Imprensa Universitária

NUNES, Carmen *et al* (1994) *Nova Gramática de Português*. Porto: Plátano Editora.

NUNES, Carmen (2007) *5000 verbos Portugueses conjugados*, 4ª Edição: ECF.

QUINTÃO, Maria Celeste Pereira (1991) *Gramática Inglesa*. Edição ESCHER: Lisboa.

TCHIKWIA, J. M. L. (s/d) *Apontamentos de Gramática da Língua Portuguesa*. Gráfica Aguedense, Lda.

8.4. SITOGRAFIA

<http://pt.wikipedia.org/> línguas de Angola

<http://www.linguasbantu>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Huambo>

<http://portaldeangola.com>

9. ANEXOS

ANEXO 1 . Uma turma do 5º ano de escolaridade

A disposição dos alunos na sala de aulas nas escolas é igual em todas as áreas de ensino quer seja nas aldeias, quer seja nas vilas e cidades.



Fig. 1 Disposição dos alunos numa sala de aulas

ANEXO 2. Outra turma do 5º ano de escolaridade.



Fig. 2 – Outra turma da 5ª classe na mesma escola do Bairro Académico da cidade do Huambo, onde não é muito fácil adaptar metodologias, pelas diferenças sociais.

ANEXO 3. A turma do 5º ano de escolaridade com a sua professora.



Fig.3 – Disposição dos docentes frente aos alunos.

ANEXO 4. Director, Investigador e Subdirectora.



Fig. 4 – Da esquerda para a direita, a sub-Directora da Escola Primária do Bairro Académico; No meio, o pesquisador; O último, o Director desta

ANEXO 5. Uma turma do 7º ano de escolaridade



Uma das Turmas do 7º ano de escolaridade em que se fez a 2ª fase de Pesquisa. Aqui o teste foi feito de forma aleatória, pois há alunos sem o papel de inquérito.



REPÚBLICA DE ANGOLA

GOVERNO DA PROVÍNCIA DO HUAMBO

DIRECÇÃO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

ESCOLA DO I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO COMANDANTE BULA-HUAMBO

DECLARAÇÃO Nº06/EICES-CB/014

A escola do I ciclo do ensino secundário "Comandante Bula" no Huambo, vem por esta declarar que o senhor **Dr. Adriano Fernando Benvindo**, professor do Instituto Superior de Ciências de Educação do Huambo, realizou uma pesquisa referente ao seu trabalho de doutoramento nas turmas 7.1 e 7.2 respectivamente, ocorrida no pretérito dia 20/03/2014.

Por ser verdade e ter-me sido solicitada, passou-se a presente declaração que vai por mim assinada e autenticada com o carimbo à óleo em uso nesta escola do I ciclo do ensino secundário "Comandante Bula" no Huambo.

Huambo, aos 02 de Abril de 2014

O Director da Escola

Pedro Mendonça Mativalya
(Licenciado em C. de Educação)



Anexo 6. Declaração da autorização de pesquisa da respectiva escola